

RÉGIA CRISTINA OLIVEIRA

**JOVENS TRABALHADORES: REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO NA
CONTEMPORANEIDADE**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA FACULDADE DE
FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA HELENA OLIVA AUGUSTO

2001

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	p.02
RESUMO/ ABSTRACT.....	p.05
INTRODUÇÃO.....	p.06
CAPÍTULO 1- JUVENTUDE, FAMÍLIA E LAZER: SIGNIFICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE	p.24
CAPÍTULO 2- TRABALHO, EMPREGO E DESEMPREGO: ATITUDES E EXPECTATIVAS.....	p.57
CAPÍTULO 3- TRABALHAR E ESTUDAR: O PROJETO PARA SI E A PREOCUPAÇÃO COM A FAMÍLIA.....	p.102
CONCLUSÕES-	p.151
BIBLIOGRAFIA-.....	p.158.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à Profa Dra. Maria Helena Oliva Augusto pela orientação cuidadosa, pelo carinho, por sua sensibilidade e inteligência nos apontamentos e sugestões fundamentais em todos os momentos da pesquisa de mestrado. Ainda, pela liberdade que me proporcionou diante da escolha de questões e autores que as fundamentassem.

À Profa. Dra. Heloísa H. T. Souza Martins pelo carinho, paciência e zelo com que vem me conduzindo desde a iniciação científica até o presente momento, sendo responsável pelo crescimento de meu interesse pelo tema juventude e trabalho, tendo também contribuído muito para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado.

À Suzana. S. Evelyn, feliz descoberta, agradeço pelo cuidado nos apontamentos, observações e sugestões pertinentes, por ocasião do exame de qualificação, trazendo novas e importantes questões ao meu trabalho. Também agradeço por sua paciência, pelo tempo e atenção dispensados para novos contatos, mais esclarecimentos e indicações.

À Eliana, sub-sessão do Dieese, pelas referências a textos sobre juventude.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

À Samara, Isabel, Clóvis, secretaria de pós-graduação de sociologia, pela paciência e auxílio constantes.

Ao Prof. Dr. José Chiappin pela atenção de sempre, sendo também responsável por minha iniciação e interesse no universo da pesquisa científica.

Ao Prof. Dr. Sedi Hirano e aos colegas de mestrado pelas observações e apontamentos importantes no Seminário de Projetos, realizado em 1999.

Agradeço muito à minha família, especialmente à minha mãe Ivone, aos meus irmãos Aline e Júnior, aos meus cunhados Luiz e Darci e à minha tia Edna, pelo amor, apoio e interesse por meu trabalho, em todas as suas fases, indispensáveis enquanto estímulo.

Às queridas amigas Melissa, Stella, Cris, Érica, Vivi, Dani e Patrícia, pelo apoio, carinho, pelas conversas e algumas sugestões a respeito do tema juventude, bem como pelo auxílio constante na troca de informações, e, principalmente, pela sincera amizade.

Ao Anísio pelo apoio no início do mestrado, e à sua mãe Glória, agradeço por sua amizade, carinho e auxílio.

Aos jovens de Carapicuíba, para quem dedico este trabalho.

RESUMO

A partir da análise da crise do trabalho em todo o mundo, com a introdução de novas tecnologias, resultando em mudanças nas qualificações dos trabalhadores, nas relações e condições de trabalho, esta dissertação busca investigar as expectativas de jovens, moradores de Carapicuíba, Cohabs 2 e 5, diante desse quadro, bem como o significado do trabalho, emprego e desemprego para eles. O objetivo é tentar apreender representações sobre o trabalho, sua relação com a escola, a família e o lazer.

ABSTRACT

Based on an analysis of the labor crisis in the whole world, with introduction of new technologies, resulting in modifications in workers' qualifications, in labor's relations and conditions, that dissertation searches to investigate youngs' expectancies, that reside of Carapicuíba, Cohabs 2 and 5, in front the stage actual, as well as sense of the work, employment and unemployment for them. The abstract is to try to make apprehension of representations regarding work, the relation of him to school, the family and the leisure.

INTRODUÇÃO

No período da graduação, por ocasião da iniciação científica¹, tive a oportunidade de dar os primeiros passos, com suporte teórico e metodológico, em direção ao universo de uma pesquisa. A partir da elaboração de um projeto, “Investigando o valor do trabalho”, estabeleci os primeiros contatos com trabalhadores, moradores da periferia de Diadema, e com sua realidade, suas expectativas, relacionamento familiar, dificuldades de inserção no universo do trabalho e articulação de estratégias desenvolvidas para buscar melhorar a qualidade de vida de todo o grupo, como a entrada do filho e, às vezes, da mulher, para o mercado de trabalho, o trabalho autônomo e os constantes bicos para ajudar no orçamento, além da solidariedade entre os moradores, que não implicava a ausência de discussões e brigas na família, com freqüentes casos de alcoolismo.

Partindo das observações e das entrevistas realizadas com os jovens e seus pais, fui começando meu trabalho. Num período de dois anos foram feitas leituras, descobertas e algumas entrevistas que indicaram a necessidade de prosseguir. Novas indagações cresciam junto com meu interesse sobre o tema juventude e trabalho.

O projeto de mestrado foi sendo encaminhado de uma forma natural, como resultado de perguntas e inquietações que não puderam ser resolvidas e satisfeitas na graduação. Eram necessários mais estudo, mais investigações, um novo trabalho que teria como suporte a minha experiência anterior² de pesquisa.

E assim foi feito, felizmente. Estudos e investigações tiveram como finalidade apreender as representações que os jovens das famílias de baixo extrato social desenvolvem sobre a atividade trabalho. Perceber significados e interpretações que não se uniformizam pelo simples fato de os jovens vivenciarem situações muito próximas de privações. A juventude

¹ Realizada sob orientação da Profa. Dra. Heloísa H. S. Martins, com financiamento do CNPq.

² Como desenvolve Mills (1969), o cientista social não deve separar a experiência de seu trabalho. Essa experiência diz respeito ao entrelaçamento entre passado e presente, de tal forma que o passado influencia e afeta diretamente o presente e a capacidade de experiência futura.

não é uniforme como também não são os significados que atribuem às dimensões da vida, entre as quais o trabalho. Contribuem para essa diversidade as influências dos diferentes meios, como os familiares, os amigos, a vizinhança, a escola, os grupos sociais, os trabalhos, os meios de comunicação de massa. Em seu universo, os jovens participam de vários meios sociais e relacionam-se no ambiente familiar, no espaço da vizinhança, nos grupos de jovens, nos espaços de lazer, do trabalho e da escola, locais de relações e de socialização. No entanto, essas esferas não são determinantes e nem influenciam passivamente sem também serem influenciadas.

O cenário atual, marcado por profundas transformações em várias esferas da vida, em especial o trabalho, a família e a escola, faz aguçar o interesse de perceber como os jovens interpretam e significam sua realidade, em virtude de serem muito afetados pelas transformações, já que crescem junto com elas, sofrendo suas conseqüências menos positivas, como a precariedade das relações de trabalho e a falência de um ensino noturno pouco vinculado à necessidade dos estudantes que trabalham.

Importa apreender o que têm a dizer sobre o trabalho, no que se refere às expectativas, desgostos e valorações de um modo geral. Depoimentos que sejam capazes de trazer mais luz ao entendimento de suas necessidades e da compreensão de seu modo de viver e significar o que os cerca, pensando menos numa linearidade do que num processo, marcado também por tensões, contradições que se expõem num movimento constante de transição e desenvolvimento do indivíduo jovem.

Tensões e contradições que são ainda mais intensas para os indivíduos das famílias de baixa renda, em virtude das privações e discriminações que sofrem. Residentes em bairros da periferia da cidade, aí estão em maior número. Os municípios da Região Metropolitana de São Paulo concentram uma grande quantidade de jovens de maior e menor idade³. Para a finalidade da pesquisa selecionamos um desses municípios, o segundo mais pobre da Região Metropolitana da Grande São Paulo-RMGSP⁴. A pesquisa foi realizada no

³ Segundo dados da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD) de 1995.

⁴ Essa sigla será utilizada quando estiver me referindo à Região Metropolitana de São Paulo.

Município de Carapicuíba, nas Cohabs 2 e 5. Segundo pesquisas da Fundação Seade, de 1996, esse município faz parte dos trinta e oito da R.M.G.S.P que, no período de 1996, apresentou um crescimento de 10% da população na faixa de 15 a 19 anos. Ainda, também em Carapicuíba há maior concentração de jovens na faixa etária dos 20 aos 24 anos. Esse município é considerado o mais pobre da RMGSP, depois de Francisco Morato, apresentando baixo nível econômico e social.

Com relação à caracterização descritiva do local, Carapicuíba apresenta uma topografia bastante irregular, sendo circumbanhada pelos rios Ribeirão Carapicuíba e Cotia⁵, afluentes do rio Tietê, integrando-se aos municípios de Barueri, Cajamar, Santana do Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus na Sub-região Noroeste da RMGSP. O município de Carapicuíba está situado na sub-região Noroeste da RMGSP, à margem do Tietê, entre as rodovias Raposo Tavares e Castelo Branco e é cortado pelos trilhos da FEPASA e pela rodovia Marechal Rondon.

Segundo dados de 1995 da Secretaria Municipal do Planejamento, o município está dividido em 315 bairros que são dispostos em: 125 vilas, 101 jardins, 25 chácaras, 16 parques e 48 propriedades, totalizando aproximadamente 69.470 unidades habitacionais, 77 aglomerados subnormais⁶. Administrativamente, divide-se em 5 áreas regionais: centro, Cohab, Cidade Ariston, Vila Dirce e Jardim Veloso.

A avenida Ruy Barbosa, segmento da antiga estrada de Itu, é considerada uma das mais importantes do município. Aí estão concentrados a rede bancária, a biblioteca da prefeitura, as repartições públicas, a Câmara de Vereadores, escolas, bares, restaurantes, pronto socorro, ambulatório, Correio, Cadeia Pública, Delegacias de Ensino, lojas e a Eletropaulo.

⁵ Esses rios estão totalmente poluídos, em virtude da inexistência de rede pública de tratamento e de efluentes sanitários, no município.

⁶ Assim definidos na publicação Diagnóstico da situação da criança e do adolescente, op cit, com base no Censo do IBGE de 1991.

Pela sua proximidade geográfica a São Paulo⁷, Carapicuíba passou a atrair grande massa populacional, que vinha em busca da casa própria por preços populares, em loteamentos, clandestinos, na sua grande maioria. Era⁸ comum a compra de terrenos por um grande número de famílias, que depois os dividiam em lotes, construindo as habitações improvisadas da maneira mais diversificada possível e sem nenhum planejamento. Com isso a cidade foi crescendo demograficamente, sem a infra-estrutura necessária (esgotos, pavimentação, sistema viário), de forma desordenada, heterogênea e sem recursos paisagísticos.

No intuito de tentar solucionar o problema de moradia, um grande conjunto habitacional popular⁹ foi projetado e construído. A implantação da Cohab¹⁰ foi um dos fatores responsáveis pela elevação do índice populacional em Carapicuíba¹¹. Vários conjuntos habitacionais¹² são ocupados por uma população de baixa renda¹³.

⁷ O terminal rodoviário FEPASA, localizado na região central da cidade, é uma forma significativa de acesso a São Paulo, Barueri, Osasco e municípios adjacentes. Também é considerado um ponto de aglutinação de grande contingente populacional.

⁸ Consta no Diagnóstico da criança e do adolescente que, em 1875, a Estrada de Ferro Sorocabana, ligando São Paulo a Itu, chegou a Carapicuíba, possibilitando o melhor acesso a outros municípios. Esse fato foi considerado como um dos fatores de atração populacional. Mas são as décadas de 70 e 80 que são apontadas como períodos de grande fluxo migratório em direção a Carapicuíba e Osasco, responsáveis por receberem 72% dos migrantes, contra 28% distribuídos na RMGSP. O aumento populacional de Carapicuíba dá-se menos em função do crescimento vegetativo do que das migrações. Na década de 40, a migração foi responsável por 73,20% do crescimento populacional da RMGSP.

⁹ O espaço utilizado para a construção foi uma antiga fazenda, utilizada até a década de 60 para receber bois que seriam abatidos no matadouro km 21, hoje estação General Miguel Costa.

¹⁰ A Cohab é composta por grandes conjuntos habitacionais, de grande densidade demográfica, ocupados por uma população de baixa renda.

¹¹ Dados de 1995, do Diagnóstico da criança e do adolescente, mostram que, em 1994, o município apresentou uma densidade demográfica de 8,565,75 habitantes por Km², considerada alta ao compararmos com a RMGSP para o mesmo período, 2,167 ha/Km². Dessa população, a maior parte é composta por mulheres, 50,55%, registrados em 1995.

¹² O tipo mais comum de construção habitacional no Município é a construção popular, em alvenaria, de blocos de cimento e cobertura de laje pré-fabricada de concreto.

¹³ São consideradas pobres as famílias cuja renda é inferior à metade da renda per capita média. E miseráveis as famílias com renda de até ½ salário mínimo. A população de Carapicuíba é considerada de baixa renda. Apenas 4,12% dos chefes de família auferem mais de 10 salários; 24,63% dos chefes de família têm rendimento que varia de 3 a 5 salários mínimos; 77,45% está na faixa que recebe até 5 salários mínimos. (idem).

Outros fatores, como a presença da rede ferroviária, que dá acesso a outros municípios e à cidade de São Paulo e o preço relativamente baixo da terra¹⁴, tornaram o lugar atraente para a população migrante de baixa renda, em busca de residência.

Todavia, a atratividade em função da residência não é extensiva ao mercado de trabalho no município. A maioria da população trabalha e vive parte de sua vida em outra cidade, incluindo o que se refere ao lazer. Assim, Carapicuíba é caracterizada como cidade dormitório, o que significa incapacidade de arcar com o aumento populacional, oferecendo condições a esses indivíduos de não apenas viver na cidade mas ter como sustentar a si e à sua família por meio do trabalho.

Dados de 1991, sobre os setores industrial, comercial, de serviços e agropecuário, mostram que apesar do maior número de estabelecimentos estar no setor do comércio, é a indústria que mais absorve a mão-de-obra, dando emprego para 52,2% dos que estão ocupados. Todavia, nos últimos anos, esse setor vem decrescendo, ao contrário do setor de serviços que vem crescendo, absorvendo 22,7%, acompanhando uma tendência mundial. Já o setor do comércio absorve 19,2% do total de oferta da trabalho regular da cidade.

O setor agropecuário¹⁵ tem pequena representatividade, o que se justifica em razão do município ser essencialmente urbano. Contudo, no período de 1992, o seu maior destaque¹⁶ coube à produção de feijão.

Ao lado dos percentuais de ocupação em cada setor, existe uma alta taxa de desemprego aberto na cidade. Um dos fatores que contribui para o aumento da população sem emprego é a informatização do setor de comércio, que vem fazendo com que ocorra um enxugamento no seu quadro de pessoal. Em 1995, a RMGSP apresentava uma taxa de

¹⁴ Segundo consideração apresentada no Diagnóstico da criança e do adolescente, sem referência a cifras.

¹⁵ Em 1992 era representado por 188 cabeças (equinos, bovinos e suínos). Não possui avicultura.

¹⁶ Em 1992, foi registrada a produção de uma tonelada de feijão. Presume-se que, em um município essencialmente urbano, essa produção decorra da presença de nordestinos na sua população, para quem o feijão faz parte da alimentação diária, aliado ao fato desse produto ser uma cultura de subsistência. (Diagnóstico da criança e do adolescente, op.cit)

desemprego de 13,3%, enquanto, em 1985, essa taxa era de 9,8%. No município de Carapicuíba a taxa de desemprego vem evoluindo na mesma proporção.

Outro fator que dificulta o acesso da população do município aos empregos regulares é o seu baixo nível educacional: 11,77% é composta por analfabetos, grande parte da população apresentando apenas 4 anos de escolaridade. Todavia, esse número se refere, principalmente, aos pais dos jovens. Estes últimos costumam ter escolaridade maior.

A educação escolar, ensino fundamental e médio, é basicamente oferecida pela rede estadual, que conta com um total de 58 estabelecimentos (38 do ensino fundamental e 22 EEPSG). O ensino de segundo grau funciona quase que exclusivamente à noite. Apenas duas escolas oferecem o curso no período diurno. O município possui apenas 4 escolas particulares com, 1500 alunos, aproximadamente, distribuídos entre o ensino fundamental, médio e supletivo. A localização das escolas também não se subordina a um planejamento criterioso. Em grande parte das vezes, as escolas foram construídas por critérios políticos e circunstâncias, e nem sempre foram apoiadas em estudos de demanda.

Os jovens matriculados no ensino fundamental correspondem a 84,53% do total. O ensino médio apresenta número bem menor de matriculados, 15,47%. Nesses percentuais, devem-se levar em conta a falta de oferta de vagas nas escolas e a desistência de muitos jovens, que deixam de freqüentar a escola por pertencerem às famílias com renda considerada insuficiente para a sobrevivência, havendo a necessidade de começarem a trabalhar o mais cedo possível. Aliado a esses fatores, devemos também ressaltar o distanciamento da escola das necessidades e realidades dos estudantes, em especial, do curso noturno, fazendo com que o processo de intermitência e/ou afastamento da escola seja aguçado.

Os jovens que terminam o curso fundamental e optam por cursos profissionalizantes devem procurá-los fora de Carapicuíba, uma vez que eles não são oferecidos no município.

Com relação ao lazer e à cultura, não existem equipamentos para espetáculos culturais como concertos, festivais, palestras, teatro, recitais. Há apenas um cinema que foi

transformado em teatro, recentemente. Os clubes são todos privados, não permitindo o acesso à maioria da população.

Como podemos perceber, o Município de Carapicuíba está longe de participar da magnitude econômica da RMGSP, que gera uma riqueza de 18% do PIB, concentrando 300 das mil maiores empresas nacionais e estrangeiras existentes no país, entre outros dados de significativa relevância nacional e internacional¹⁷.

Tomando por base os dados anteriormente apresentados, com relação ao município e à sua população, no que se refere aos aspectos econômico e social, a pesquisa de campo pôde ter início, uma vez que a região estava caracterizada. No entanto, era necessário definir os locais convenientes que seriam “recortados” para que as entrevistas fossem feitas, bem como os critérios de seleção dos jovens.

Com relação à segunda necessidade, como critério de seleção procurei entrevistar garotas e rapazes em diferentes situações profissionais no mercado de trabalho (empregados, desempregados, inativos), distintos também no que se refere à condição de trabalho (regular, irregular, temporário, permanente). Combinado a essas possibilidades de trabalho e emprego, busquei selecionar jovens de diferentes situações escolares (estudantes e não estudantes, de curso noturno e diurno, que fizessem e não fizessem curso profissionalizante). Assim, entraram jovens que estavam trabalhando e estudando, que estavam só trabalhando e que estavam só estudando. Também foram critérios de seleção o estado civil (solteiro, casado, separado) e a composição familiar (morando com os pais, sozinhos ou com o cônjuge, e, ainda, jovens com e sem filho (s)).

Apreender representações desenvolvidas por jovens pertencentes às camadas dos baixos estratos sociais, é ter como pressuposta a diversidade de situações que influenciarão as diferentes concepções e interpretações sobre o trabalho. O contexto, marcado pelo desemprego, por exemplo, pode trazer a maior valorização do trabalho, devido à sua

¹⁷ De acordo com os dados do Plano Metropolitano da Grande São Paulo de 1994, conforme consta no Diagnóstico da criança e do adolescente, 1996.

escassez. A situação escolar e a procura por cursos profissionalizantes também estão entrelaçadas à representação sobre o trabalho. Por fim, homens e mulheres, solteiros e casados, com e sem filhos, morando com os pais e morando sozinhos, não encaram o trabalho da mesma forma, como veremos.

O trabalho e o tipo de atividade exercida, a situação no mercado (empregado, desempregado), a escola, a relação estabelecida com ela, a partir de experiências marcadas por prazeres e desgostos, a família, a relação familiar, os tipos de composição e o convívio entre as pessoas, a sociabilidade e o lazer compõem algumas das esferas, com racionalidade própria (Weber: 1991), vividas pelos jovens de maneira particular, de acordo com suas trajetórias e expectativas futuras, que são singulares.

Os jovens participam dessas esferas em seu cotidiano, devendo estar inteiros em cada uma delas, o que significa compactuar com as racionalidades que as tornam específicas, ao mesmo tempo em que são associadas umas às outras de maneira particular. Assim, as esferas são vividas integralmente, incluindo as múltiplas relações sociais demandadas em cada uma e ainda, entrelaçadas, não de qualquer forma, mas de maneira significativa para eles.

Contemporaneamente, é a esfera do trabalho que determina os momentos permitidos ao lazer e possíveis também ao relacionamento familiar, desfrutados no intervalo de tempo em que o indivíduo não trabalha. Assim, o trabalho se impõe como mediação das relações humanas, gerando necessidades também referentes ao tempo livre em cada esfera: o lazer, a vida doméstica, a escola, os amigos. Participar de cada esfera é viver esses diversos tempos mediados pelo tempo do trabalho, segundo uma relação dialética, por exemplo, com a esfera do lazer: o trabalho cria a necessidade do lazer, que só tem sentido em oposição ao trabalho. (Nasser: 1996). Posteriormente, nas análises das entrevistas, poderemos perceber que essa relação do trabalho com as outras esferas da vida persistem e são extensivas à família e à escola, o que provoca tensões na vida dos jovens.

Assim, não estamos pensando em uma linearidade, mas, antes, em um processo muitas vezes marcado por contradições, que são acirradas por transformações constantes, bastante significativas quando falamos nos jovens de hoje, indivíduos que, diferentemente de seus pais, crescem junto com essas transformações (Sposito: 1997), ajudando a construí-las (Peralva: 1997). Os indivíduos adultos vivenciam o novo, defrontando-se com a decomposição de um modelo antigo de sociedade (idem), talvez com maior estranhamento, também não sem tensões, com momentos de libertação, de prazer, e outros de desgosto e aprisionamento.

Cada uma dessas esferas - trabalho, escola, lazer, família e o seu inter-relacionamento - traz elementos que definem representações específicas. Estas também têm relação com a maneira como os jovens vivenciam e significam suas experiências, dependendo ainda do contexto e do momento pessoal em que se encontram (casado, solteiro, com ou sem filhos).

A partir dessas considerações, parti para a pesquisa de campo, tendo os critérios de seleção em mente, para poder apreender as representações desenvolvidas sobre o trabalho.

Como não conhecia o local, antes precisava estabelecer os primeiros contatos. Conversando com algumas pessoas que moram em Osasco e proximidades, fui apresentada à Salete, cunhada de Rose, uma amiga que reside na Cohab 5. Após conversar com ela, explicando a finalidade de meu trabalho, pedi que me apresentasse a algumas vizinhas que tivessem filhos na faixa etária dos 16 aos 24 anos. Ela lembrou-se de algumas pessoas, nem todas do mesmo prédio. Fui falar com cada uma das vizinhas indicadas para explicar-lhes o meu trabalho e fiquei sabendo o horário em que seria mais fácil encontrar os jovens em casa. Peguei telefones e endereços e marquei um dia para as primeiras conversas. Todos foram bastante solícitos. A única jovem que encontrei em casa naquele primeiro momento foi Liliana, filha da proprietária de uma sorveteria, que fica embaixo de seu prédio.

Essa sorveteria é bastante conhecida no local e também muito freqüentada pelos jovens que moram naquela região. O acesso à sorveteria facilitou-me a entrada nas outras casas, pois as mães dos jovens sempre me perguntavam de onde eu era, quem eu conhecia ali e,

quando eu falava da Liliana, elas mudavam imediatamente de postura, deixando de lado qualquer desconfiança. O fato de ser aluna de mestrado da USP não me facilitou tanto a entrada quanto o de conhecer fulano ou sicrano que morava por perto. Apenas quando ia conversar com algum jovem que valorizava mais os estudos, que pretendia fazer ou já estava fazendo uma faculdade, o fato de também ser estudante facilitava a entrevista.

No início, Liliana dispôs-se a me ajudar a conversar com alguns amigos, moradores da Cohab 5, para que eu os entrevistasse. Em pouco tempo já estava circulando mais à vontade pelas ruas e já era conhecida como a “menina da entrevista”.

Foram três meses de entrevistas: de novembro de 2000 a fevereiro de 2001. Nas duas primeiras semanas de novembro, fui até lá todos os dias, para conhecer e ser conhecida, fazer algumas entrevistas, fazer contato com os moradores, conhecer a região, observar a rotina do lugar. Depois, foi necessário marcar os encontros somente nos finais de semana, para não atrapalhar nem a escola nem o trabalho dos jovens. Entretanto, isso interferia no seu descanso. Procuramos amenizar essa situação, indo pela manhã e também depois do almoço, já que os jovens saem mais à tarde. Também não era prudente ficar até muito tarde devido aos perigos de violência nas ruas, aconselhavam-me algumas pessoas.

Comecei pela rua Betim, que tem alguns conjuntos habitacionais. Desse lugar fui para outros prédios, na Cohab 5. Vinte entrevistas foram feitas ali. As outras vinte e uma foram feitas na Cohab 2, também em virtude de lá estarem as melhores escolas, segundo a opinião dos jovens: a EEPSG Reboir e a EEPG Manuel da Conceição, além de uma das quadras esportivas, a academia Galpão, e o Parque Ecológico dos Paturis.

Nas quarenta e uma entrevistas estão jovens de ambos os sexos, na faixa etária dos 16 aos 25 anos, solteiros, casados, com e sem filhos, trabalhadores, desempregados e estudantes, segundo os critérios já mencionados.

Com relação à faixa de idade - 16 a 25 anos - é necessário um esclarecimento. A princípio, a idéia era entrevistar jovens com idade entre os 16 e os 24 anos, faixa também utilizada

pelo Seade/Dieese na pesquisa com jovens. No entanto, no desenrolar do trabalho de campo, acabei entrevistando um jovem de 25 anos, acreditando que tivesse 24. Ao final da entrevista, quando fui confirmar os dados pessoais, percebi o engano. Deixei em suspenso seu depoimento.

Depois de ter feito todas as entrevistas que achei suficientes, percebi que seria interessante retomar o depoimento daquele jovem. Apesar dessa escolha fazer com que o meu trabalho tenha uma certa perda metodológica, uma vez que estou trabalhando com dados do Seade/Dieese que utiliza a faixa dos 16 aos 24 anos, e com outra faixa, dos 16 aos 25 anos, pela inclusão de um entrevistado com 25 anos, por outro lado, acredito haver um ganho no corpo e conteúdo do texto, pela melhor compreensão das representações e significados do trabalho nos dias atuais, em função das contribuições vindas desse depoimento.

A extensão da idade do que chamamos juventude, fazendo com que seja difícil precisar o seu limite¹⁸ (Souza Martins: 1997), torna mais aceitável a opção pela inclusão daquele jovem, não prejudicando sua conceituação, nem a análise que será feita dela, a partir dos depoimentos colhidos.

No que se refere à caracterização da adolescência, não estamos precisando com muita clareza, que faixa etária ela delimita. A maior dificuldade é com relação ao seu limite superior, que não ficou definido. De qualquer forma, no que se refere à idade, a adolescência pode ser pensada como sendo marcada pelo período que se estenderia dos 16 aos 19 anos¹⁹. Assim resolvi fazer um número maior de entrevistas com os indivíduos de 19 anos, que estariam no limite da entrada da juventude ou no final da adolescência. Acredito que essa imprecisão não tenha acarretado comprometimento para as finalidades deste trabalho.

¹⁸ Pochmann (1998), em seu artigo A inserção ocupacional dos jovens nas economias avançadas, traz essa questão, destacando os diferentes limites da juventude para alguns países europeus.

¹⁹ Segundo a Organização Internacional do trabalho (OIT), a adolescência está compreendida pela faixa etária que vai dos 15-19 anos, enquanto a denominação de jovem abrange os indivíduos que têm entre 20-24 anos. (Souza Martins: 1997).

Antes de começar as entrevistas, elaborei um roteiro²⁰ contendo perguntas a respeito de trabalho, escola, família, lazer, religião e sociabilidade. Foram feitas quarenta e uma entrevistas. A preocupação foi a de chegar a um nível de saturação nos resultados, pela repetição dos dados, nas respostas. O objetivo não era o de fazer um levantamento. O roteiro servia para conduzir a entrevista, buscando captar preferências, desagradados, valores e representações dos temas propostos. O trabalho é parte da vida dos jovens e para apreender, especificamente, a importância, o espaço que ocupa na vida deles, a representação que desenvolvem a respeito, era necessário tomá-lo não isoladamente, mas do modo como se efetiva, fazendo parte da vida e estando relacionado às outras dimensões: ao lazer, à família, à escola, à sociabilidade.

Em algumas ocasiões, as mães interferiram, nos momentos das entrevistas. Quando isso acontecia, quando as mães começavam a questionar o meu papel e as intenções do trabalho, provocavam aborrecimentos e reclamações dos jovens que seriam entrevistados, que ficavam envergonhados. Aos poucos, eu as tranquilizava e a entrevista corria bem.

Às vezes, algumas mães e alguns jovens se impressionavam com o fato de eu ser aluna da USP, querendo saber como eu tinha conseguido entrar, pedindo, no caso das mães, para eu aconselhar o filho ou a filha a estudar mais.

Durante as entrevistas, também aconteceu de eu ser convidada para almoçar e também para voltar outras vezes. Algumas mães preocupavam-se comigo, perguntavam se eu estava me alimentando bem “para estar andando por aí fazendo entrevistas”, perguntavam se eu morava longe, avisando-me do perigo de ficar andando nas ruas até mais tarde

Também fui chamada para fazer parte de um grupo de estudos de Filosofia, composto por dois dos jovens entrevistados. A maior parte dos jovens que diz participar de algum grupo, está relacionado às religiões Católica e Evangélica. São grupos de jovens dentro das religiões. A maioria dos que participam é composta de jovens mulheres. Nesses grupos, os

²⁰ Esse roteiro é resultado de um pré-teste feito com 12 jovens, que me sugeriram alterações, a partir de algumas impressões que tiveram. Com o pré-teste, também pude avaliar o tempo necessário para fazer as entrevistas, assim como a melhor forma para abordar cada assunto proposto.

participantes fazem visitas a orfanatos, asilos e participam de campanhas beneficentes. Um dos jovens toca no coral da Igreja Evangélica.

Com relação à participação em grupos, outros dois jovens têm um conjunto musical de rock e um terceiro diz participar do grupo de torcidas Gaviões da Fiel. Nenhum deles participa de qualquer grupo político ou sindicato. Dois são diretores de centros acadêmicos. Estes são bastante articulados e estudiosos.

Em minhas andanças pela Cohab, algumas pessoas paravam-me para perguntar como estava indo meu trabalho, quantos jovens eu já tinha entrevistado, enfim, conseguia ir me incorporando, já era aceita pela população, ainda que como uma estranha no lugar, pois eu não era “do pedaço”²¹.

Fui muito bem recebida em todas as casas. Os jovens entrevistados também indicaram outras pessoas, o que me possibilitou organizar uma rede de amigos.

Quase todas as entrevistas foram feitas no interior das casas. Marcávamos as entrevistas nos horários que fossem mais tranquilos e os jovens escolhiam o local. Algumas vezes, não foi possível evitar os olhares atentos das mães, que davam um jeito de ficar por perto. Nesses casos, ainda que raramente, também apareceram interferências e palpites na conversa. Eu as ouvia e perguntava novamente para o jovem o que gostaria de saber deles. Elas percebiam que minha intenção era saber o que eles achavam, qual era a opinião dos jovens e não julgá-los pelas impressões da mãe, que convivia com eles e “sabiam” quando não estavam sendo sinceros. Habitualmente, as interferências aconteciam no item a respeito da família, do relacionamento dos jovens com seus pais, a relação de respeito, autoridade e importância da família, o que era bastante razoável. Nos demais assuntos, não houve problemas de interferência.

²¹ O “pedaço” se refere ao lugar freqüentado pelos colegas, “os chegados”. A esses indivíduos não se pergunta quem são ou de onde vêm, do que gostam ou do que se pode ou não fazer. Todos se reconhecem por sinais exteriores: postura, vestimentas, linguagem. (Magnani: 1998).

Em outras ocasiões, por decisão do jovem, a entrevista foi feita na casa de um outro amigo, pela maior tranqüilidade. Em uma delas, por haver muita gente conversando no interior da casa, a entrevista foi feita nas escadas do prédio, que dão acesso aos apartamentos.

Uma vez, eu e uma das jovens tentamos fazer uma entrevista na sorveteria, mas percebemos que, apesar de toda a boa vontade da mãe da Liliana em separar um cantinho com cadeiras, dentro do balcão, para que conversássemos, além do fato de estarmos ocupando um espaço de atendimento, havia muito barulho da rua. Marcamos um outro dia para conversarmos na casa da jovem.

No geral, os jovens não se importavam em dar a entrevista e não se aborreciam com o tempo gasto para a mesma, mais ou menos uma hora. Em uma ocasião, um deles, com quem eu iria conversar, foi se arrumar para a entrevista, ficando desapontado quando achou, pela demora da entrevista anterior que eu estava realizando, que não seria entrevistado. Muito simpático, achava importante dar o seu depoimento, poder falar. Como percebe Magnani (1998), o fundamental é falar, sentir-se ouvido e reconhecido como alguém pertencente ao “pedaço”, mesmo porque os seus amigos estavam sendo ouvidos por mim.

Na maior parte das vezes, os jovens do sexo masculino foram menos falantes do que as do sexo feminino. Os meninos mais falantes eram também os mais escolarizados. Percebi, no caso dos meninos, que tinham dificuldades ou vergonha de se expressar, que quando falava olhando para o roteiro das entrevistas a conversa fluía melhor. Com as jovens, não havia esse problema.

É importante ressaltar que os momentos de silêncio, de pausa, a demora para responder a uma pergunta, uma afirmação mais fraca, sem entusiasmo, outra mais efusiva, foram apreendidos na hora das transcrições das fitas e anotados nas observações de campo. A “fragmentação do discurso, as redundâncias, os silêncios, o não dito, o gesto que acompanha, modifica ou substitui a palavra são tão ou mais importantes do que aquilo que é expresso discursivamente” (Magnani: 1998: 53).

No momento da entrevista, as pessoas nos informam não só com as palavras, mas também com o silêncio, com a pausa, com as entonações, com as expressões faciais. São formas diferentes de expressão do mesmo universo simbólico, dos gestos que se complementam, se opõem e se contradizem, mostrando no que as pessoas acreditam, o que legitimam e idealizam e, ao mesmo tempo, o que decidem dentro de um sistema de hierarquização de valores e preferências, na sua vida cotidiana e nas suas representações.

Segundo Lefebvre (1980), o conceito de representação implica a linguagem, que é o veículo pelo qual as representações substituem o que se quer representar por meio de palavras ou pela escrita, expressões da linguagem. Para esse autor, a representação refere-se ao que é “percebido” pelo indivíduo, sendo constituída pela mediação entre o representado e o representante, entre o vivido e o concebido. Refere-se ao percebido, à interpretação do vivido e da prática.

Representar é um ato de repensar, refazer o que é apreendido de uma forma particularmente significativa. “Pensar é (se) representar fora da presença, na espera e na falta, ou mesmo na necessidade e no desejo; mas é também tender à superação da representação” (idem: 240).

O que representamos está ao mesmo tempo presente e ausente na representação. Uma é condição para outra. Presença e ausência não se excluem. Uma é medida pela outra. A presença do trabalho fixo que o jovem deseja está inteira na sua ausência, pelo desemprego ou pelo trabalho precário. As representações interpretam e têm o poder de interferir na prática social, revelando o possível, que define sua força (Martins: 1996).

Lefebvre (1980: 55) acrescenta que as representações não são nem falsas nem verdadeiras mas, ao mesmo tempo, falsas e verdadeiras: verdadeiras porque são respostas a problemas “reais” e falsas na medida em que dissimulam os verdadeiros objetivos. É assim que a substituição do trabalho concreto pelo tempo de trabalho responde à necessidade real de alguma medida do trabalho mas, e ao mesmo tempo, dissimula a verdadeira finalidade dessa substituição. (Evelyn: 1998). A medida do trabalho não é o trabalho, mas sua

representação. Assim como a medida de tempo não é o tempo, mas sua representação pelo relógio tornou possível o desenvolvimento do capitalismo.

Essas substituições, de produtos, obras, imagens e relações, são perpetuadas e aparecem socialmente concretas. A representação, pelas substituições que estabelece e “como produto de um determinado processo social, está referida à problemática da dominação e da exploração” (Martins: 1996: 94), como aconteceu na história do capitalismo, uma vez que as representações sobre o trabalho tornaram possível fazer com que os trabalhadores se adequassem a um novo ritmo de trabalho, necessário à dominação.

Sendo sempre social, apesar de expressa individualmente pelo sujeito que redefine o conjunto de idéias que estão socialmente disponíveis, a representação não nasce com o sujeito, mas é construída a partir da relação estabelecida com as pessoas dentro do seu universo social de pertencimento, mediante as experiências e o significado atribuído a elas, elaborado socialmente, tendo um sentido próprio para o indivíduo.

As representações são mediações que nos ajudam a explicar como velhas noções convivem com novas, mostrando-nos como, nos dias de hoje, a transformação do trabalho revela-se como um processo contraditório e complexo. (Evelyn:1998)

A informação que o trabalho nos traz é diversa, segundo suas diferentes formas de expressão na sociedade capitalista: trabalho assalariado regular, trabalhos precários, parciais, temporários, em domicílio, autônomo. Dependendo do trabalho que as pessoas desempenham e, com ele, do conjunto das condições em que se efetiva, teremos uma dada expressão e representação da atividade.

Mesmo realizando tarefas semelhantes, o universo e as representações que cada indivíduo cria diferem do conteúdo das representações de qualquer outro. As experiências de trabalho e do cotidiano que cada um vivencia, os efeitos e a forma como são percebidos pelo indivíduo, são específicos para cada um.

Entretanto, as noções correntes sobre o trabalho também são resultado de uma construção histórica²². Elementos novos convivem hoje com noções antigas, como a do trabalho enquanto cativo, com conseqüente manifestação do desejo por um trabalho autônomo, expresso por muitos jovens.

Fazer e pensar são duas ações simultâneas. Mas os “pensamentos variam muito no tempo e nas diversas formas de organização social criadas pelo homem, mesmo em se tratando de um aspecto tão essencial, tão inerente ao ser humano como é o trabalho” (Evelyn: 1998: 14). No capitalismo, o trabalhador produz valor e mais valor em troca de salário (Marx: 1985). Juntamente com essa produção contínua para o capital, o trabalhador elabora a representação de sua atividade. A representação do trabalho variou bastante historicamente, assim como sua importância para as pessoas, devido às diferentes formas de relações sociais entre os indivíduos. Transformações na forma de produzir e reproduzir a vida não são recentes. O que há de novo, no momento contemporâneo, é o conteúdo dessas transformações. (Evelyn: 1998).

A noção em voga sobre o trabalho no Brasil, sua interpretação nos dias atuais, tem suas raízes na forma como a sociedade brasileira se organiza, sob a égide do capital. Há uma noção corrente, reproduzida pelos jovens, de que o trabalho dignifica²³ o homem. É o trabalho, a produção dos meios de vida, que atesta a humanidade das pessoas, distinguindo-as dos animais (Marx: 1985). O trabalho é o caminho da maturidade. (Evelyn: 1988). É ele que tira os homens, jovens e velhos, do descaminho do crime, da marginalidade, dos vícios. (Gouveia: 1983; Evelyn: 1988; Nasser: 1996; Gomes: 1997). O trabalho dá direito à vida. Que trabalho e que vida? (Evelyn: 1988). É uma indagação que persiste, cuja resposta será buscada com os próprios jovens.

²² A respeito de algumas representações do trabalho ao longo da história, tomar como referência: Arendt (1981), que analisa a Antiguidade, com o objetivo de refletir sobre a degradação do trabalho no momento contemporâneo, Weber (1996) e/ou Marx (1975) que, sob perspectivas diversas, analisam o período medieval até a era do capitalismo.

²³ Até o final do século XIX, no Brasil, o trabalho era considerado uma atividade compulsória, devida à experiência, de séculos, do escravismo, retardando a compreensão do valor moral, pedagógico e essencial da atividade. (Evelyn: 1988). Hoje, o trabalho dignifica o homem

Grande parte deles está desempregada ou excluída do mercado de trabalho, não podendo exercitar os valores e representações relacionados ao trabalho que são socialmente difundidos, como as noções correntes de que “o trabalho é tudo”, “sem trabalho não se vive”. Essa situação marca as contradições de nosso momento contemporâneo, principalmente para os jovens, pois vivemos num meio que valoriza a atividade mas que a nega aos indivíduos.

JUVENTUDE, FAMÍLIA E LAZER: SIGNIFICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

1.1. Caracterização sociológica da juventude: alguns pressupostos teóricos

A preocupação com a definição do momento histórico de aparecimento da juventude, separada da vida adulta, é encontrada em Àriès (1981). Segundo o autor, a juventude enquanto uma fase socialmente distinta foi construída no desenvolvimento da sociedade ocidental por meio “da progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida adulta”,²⁴.

Segundo esse autor, percebida como uma fase da vida socialmente distinta, a adolescência tem origem na sociedade moderna ocidental. Daí em diante, com a Primeira Guerra Mundial, a adolescência se expande, “empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente”.

A adolescência é um fenômeno recente; todavia, não há um padrão universal que possa caracterizá-la. Culturas distintas podem apresentar esse momento da vida sob diferentes aspectos. Algumas sociedades, por exemplo, adotam ritos de passagem, que são desconhecidos na nossa. (Palácios: 1995).

Talvez fosse mais conveniente falarmos de adolescentes, ao invés de adolescência, em virtude de estarmos diante de indivíduos que, nessa fase, atribuem significados diferentes às experiências comuns, também vivenciando experiências diversas, passando por processos específicos de transformações do corpo²⁵, na função cognitiva e nos relacionamentos com

²⁴ Na Idade Média não havia separação entre o universo infantil e o adulto. Adultos e crianças conviviam no mesmo espaço. Também não havia separação entre o universo da família e o universo social mais amplo.

²⁵ Com relação a essas transformações, Palácios traz alguns de seus aspectos, que afetam de forma diferente meninos e meninas. Para os primeiros, são destacados a mudança de voz, os pêlos faciais e o alargamento dos ombros. Com relação às meninas, destaca o crescimento das mamas e o alargamento dos quadris. Juntamente com essas características, há um processo de transformação física posto em marcha a partir de uma série de mecanismos hormonais, desencadeando modificações, de forma diferente, para ambos os sexos. A esse

os outros. Mas, a maneira como dão significado às suas trajetórias particulares são pessoais. Assim, para que possamos melhor compreendê-la, é necessário não homogeneizarmos a adolescência, enquanto categoria social. (idem).

Biologicamente, o período da adolescência é marcado por um conjunto de modificações físicas, resultado de mecanismos hormonais, apresentando um padrão diferente em ambos os sexos. (Palácios: 1995). A adolescência traz a maturidade física, com o desenvolvimento dos corpos, mas o indivíduo ainda não é considerado adulto. Quando sai da adolescência, o indivíduo é considerado jovem.

Há, ainda, muitas vezes, uma indistinção entre o fenômeno da adolescência e o da juventude. Palácios não faz essa distinção, trabalhando com a idéia de que entraríamos na fase adulta ao final da adolescência. No desenvolvimento de sua argumentação, a adolescência mistura-se com a fase da juventude.

Para o autor, a incorporação do adolescente no universo adulto é cada vez mais complexa. Contemporaneamente, encontramos cada vez mais “pessoas física e psicologicamente adultas, mas não assim consideradas socialmente, pois continuam na dependência dos pais, não se incorporam ao mundo do trabalho, não podem formar uma unidade familiar própria, etc (...)”, não porque esses indivíduos não desejem a independência, mas porque “as difíceis condições sociais para ascender ao mundo laboral, o prolongamento da escolaridade, o custo de vida, etc., tornam impossível a materialização desses desejos.” (p.269). Mais do que a idade, as condições que possibilitaram ao indivíduo ter o seu trabalho, sair da casa dos pais e deixar de ser estudante revelam a sua independência, o seu *status* de indivíduo adulto. Nessa linha de pensamento, se o indivíduo não consegue satisfazer essas condições, não pode ser considerado socialmente uma pessoa adulta. Todavia, essa é uma afirmação complicada e talvez reducionista de classificar os indivíduos.

conjunto de transformações Palácios designa de puberdade, fenômeno biológico universal. Diferente da adolescência, que caracteriza como um fato psicossociológico não necessariamente universal.

Se levarmos em conta o cenário atual, marcado pelo desemprego estrutural e por modificações diversas, que ainda estão se processando, na esfera do trabalho e na vida de todos, devemos esperar dificuldades de aquisição do status de adulto até mesmo para aqueles que, biologicamente, já atingiram a maturidade, já que também passam longos períodos de desemprego, necessitando, muitas vezes, morar com os pais e o seu cônjuge e, ainda, por vezes, sendo sustentados pela aposentadoria dos pais. Acima de tudo, devemos esperar reflexos na forma como os indivíduos estão vivenciando e interpretando as novas situações.

O contexto externo, que dificulta, para os jovens, a aquisição de independência, não pode ser determinante para a sua caracterização como jovem, pois as dificuldades também se apresentam para os adultos. A maneira como os indivíduos processam, reagrupam e valoram o universo à sua volta também deve ser levada em conta. Estamos diante de novos indivíduos, nascidos junto a novas e contínuas transformações. Ainda não nos é possível determinar com exatidão quem são os jovens, por fatores apenas ligados à aquisição de independência no universo do trabalho. Hoje, muitos deles optam por morar mais tempo com os pais, mesmo quando já poderiam morar sozinhos. Outros já trabalham, moram sozinhos ou com o cônjuge e têm muito em comum com outros indivíduos da mesma idade, que são totalmente dependentes dos pais, seja nas preferências, seja nos lugares que frequentam

De qualquer forma, uma coisa podemos falar: é cada vez mais difícil precisar o término da adolescência (Palácios: 1995) e o final da juventude (Souza Martins: 1997), pensando nos limites de idade. Essas considerações devem ser levadas em conta nos estudos sociológicos sobre a juventude.

Pais (1990), ao desenvolver seus estudos sobre “as juventudes”, apresenta-nos duas correntes sociológicas: a geracional e a classista. Ambas trabalham com o termo “cultura juvenil” associado ao conceito de “cultura dominante”. No primeiro caso, “as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas”; no

segundo, “as culturas juvenis são uma forma de ‘resistência’ à cultura de classe dominante”.

Ao apresentar a corrente geracional, o autor parte da idéia das discontinuidades geracionais de Mannheim. Nessa concepção, a juventude é tomada de maneira uniforme, como uma categoria formada por indivíduos da mesma faixa etária, uma geração social que se opõe à cultura de outras gerações, por apresentar referências sociais e culturais distintas.

Mannheim (1968), em seu estudo sobre a juventude, tem como preocupação entender o seu significado social, uma vez que a juventude faz parte da sociedade e com ela interage. Para o autor, apreender o significado da juventude é fazer com que seja possível educá-la e prepará-la para que contribua com a sociedade. Segundo ele, a juventude é uma potencialidade apta a qualquer oportunidade vinda de fora, a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos. Portanto, depende desses movimentos saberem integrar essa juventude. Para Mannheim, a mocidade ainda não tem interesses adquiridos, seja na dimensão econômica, seja em relação a hábitos e valores, ao passo que a maioria dos adultos já os tem.

Segundo a corrente geracional, a socialização, processo de influências sociais com vistas à integração dos jovens em um sistema de relações e valores sociais, pode ser feita de forma contínua, sem muitos atritos ou com crises intergeracionais, quando há confronto entre as gerações. Ao mesmo tempo, os jovens são influenciados pelos adultos, socializando-se a partir de seu comportamento e também influenciando as outras gerações da sociedade.

A juventude “é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada ‘fase da vida’, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que a caracterizam- aspectos que fariam parte de uma ‘cultura juvenil’, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários.” (Pais: 1990: 140).

Outro enfoque sobre a cultura juvenil refere-se à corrente classista. Dentro da perspectiva classista, a juventude é entendida pelo viés da classe social²⁶, dominada por relações de classe²⁷. Assim, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, produtos de relações antagônicas entre as mesmas. Neste sentido, a passagem da juventude para a fase adulta estaria sendo regularizada por desigualdades sociais, seja no nível da divisão sexual do trabalho, seja, principalmente, no nível da condição social. (Pais: 1990). A corrente classista entende que as culturas juvenis são “culturas de resistência”, relacionadas a um contexto cultural determinado por relações de classe. As distinções simbólicas, hábitos, vestuário, linguagem, consumo, são vistos como diferenças interclassistas e não intraclassistas.

Nessa perspectiva, a juventude é tomada como um grupo social necessariamente diversificado, o que implica o alinhamento de diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. (idem).

Assim, desenvolve Pais (1990), nas representações correntes, os jovens são vistos como fazendo parte de uma cultura juvenil “unitária”. “Como se refere Bourdieu, o fato de se falar dos jovens como uma ‘unidade social’, um grupo dotado de ‘interesses comuns’ e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação.” (p.140).

Todavia, a questão central que se coloca a respeito da sociologia da juventude é o estudo das diferenças sociais que existem entre os jovens, além da preocupação com as possíveis similaridades. Assim, não podemos colocar num mesmo grupo indivíduos que, apesar de portarem sentimentos comuns de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, “se identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes.” (Pais: 1990: 140).

²⁶ No sentido marxista do termo.

²⁷ Um dos autores dessa corrente é Pierre Bourdieu.

Indivíduos pertencentes às mesmas origens sociais podem apresentar aspirações profissionais distintas. Ao mesmo tempo, indivíduos de diferentes origens sociais são influenciados pela cultura de consumo e podem apresentar comportamentos semelhantes. Nesse sentido, não podemos falar em valores universais juvenis e valores universais das gerações²⁸ mais velhas, se quisermos nos distanciar de uma visão de homogeneidade.

A juventude deve ser vista em torno de dois eixos semânticos: o primeiro vinculado à sua aparente unidade, “quando referida a uma fase de vida”, e o segundo, à diversidade, “quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros” (Pais: 1990: 149). Assim sendo, a juventude não é socialmente homogênea. Ao contrário, aparece socialmente dividida, de acordo com suas origens sociais, seus interesses, aspirações e perspectivas. (idem).

Portanto, não é possível falar em uma cultura juvenil, homogeneizando a juventude, é preciso reconhecer suas diferenças (Souza Martins:2000). Pensar na existência de uma pluralidade de culturas juvenis, pois embora existam traços comuns que caracterizam os jovens, a maneira como vivenciam, apreendem e significam sua própria situação é diversa. Ainda que estejam nas mesmas condições sociais, não necessariamente os jovens trabalhadores das famílias pobres vão representar o trabalho da mesma forma. Ainda que vivenciadas coletivamente, as reações diante de situações aparentemente similares, como a experiência da inserção no mercado de trabalho, conjugada, sempre que possível, com a escola, são vividas, pelos jovens, de forma individual e particular.

Para eles, o peso que cada esfera (família, escola, trabalho, lazer, sociabilidade) tem é distinto, bem como a influência que é capaz de exercer sobre esses indivíduos (também sendo influenciada), retraduzida na maneira como representam as questões pertinentes à sua vida.

²⁸ "Em termos sociológicos, pertencer a uma geração ou suceder-lhe não é ter a mesma idade ou ser mais jovem, mas possuir uma contemporaneidade de idéias, de influências, de saberes, de filiações identitárias, de valores." (Pais, op.cit; p27). Segundo Foracchi (1972), as barreiras de idade são irrelevantes no conflito de gerações. Esse conflito é de valores, de adesões prévias. O conflito se estabelece quando "a crítica não é absorvida, quando as tradições mais ricas perecem na apatia, no conformismo, na negação de si." (op. cit. p.25)

Ao discutir a questão das culturas juvenis, Abramo (1994) também revela os principais aspectos que caracterizam a juventude, pois existem traços que são comuns, vividos não da mesma maneira. O interesse por essa caracterização é compartilhado por Sposito (1994).

Sposito e Abramo privilegiam aspectos distintos, mas igualmente interessantes e complementares para a definição da juventude. Sposito revela a preocupação com a delimitação histórica e social para a conceituação da juventude, associando-a à idéia de processo de aquisição de habilitações, como a reprodução sexual e social para o trabalho, para a entrada no universo adulto, concomitantemente ao reconhecimento dessa aquisição por parte da sociedade. Também destaca a busca de autonomia e a transitoriedade como características importantes de definição da juventude.

Abramo discute o conceito de juventude privilegiando outro ângulo, que não contradiz as noções de Sposito mas as complementa. Assim, algumas questões são destacadas pela autora, duas delas já mencionadas por Sposito: transitoriedade, ambigüidade e individuação. O primeiro termo refere-se à "passagem de uma condição mais recolhida e dependente a uma outra mais ampla" (p.11). O segundo relaciona-se à situação de passagem que compõe uma relatividade "de direitos e deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto os do adulto" (p.11). Finalmente, o terceiro diz respeito às "progressivas, embora relativas, independência e diferenciação com relação à família de origem" (p.12).

Pensando na classificação do jovem pela idade, apoiamo-nos também em Bourdieu (1968). Para o autor, essa forma de classificação, assim como a por sexo, classes, entre outras, impõe limites manipuláveis e produz uma ordem onde cada elemento deve se manter, constituindo construções sociais.

Segundo o autor, os jovens da classe dominante apresentam diferenças quando comparados aos jovens das famílias de trabalhadores²⁹ e diferenças que também variam segundo o olhar de quem os está comparando. Dessa forma, não podemos falar em jovens como se fossem uma “unidade social” com interesses comuns sem que estejamos atentos para os diferentes universos sociais em que os chamados “jovens” se encontram. Mas acrescentamos que ainda no mesmo universo social os indivíduos re-significam experiências que podem ser vivenciadas em comum, segundo uma maneira particular de interpretá-las, como nos lembra Pais (1990).

Essa discussão feita por Bourdieu, com relação à idade e às noções de cada esfera social na caracterização da juventude, contribui para a (des)construção da idéia de homogeneidade da condição juvenil.

Além da heterogeneidade, a juventude também é marcada por mudanças significativas, principalmente no que se refere à participação social e às relações com o mundo adulto. A sociedade cria expectativas com relação a esses indivíduos, atitudes que espera que tenham, que devem ser correspondidas, fazendo com que assumam determinadas responsabilidades de acordo com a idade que têm.

Estando em um momento de transição para a vida adulta (Abramo: 1994; Sposito: 1994), as responsabilidades dos jovens não são equivalentes às dos adultos. O jovem não é ainda reconhecido como tal, mas espera-se dele que, progressivamente, assuma os deveres de um adulto.

Todavia, muitas vezes, o fato de serem jovens faz deles contestadores dos valores familiares, de outras referências adultas, e de possíveis responsabilidades que a sociedade acredita que devam assumir, quando não os aceitam como referências para a significação de

²⁹ Ao comparar jovens trabalhadores com estudantes, Bourdieu (1978) mostra-nos, de um lado, as pressões do universo econômico, abrandadas pela solidariedade familiar, e, de outro, as facilidades de uma economia de assistidos por meio dos preços reduzidos para as entradas para o teatro e para o cinema. Nesse caso, temos o universo da adolescência, da “irresponsabilidade provisória”, dos indivíduos que são adultos para algumas coisas e crianças para outras.

suas vidas, incluindo aqui a idéia que têm da esfera do trabalho. Essa contestação pode estar sendo aguçada pela pobreza em que vivem, pela pouca possibilidade de adquirirem os símbolos da juventude que a mídia divulga.

Para efeito da análise, vamos nos deter na parte significativa do fenômeno juvenil que são os jovens trabalhadores. No que se refere à localização da população jovem, existe uma maior concentração nos estratos de mais baixa renda. Em 1990, na Região Metropolitana de São Paulo, a população com menos de dezoito anos correspondia a 35,7% dos indivíduos. Nos setores mais pobres, esse percentual atingiu 45%.

Apesar da condição de pobreza em que vivem, os jovens não são eliminados dos processos de integração, aparentemente contraditórios. Esses processos decorrem, principalmente, da inserção desses jovens no universo do consumo³⁰, realizado, parcialmente, muitas vezes pelo exercício do trabalho precoce.

Outro aspecto da condição dos jovens das famílias pobres é revelado por Sposito (1994) e diz respeito à marginalidade. Essa dimensão produz situações de liminaridade, pela possibilidade contínua de escolhas, pela vivência de situações limites que podem vir a resultar em alternativas que negam expectativas socialmente aceitas, regras estabelecidas e modelos dominantes (Zaluar: 1985).

Para os jovens, não se ocupar com o trabalho é correr o risco de cair na marginalidade. As pessoas, portanto, são também hierarquizadas segundo o trabalho que desempenham e, especialmente, se não trabalham. Há uma representação genérica da juventude de hoje, que é marcada pela negatividade. Essa representação também é reproduzida pela maior parte dos jovens que foram entrevistados, como veremos a seguir. Assim, existe uma idéia corrente de que hoje vivemos em meio a uma juventude perdida, avessa ao trabalho e aos estudos, que não dá valor à importância da escola, que não gosta de trabalhar. Essa idéia

³⁰“Nas sociedades industriais dos fins do século XIX “o indivíduo era socialmente definido pelo que “produzia ou possuía como seu. Hoje, ele é socialmente definido pelo fato de deixar claro que ostensivamente consome, e muito, as mercadorias típicas do século XX: roupa, cultura, diversão.” (Foracchi. Op.cit. p. 27).

reflete-se na maneira como se preocupam com o aumento da marginalidade, com o perigo das más influências e da violência.

1.2. Representações da juventude: ausências e valorização

Os jovens entrevistados estão descrentes em relação à juventude de um modo geral e seu posicionamento em relação à escola. Acreditam que, como eles, os jovens consideram a escola importante, mas não gostam de estudar e, na maioria das vezes, só vão para a escola para fazer bagunça. Essas opiniões refletem um pouco sua vivência em salas de aula, o seu próprio desinteresse ou o convívio com outros jovens que não são atraídos pelas aulas, atrapalham os outros alunos que querem aprender, principalmente em virtude da bagunça. *A maioria vai pra bagunçar, dizem. Os que têm oportunidade de estudar, revela uma jovem, estão estudando, porque sabem que sem escola não vão conseguir nada. Mas a maioria não quer saber. Estudam por obrigação, analisa outra jovem. Nem por obrigação, vai por ir. É porque, na escola, está todo mundo passando. É só pra ter no final do terceiro ano, ter um histórico pra apresentar no serviço.*

A idéia de juventude dos entrevistados é mais próxima da homogeneidade. Segundo suas percepções, de um modo geral, a juventude está negativamente vinculada à esfera escolar. *Eles vão só pra ir, mas gostar mesmo eles não gostam*, diz uma jovem. A representação da ausência de interesse dos alunos pela presença da bagunça nas salas de aula não divide opiniões, ao contrário, ganha força entre os jovens: garotas e rapazes, solteiros, casados, com e sem filho, com diferentes níveis de escolaridade, representam a juventude, segundo sua relação com a escola, de maneira negativa, ligada à idéia de que os jovens sabem que precisam da escolaridade para conseguirem um emprego, mas, como não gostam da escola, querem terminar o quanto antes para se verem livres dessa obrigação. Os jovens *vão mais porque têm de ir e querem terminar logo*, conclui outro jovem.

Nas representações dos entrevistados, um misto de sentimento de obrigação com desagrado, *acho que eles pensam que têm de ir, mas que é chato*, fazem com que os jovens

permaneçam nos bancos escolares. Todavia, a indisciplina e a violência -o *peessoal está soltando bombas* - realçam o distanciamento deles em relação à escola.

Esse distanciamento também é percebido pelo jovem como resultado do enfraquecimento do ensino, o *governo está tirando as disciplinas que deveria ter, de lei, então o jovem está desanimado com o ensino público, que é um ensino fraco, até devagar demais*. A esse enfraquecimento muitos jovens respondem com a indiferença ou mesmo com atitudes de violência.

Com relação ao trabalho, acreditam que, de um modo geral, assim como eles, os jovens trabalham, principalmente *por causa da necessidade mesmo*, necessidade financeira, *que o peessoal tem de enfrentar hoje em dia*. Também trabalham para conquistar uma certa independência e autonomia, comprando suas próprias coisas, *para ter de um lado e gastar de outro*, comenta uma jovem que também trabalha por esse motivo. Na opinião deles, se pudessem, esses jovens não trabalhariam, ao contrário, se recusariam a se inserir no universo do trabalho. Todavia, os jovens entrevistados disseram que trabalhariam mesmo se não precisassem, diferente do sentimento de indisposição da maioria dos jovens para o trabalho que, segundo eles, caracteriza a juventude de uma forma geral, *se não precisassem eles não trabalhariam*, avaliam.

Na representação dos entrevistados, os jovens têm uma relação instrumental com o trabalho, trabalhando pela renda, em virtude da necessidade de sobrevivência e independência em relação aos pais, no que se refere ao consumo de roupas, sapatos e lazer (Sarti: 1996; Abramo: 1994; Sposito: 1994). Essa primeira necessidade que visa a renda também é compartilhada pelos entrevistados. O trabalho é um meio legítimo de acesso à vida, segundo uma concepção socialmente construída. Todavia, os entrevistados diferenciam-se da juventude que trabalha, muitas vezes vista de maneira homogênea, pelo fato de não pretenderem parar de trabalhar, mesmo se não houver necessidade, atitude que acreditam não ser compartilhada pelos jovens em geral.

De maneira geral, no que se refere ao trabalho, os entrevistados tomam a juventude como categoria homogênea. Na representação que fazem, uma espécie de recusa do trabalho, devido à rigidez de horários, às regras e à presença do patrão, estaria sempre colocada de forma latente entre os jovens, em virtude da não adaptação aos modos de vida adulta, marcados pela disciplina do trabalho. O limite para a realização desse sentimento, para o afastamento do trabalho, estaria sendo pautado pela necessidade de trabalhar.

As diversas e adversas situações de trabalho (precário, temporário, parcial) e de emprego, em especial as angústias e insatisfações provocadas pelo desemprego, concorreriam para que a juventude desvalorizasse o trabalho, tendendo a estabelecer apenas uma relação instrumental com o mesmo, uma vez que precisam trabalhar.

Essas representações estão próximas à tese da “alergia” dos jovens em relação ao trabalho. Segundo essa tese, o prolongamento da juventude, em função da permanência na casa dos pais e/ou ampliação do tempo nas escolas, seria explicado pela recusa do trabalho em virtude da não adaptação dos jovens à rigidez de horários, às regras, à disciplina de trabalho. As críticas dessa tese têm como representantes Pais (1991) e Clot (s/d). Segundo esses autores essa tese está baseada na consideração dos jovens como um conjunto homogêneo. Nesse sentido, os jovens seriam afetados pelas dificuldades de inserção ao mercado de trabalho, o que resultaria em insatisfações e recusa do mesmo.

Pais (1991) é defensor da tese de que os jovens têm reações diferenciadas em relação ao trabalho³¹, ao emprego e ao desemprego. Não há entre os jovens uma concepção única a respeito do trabalho, assim como também inexistem uma recusa total do mesmo entre eles.

Clot, refletindo sobre os efeitos, nos jovens franceses, especificamente na juventude operária, das transformações no processo de trabalho, mostra que as reações deles, suas atitudes negativas em relação ao trabalho e ao emprego, são resultado ou “respostas” dadas

³¹ Abramo (1994), Sposito (1994) e Bajoit & Franssen (1997) também desenvolvem a idéia de que os jovens têm visões diferenciadas em relação ao trabalho.

a uma nova situação, não estando reduzidas a uma simples mudança de valores da juventude.

Assim desenvolve sua argumentação: “Esta marginalização ‘objetiva’³² não pode se limitar a uma simples mudança de ‘valores’ da juventude. A transformação das atitudes, as novas práticas de inserção constituem-se igualmente de ‘respostas’ a uma nova situação e não o efeito de uma alergia cultural”.

Segundo o autor, as condições insatisfatórias de trabalho dos pais dos jovens operários e a própria experiência de trabalho destes, marcada por condições desvantajosas, quando estão trabalhando, fazem com que os jovens elaborem uma imagem negativa do trabalho.

Essa imagem negativa é representada pelos jovens entrevistados, ao falarem da juventude de hoje, como um enfrentamento das condições adversas que encontram, *uma realidade que têm de enfrentar*, algo que não é possível evitar, uma vez que precisam ganhar dinheiro.

Experiências pessoais, segundo expectativas singulares, diferenciam as representações. Quando os jovens falam de si, como trabalhadores diante de seu trabalho, outras dimensões são reveladas, além da renda, como veremos mais adiante, pois têm significado individualmente, segundo trajetórias específicas que não podem ser generalizadas. Quando falam da juventude, de uma maneira geral, reproduzem representações correntes sobre o trabalho; *sem trabalho ninguém vive*.

Mas, o que para os entrevistados caracteriza o tempo da juventude? Segundo suas representações, a presença de certas habilidades relacionadas à maior disposição: a agilidade, a força de vontade, a maior capacidade de se adaptar a mudanças e a facilidade de aprender coisas novas, a *pessoa tem força, tem garra, tem vontade*.

³² Referindo-se às condições precárias de trabalho a que os jovens franceses são submetidos: “Pode-se considerar que um jovem em cada dois na França é o que se convencionou chamar de trabalhador precário, o que conhece uma vida marcada pelo signo ‘menos’: ganha menos, tem menos direitos e nenhuma garantia a respeito da duração do emprego que ocupa e sua eventual recondução” (op.cit.:5).

Pelo fato de ser jovem, as pessoas acham que ele tem mais facilidade pra aprender, pra pegar mais rápido. E por ser adulto, pode ser mais devagar, mais lento pra trabalhar. (Andréia, 21 anos, solteira, tem o segundo grau).

É que você tem a disposição, o tempo, a tecnologia a favor, então você está aproveitando melhor o tempo, você tem mais coisas pra fazer, mais coisas pra aprender. O adulto que não fez isso se arrepende. Então o jovem tem essa oportunidade de estar aprendendo com os experientes. (Leila, 19 anos, solteira, tem o segundo grau).

A idéia corrente da disposição, da agilidade e maior facilidade para aprender coisas novas está relacionada à valorização do momento juvenil, ao fenômeno da “juvenização” (Peralva 1997), associado não apenas ao fator idade, mas a determinados valores e estilos de vida. Esse processo de “juvenização” tem recebido a contribuição do crescimento do consumo de massa e dos meios de comunicação de massa, que assumem o papel de veículos de “integração cultural”.

Com a elevação da expectativa de vida, que dobrou em menos de um século, tendendo a continuar se alongando, anuncia-se um envelhecimento postergado que transforma o jovem “de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente” (Peralva: 1997: 23).

Os jovens vivenciam e ajudam a construir o momento presente, em meio a esse processo de valorização do novo, com a crença de que estão mais aptos a apreendê-lo, de que são mais ágeis e têm mais disposição que os adultos. Ao mesmo tempo, idealizam, em suas representações, uma imagem da juventude ligada à falta de compromissos e à diversão. Assim, ser jovem é *aproveitar o tempo que você tem, senão depois; é não ter preocupação como a adulto que já tem mais responsabilidades.*

A percepção do tempo da juventude também passa pela forma como encaram e representam o trabalho, como vivenciam as situações de desemprego, o trabalho precário e a dupla jornada com a escola. A forma como representam o tempo da juventude, expressa os

valores que apresentam, dando qualidades a esse momento, sendo, portanto, uma construção subjetiva³³.

Na representação dos jovens, a juventude é um tempo que passa rápido e deve ser aproveitado, estando marcado pela plenitude e maior liberdade, pela aparente ausência de responsabilidades. As representações da juventude ligadas à expressão de liberdade e despreocupação são verdadeiras, quando referidas a uma imagem idealizada e disseminada socialmente, a um desejo muitas vezes presente na sua ausência “real” e, ao mesmo tempo, são falsas³⁴, uma vez que não revelam as contradições, a necessidade de comprometimento do jovem com o trabalho para auxiliar o grupo familiar e a falta de recursos para poder se divertir.

Todavia, aliada a essa plenitude de possibilidades - *é você ter a liberdade de fazer o que você quiser* - os jovens também se deparam com o vazio, com as incertezas, com a multiplicidade de experiências que caracterizam formas específicas e diferenciadas de ação, “relacionamento, linguagem e regras” (Melucci: 1997: 9).

As experiências dos indivíduos, continua o autor, está cada vez menos subordinada a uma realidade transmitida e cada vez mais dependente de uma realidade construída a partir de representações e relacionamentos. Nesse sentido, a experiência é “menos algo para se ‘ter’ e mais algo para se ‘fazer’”. Os projetos e as biografias tornam-se menos previsíveis e passam a depender mais das escolhas individuais.

Os jovens percebem os efeitos dessa ampliação de possibilidades: tudo pode ser tentado, as escolhas e decisões podem ser mudadas. O presente é ilimitado, mas “o teste da realidade, na sua dureza, produz frustrações, tédio e perdas de motivações” (idem. p.10). As contradições colocadas no momento presente são percebidas pelos jovens em suas

³³ Evelyn (1998) ao citar Hubert apud Sue (1994: 85), dá-nos a perfeita caracterização de como o tempo é uma questão subjetiva: o tempo, diz, “Não revela a objetividade dos fatos sociais mas, ao contrário, a perfeita subjetividade, no sentido de uma construção inteiramente arbitrária e imaginária, de acordo com a consciência histórica dos atores sociais em um dado período”. (p.80). Segundo Melucci (1997: 8), A maneira como a experiência do tempo é vivenciada pelos indivíduos está relacionada a fatores cognitivos, motivacionais e emocionais, “os quais governam o modo como o indivíduo organiza o seu ‘estar no mundo’”.

representações, revelando a presença ausente do “tudo” que se pode e se deseja fazer, limitado pelo que realmente se faz. O misto de revolta e disposição está presente na representação sobre a juventude. O presente, num ritmo alucinante, caracteriza o momento da juventude: escola, trabalho, lazer, não sem tensões, preenchem o tempo dos jovens, que também é de aprendizado, descobertas, revoltas:

“Jovem é essa idade de revolta, de descoberta, de escola, de trabalho, então ser jovem é essa vida corrida porque o jovem, eles querem fazer tudo ao mesmo tempo. Eu vejo por mim: eu quero namorar, quero estudar, quero trabalhar, quero tocar, tudo ao mesmo tempo. Então ser jovem é estar descobrindo as coisas e querer fazer tudo ao mesmo tempo.” (Fábio, 19 anos, solteiro, auxiliar no almoxarifado).

Os jovens também vivem todas as tensões do trabalhador adulto que procura emprego fixo, mas aliviam-se pela moratória da juventude, pois ainda podem, segundo suas representações, aproveitar e, por isso, preocupar-se menos que o adulto. Exceção feita para os jovens casados e responsáveis pela maioria da renda da família e também para as mulheres menos escolarizadas, com filhos, que precisam, a qualquer custo, estar trabalhando após passar o período da amamentação:

“Ser jovem é ser uma pessoa mais livre, mais sossegada. Pela idade, jovem de 14, 16 anos é mais despreocupado com a vida. Depois que você vira um jovem de 18, 19 anos, você já é mais responsável. Igual eu que já tenho a minha família, muda totalmente um lado como dos meus amigos da mesma idade que eu. Eles já querem a vida de pegar a grana do serviço ou senão com a mãe, pra sair final de semana. Eu já não tenho esse problema pra minha mãe.” (Luiz Henrique, 19 anos, casado, auxiliar administrativo).

Outra grande preocupação colocada nas representações sobre a juventude é com relação às más influências. Para os jovens entrevistados, é na fase da juventude que vão ser definidos os caminhos que irão tomar, segundo as escolhas que fizerem agora, *porque é nessa fase*

³⁴ Lefebvre (1980).

que ou você escolhe o caminho certo ou o errado, sentencia um jovem. Há tensão com a preocupação em saber aproveitar, não aproveitar de qualquer jeito e pensar no futuro:

Ser jovem é saber aproveitar: não se envolver com drogas, com más companhias,, não querer fazer coisas erradas. Saber aproveitar ao máximo, dentro dos limites. (Verônica, 23 anos, casada, desempregada).

Ser jovem é perigoso ao mesmo tempo que é o máximo. É perigoso porque você conhece pessoas boas e ruins e se você escolhe as ruins você pode se arrepender o resto da vida. É na juventude que você escolhe o que vai querer da vida, seguir o caminho que você quer seguir. (Cíntia, 19 anos, solteira, desempregada).

A preocupação com o futuro também é uma constante nas representações dos jovens entrevistados. Segundo Melucci (1997), é no período da adolescência que a orientação para o futuro ganha força. O futuro é percebido como um momento que suporta um maior número de possibilidades, as quais correspondem à possibilidade de auto-realização. Atitudes de construção no presente e de esperança no futuro permeiam as representações dos jovens. Nas representações dos jovens, é também no momento da juventude que os indivíduos precisam trabalhar e se preparar para o futuro. Viver bem essa que é a “melhor fase da vida”, como falam, principalmente quando são solteiros, mas projetar as maiores expectativas profissionais para um futuro em construção, que tem início no presente, com o trabalho que realizam agora: *Ser jovem é saber plantar quando se é jovem para poder colher quando tiver numa idade mais avançada*, diz Everton, 25 anos, solteiro, técnico de saneamento.

As várias percepções do que representa o momento juvenil para os entrevistados, variando de uma perspectiva de vida baseada na diversão, a partir da participação deles nos espaços de lazer, enquanto esferas de socialização, a preocupação com o trabalho e sua entrada precoce no mercado para garantir a sobrevivência própria e do grupo familiar, além da preocupação com o futuro e com as companhias, faz com que reafirmemos a necessidade

de não generalizarmos a juventude a partir de um modelo juvenil, como o relacionado ao modelo moderno de adolescência (Pais: 1996), mas pensá-la na sua diversidade.

1.3. O universo familiar e as relações com o trabalho: os jovens dentro de casa

No ambiente familiar, os jovens convivem com as gerações mais velhas representadas pelos pais e possíveis agregados, e todos estão envolvidos em um conjunto de regras e obrigações recíprocas³⁵. Os jovens entrevistados têm regras a seguir dentro de casa, que consistem no auxílio doméstico, na contribuição financeira para os que trabalham, no respeito aos pais.

Esse conjunto de regras e obrigações recíprocas são desenvolvidas no interior da família, segundo um universo simbólico não uniforme. O universo simbólico dos trabalhadores de baixa renda³⁶ não é um todo coerente e uniforme. Ao contrário, é apresentado “por um conjunto fragmentado de normas e valores onde coexistem tradições de origem rural, crenças religiosas, conhecimentos empíricos, valores próprios da sociedade industrial” (Magnani: 1998; 29).

Os jovens trabalhadores das famílias de baixa renda são expressão dessa dualidade. Convivem com familiares, trabalhadores que ocupam, na maioria das vezes, os mais baixos escalões na hierarquia do trabalho. São pessoas de origem rural, que trabalharam no campo e, ao virem para a cidade, trouxeram consigo as crenças e os valores tradicionais. A partir da rede de relações que formaram, a eles acrescentaram, novas concepções, não sem tensões com as antigas. O resultado é a coexistência de valores novos e antigos. As

³⁵ Consideramos a família como sendo “um grupo social específico, com uma dinâmica própria, que não pode ser apreendida a partir da mera soma dos indivíduos que o compõem. Mas é também um grupo inserido na estrutura social, que só pode ser captado em uma determinada instância histórica, estando sujeito a determinações mais amplas, que em muito extrapolam suas próprias fronteiras” (Bruschini: 1990, p.11).

³⁶ Quando falamos em trabalhadores de baixa renda, devemos nos ater ao fato de que as “condições de existência dos trabalhadores não podem ser pensadas fora da estrutura social e econômica nas quais se encontram inseridos, nem à margem de um ordenamento político onde não ocupam, precisamente, as posições decisórias. E sua maneira de interpretar essas condições de existência, seus valores e sua prática cotidiana não ficam alheios àquelas injunções.” (Magnani: 1998, 27-28). Todavia, continua o autor, referi-los só e diretamente à dominação do capital, à influência da ideologia dominante, é reducionismo. É necessário darmos atenção aos fatores culturais, se quisermos compreender quais são os valores e as reais condições de vida dos trabalhadores.

representações que os jovens desenvolvem sobre o trabalho são também expressões de sua inserção e participação no universo familiar, com as normas e regras a que estão submetidos, a partir do contexto de uma situação de pobreza³⁷.

A pobreza é o universo de referência simbólica dos jovens trabalhadores. Práticas, concepções, valores e representações são desenvolvidos por indivíduos que vivenciam coletivamente situações de privação material e processos de exclusão, como a necessidade e a dificuldade de acesso ao campo ocupacional, em virtude de apresentarem, quase sempre, perfis distantes dos exigidos pelo mercado de trabalho. Nesse sentido, ao falarmos em pobreza, estamos nos referindo não somente à carência material como também ao conjunto de concepções e valores característicos (Sarti: 1996), às formas específicas em que os indivíduos aí inseridos vivenciam a sua condição e posição social, a partir de representações, sentimentos e idéias que dão sentido às suas práticas. Maneiras especiais e próprias de interpretar experiências, segundo normas reconhecidas e legitimadas por eles.

Assim, a situação de pobreza fornece aos indivíduos um conjunto de alternativas comuns; maneiras comuns de vivenciarem as privações sofridas, como a prática reconhecida da solidariedade entre os vizinhos, que se dispõem a cuidar de crianças enquanto seus pais estão trabalhando, por exemplo. Quase todos os entrevistados contam com o auxílio da vizinhança³⁸ para o caso de alguma necessidade, como deixar um filho na casa de um vizinho para poder ir ao médico ou procurar trabalho, usar o telefone emprestado, quando é necessário, se o indivíduo não tem o aparelho em casa, pegar emprestado algum mantimento, como sal e açúcar, quando há necessidade, entre outros favores. Apesar da maior parte dos jovens ter dito que prefere não precisar pedir alguma coisa aos vizinhos, para que eles não interfiram em suas vidas, para não haver fofoca, ao mesmo tempo comentavam: “aqui é um ajudando o outro”, “aqui todo mundo é uma família”.

³⁷ Dados do PNAD mostram que dos 58 milhões de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, mais de 50% vivem em famílias com rendimento de até meio salário mínimo per capita.

³⁸ Uma população que está sujeita às oscilações do mercado de trabalho e às condições precárias de existência, fica mais dependente da rede formada por laços de origem, parentesco e vizinhança. (Magnani: 1998).

Os moradores da comunidade local, formada pelos conjuntos habitacionais da Cohab, também partilham valores e concepções comuns que se disseminam entre os indivíduos, como a importância do trabalho, simbolizando a dignidade do indivíduo pobre que também pretende transformar a sua situação, distanciando-se da marginalidade, da desordem (Zaluar: 1985), principalmente nessa região tão marcada e destacada pelos jovens, pelos casos de violência e pela presença de traficantes. Como diz um deles, *aqui 70% está no mundo das drogas, 20% está trabalhando e 10% está estudando*”.

Todavia, ainda que a vivência das situações de carência e a possibilidade constante de penetrar na marginalidade, como é o caso de jovens que deixam de trabalhar para praticarem furtos³⁹, possa ser coletiva, é individualmente que cada um re-significa suas experiências, modificando-se constantemente nesse processo, a partir das relações que estabelece dentro de seu universo social.

Nesse universo, determinações sociais fazem com que a família operária se utilize de expedientes como a mobilização do trabalho de todos os seus membros (Fausto: 1982), incluindo o trabalho infantil e o trabalho feminino, para o mercado, para poder garantir sua sobrevivência. A decisão da família de apoiar a entrada de seus filhos no mercado “é o efeito combinado das dificuldades econômicas com o valor ético e protetor do trabalho” (Madeira 1993: 81).

O trabalho dos filhos, vinculado à necessidade de auxiliar a família, conjuga-se com outras obrigações⁴⁰ com vistas à manutenção do grupo doméstico. O trabalho dos filhos também é importante porque contribui para a formação ética dos filhos, estando associado “a determinadas crenças sobre mérito, esforço, disciplina, responsabilidade e, por que não,

³⁹ Grande parte dos jovens têm amigos envolvidos com drogas, que deixaram de trabalhar e de estudar. Uma das entrevistadas espera pela saída de seu namorado, pai de seu filho, da cadeia. Ele foi preso quando estava fazendo um assalto em Barueri.

⁴⁰ O trabalho dos filhos faz parte das obrigações recíprocas, representando um compromisso moral entre as pessoas na família, ligando-se a uma espécie de retribuição aos pais pelos seus esforços de levar comida para dentro de casa, e que compõe um código de obrigações carregadas de significações morais, segundo o imaginário tradicional sobre as relações familiares. A realização dos trabalhos pelos filhos passa por representações no interior da família (Colbari: 1995; Sarti: 1996).

sucesso e poder" (Velho: 1986: 44), além do fato de ser um meio legítimo de evitar que os filhos fiquem na rua, sujeitos ao crime e à marginalidade. (Gouveia: 1983; Alvim:1994).

Jovens que não trabalham e não estudam, e são mantidos pela família ou pelo cônjuge, têm de submeter-se ao esquema dessas regras e obrigações dentro de casa. Dependendo economicamente da família equivale, para o jovem estudante ou não, a submeter-se a um sistema de compromissos e pressões, em que até as vontades individuais são controladas, muitas vezes: o adulto impõe e o jovem se submete. (Foracchi: 1965). Todavia, os jovens também podem influenciar as gerações mais velhas: *minha mãe usa minhas roupas. Não tem mãe e filha. A gente é mais como amiga.* Ao mesmo tempo, podem ser influenciados, se estiverem dispostos a se orientarem pelas referências adultas, na medida em que convivem com os produtores ou reprodutores das representações sociais. (Pais: 1998), como diz uma jovem *eu escuto muito minha mãe. Ela me dá conselhos que vão ser bons pra mim.* Outro revela: *eu obedeço o que acho que devo, mas nem tudo eu concordo.* Um terceiro avalia: *Minha mãe fala que eu tenho De trabalhar e eu concordo.*

Além do trabalho remunerado, existem tarefas empreendidas no espaço doméstico, desde a produção de valores de uso que são necessários à reprodução da força de trabalho, contando com mecanismos informais para a obtenção da renda, passando por práticas de solidariedade que cumprem, “a seu modo, as funções de uma assistência social inexistente” (Telles: 1992).

Dessa forma, as famílias de trabalhadores não contam apenas com o recebimento de salários para sua subsistência e sobrevivência intergeracional. Existem outras relações de trabalho, não monetárias, como a produção doméstica de bens e serviços, que fazem parte do seu código de obrigações, tradicionalmente realizadas pelas mulheres, possibilitando a saída, principalmente dos homens, para o mercado de trabalho.

Uma das obrigações morais refere-se ao auxílio nas tarefas domésticas, as mulheres ajudando mais do que os homens. Alguns não ajudam em nada dentro de casa: *Eu não*

ajudo, mesmo quando eu estou de folga, diz o rapaz de 25 anos. Os jovens do sexo masculino deixam de ajudar em casa quando começam a trabalhar: *Antes de estar nesse emprego eu ajudava mais. Agora é difícil*, revela um deles. Também ocorre de ajudarem quando a mãe lhes pede para fazerem determinada tarefa, quando não estão trabalhando. *Às vezes minha mãe que pede. Às vezes eu faço*. As jovens auxiliam nas tarefas da casa, mesmo quando estão trabalhando: *eu sempre ajudo a minha mãe, meu irmão ajuda quando não trabalha*. Algumas são responsáveis por todo o serviço, quando não existe a figura da mãe dentro de casa: *eu faço tudo o que uma mãe faz* comenta uma garota. Em todos os casos não há determinação de tarefas. As tarefas domésticas, no geral, não são pré-determinadas pela mãe e nem divididas segundo o sexo do jovem. *Está lá o serviço, a gente tem de fazer*, conclui uma jovem mulher.

Segundo representações existentes no interior da família, na ausência da mãe, cabe à filha mais velha realizar as tarefas domésticas. (Colbari: 1995). Os jovens do sexo masculino sentem desobrigados de ajudar em casa. Quando fazem alguma tarefa é menos por determinação da mãe, chefe da casa (Sarti: 1996), do que por resolução individual. Isso, quando não estão trabalhando.

Quando são casados e moram com a família de origem, também continuam auxiliando nas tarefas domésticas, assim como o/a cônjuge. *Eu ajudava a minha mãe e agora ajudo a minha sogra*, diz uma jovem casada que mora na casa de seus sogros. Mesmo quando já moram em sua própria casa, a família continua auxiliando-os. Um dos entrevistados faz suas refeições no apartamento da mãe e dorme, com sua esposa, na garagem do prédio onde mora a mãe com outros filhos.

Outra obrigação moral consiste na obediência aos pais. Casados que moram com os pais também obedecem. Os jovens que são mantidos pela família têm compromissos morais com os pais em virtude de sua situação de manutenção da condição de estudante e dependente (Foracchi: 1965), dependente também quando não é apenas estudante, mas é mantido pelos pais, estando nessa situação: casados que moram com os pais e solteiros que estão apenas trabalhando ou ainda conjugando o trabalho com os estudos. *Eu obedeco*

porque moro aqui, senão..., revela uma jovem de 23 anos, solteira. Outro completa dizendo: *eu não concordo muito com muitas idéias, mas como você é dependente, você acaba concordando*. Existe tensão na relação entre jovens e adultos, provocada pelo contato constante que impõe relações de autoridade e de subordinação. Como a família representa o refúgio de um mundo difícil, marcado por perigos diversos, os jovens permanecem em casa, em certa medida cumprem com suas obrigações, mas revelam momentos de insatisfação e discordância entre os indivíduos que coabitam na casa. Normalmente as discordâncias ficam no plano das idéias, não havendo um rompimento com a família e, em poucos, existe o desejo de sair de casa. São os mais novos que mais obedecem, por serem também os mais dependentes financeiramente dos pais.

O fato dos jovens morarem com os pais faz com que necessitem participar de todo o código de obrigações dentro de casa, não sem conflitos. Nem sempre as prescrições são aceitas sem que haja discussões ou recusa por parte deles. Mas, no geral, os jovens respeitam os pais e contribuem para a manutenção do grupo, com o auxílio nas tarefas domésticas, o trabalho remunerado, os estudos, que também é uma das obrigações, mas um dos motivos de desentendimentos e conflitos⁴¹ na família. *Minha mãe quer que eu volte a estudar, mas por enquanto eu não vou*, revela uma jovem que abandonou a faculdade, o que trouxe desaprovação da família que, no entanto, respeitou sua decisão.

Às vezes, o jovem considera mais importante aproveitar oportunidades de trabalho, ainda que prejudique a continuação dos estudos. *Eu não resolvi ainda se vou voltar a estudar. Eu parei para poder procurar trabalho*, revela um jovem, de 23 anos, que parou de estudar na oitava série. Assim, a partir de um determinado momento, a idade do jovem ou o fato de já estar trabalhando, a obrigatoriedade de estudar, como cumprimento de expectativas e projetos familiares, pode deixar de existir. A continuação dos estudos é, geralmente, um projeto familiar, mas o abandono da atividade é opção individual do jovem. A sua mãe lamenta, mas concorda que ele precisa trabalhar para ajudá-la.

⁴¹ Velho (1986: 51) ressalta a existência de diversidades que colocam como possibilidade permanente a existência de conflitos no interior de um grupo, desde que haja "interesses e valores diferentes e muitas vezes antagônicos (...), como, por exemplo, "pontos de vista discrepantes dentro de um grupo social aparentemente homogêneo", como é o caso da família.

Cada vez mais os pais hesitam entre optar por um modelo mais autoritário, “herdado de seus próprios pais, e um modelo mais democrático, aparentemente mais adequado aos dias de hoje” (Pais: 1996). Os jovens conversam principalmente com a mãe, que é a figura mais presente dentro de casa. São vários os assuntos: emprego, escola, namoro, amizades, drogas. Há mais diálogo entre os jovens e seus pais. Há menos imposição.

Contemporaneamente, juntamente com o conjunto das transformações no universo do trabalho, tem havido mudanças nas estruturas sociais, uma delas dizendo respeito às mudanças nas famílias. Por vezes, essas mudanças ocorrem segundo ritmos diferentes. No que se refere à esfera familiar algumas mudanças vêm aparecendo, também decorrentes do aumento do número de membros no mercado de trabalho, principalmente mulheres. Aumentam o número de separações e a proporção de famílias monoparentais, especialmente as chefiadas por mulheres⁴², com importante parcela apresentando nível acentuado de pobreza (Montali: 2000). Dessas famílias, algumas vezes, há aquelas que são estendidas com a incorporação de outros membros. Em consequência da maior participação das mulheres no mercado de trabalho, as meninas mais velhas assumem mais cedo o lugar da mãe dentro de casa. Também a autoridade paterna é questionada, pelo fato dos filhos começarem a trabalhar e a contribuir com a renda da família. Outro fator de mudança na família refere-se à permanência de filhos jovens e adultos dentro de casa⁴³.

Muitos jovens casados, alguns com filho(s), não são economicamente independentes da família. Eles continuam morando com os pais, contando com o auxílio, mesmo quando não moram na mesma casa, pois o dinheiro que recebem como salário, não é suficiente para a independência total. A família precisa ajudar. Os jovens solteiros, mesmo quando já poderiam morar sozinhos, não desejam fazê-lo tão cedo, ou por se preocuparem em

⁴² Dados do DIEESE, de 1996, mostram que o segundo tipo mais freqüente de composição familiar (o primeiro, 58,8%, corresponde à família nuclear), é aquele formado por chefes isolados sem o seu respectivo cônjuge (solteiros, separados ou viúvos), 30,1%. Nessas famílias há um "elemento diferenciador segundo o gênero: a proporção de chefes mulheres (23,9%) é muito mais elevada que a chefia masculina (6,2%)."

⁴³ O mesmo fenômeno é verificado nos países de economia avançada. Pochmann (1998: 22) destaca que o fenômeno da co-habitação é cada vez mais freqüente “não apenas nas famílias populares, assim como medida de escapismo social vivenciada por parcela da juventude”.

abandonar a mãe (*eu tenho vontade de morar sozinho mas eu tenho dó de deixar a minha mãe sozinha*, revela um jovem), ou por ainda não se sentirem preparados ou mesmo por não desejarem essa mudança no momento. Quando pensam em sair de casa, alguns revelam o desejo de levar a mãe: *Se eu pudesse eu sairia o mais rápido possível de casa, não por briga, mas é que eu quero ter a minha casa, trabalhar. Se eu pudesse levar a minha mãe eu levaria*, diz uma jovem que ainda não trabalha.

A figura da mãe é muito importante dentro de casa. É ela a responsável pela educação dos filhos, por levar as crianças ao médico, por cuidar dos afazeres dentro de casa (Sarti: 1996). As representações sobre a família têm na figura da mãe o elemento central de referência. A ausência da mãe é mais sentida pelos jovens, está mais presente em suas representações, do que a ausência do pai. *Eu não vejo o meu pai há muito tempo*, diz o mesmo jovem que revelou não pretender morar sozinho por pena de deixar a mãe. Outro jovem avalia: *o meu pai é o que está com a minha mãe agora. O outro eu não sei dele*. Com relação à importância da mãe, a questão da substituição não é colocada: *a minha mãe faz muita falta*, comentam duas jovens, em momentos diferentes de entrevista.

É importante ressaltar que grande parte dos entrevistados têm a mãe como provedora da casa, ainda que simbolicamente. Os motivos mais frequentes estão relacionados à separação dos pais. Também há caso de falecimento e um pai desconhecido. Assim, a figura da mãe ganha ainda mais força nas percepções, estando relacionada à coragem e à garra de criar os filhos sozinha. A importância da família está muito relacionada à sua presença, mesmo que na lembrança de alguns jovens que moram apenas com o pai.

Morar sozinho é um projeto elaborado para o futuro. Os jovens moram mais tempo com os pais. As razões para isso não são apenas financeiras, mas estão ligadas à importância da família para eles. Para os jovens, a família está em primeiro lugar. Eles podem ficar sem trabalho, mas não sem a família. O desemprego é mais fácil de ser suportado do que a solidão. Além do que, ter família é uma garantia de apoio nos momentos difíceis, pois *a família é um ajudando o outro, se está passando dificuldade*. Uma dessas dificuldades é a falta de trabalho. Mas com a família apoiando, *mesmo sem trabalho, você sabe que se tiver*

um tropeço na vida, você vai ter pra onde correr, destaca uma jovem. Porque a *família é o apoio na hora que você mais precisa*.

A importância da família para a classe trabalhadora reside menos em possibilitar a sobrevivência para seus membros do que em constituir um espaço moral, construtor de uma noção de ordem para a vida dos seus integrantes, fornecendo-lhes “as referências por onde a experiência que fazem da sociedade é avaliada e interpretada nos seus acontecimentos, constrangimentos e possibilidades para a realização do que imaginam ser uma vida decente.” (Telles : 1992: 55).

A família é o grupo de apoio dos jovens, lugar onde se sentem bem, protegidos, à vontade. É a esfera que consideram mais importante na vida, fazendo com que muitos deles prefiram estar com a família a estar com os amigos, porque apesar de haver desentendimentos, ter família significa *ter alguém pra confiar*. Essa confiança, contribui para que os filhos permaneçam em casa, morando com os pais, por mais tempo.

A preocupação em ter com quem contar e em quem confiar, faz com que os jovens, quando resolvem sair de casa, escolham morar muito próximos dos pais, da família, geralmente no mesmo prédio e, continuem contando com o auxílio dela, material ou não.

Depois da família, a religião e o trabalho são apontados como as esferas mais importantes da vida dos jovens. Logo após vêm as amizades, o lado afetivo e, por fim, a escola, nessa ordem. A vida tem outras dimensões além do trabalho, como diz Everton, 25 anos, *a gente trabalha para viver e não vive para trabalhar*. Assim, o trabalho, enquanto emprego não é a única forma capaz de trazer realização para os indivíduos, pois *a gente não vive para trabalhar*, como se a atividade de trabalho fosse um fim em si mesmo, ao contrário, *trabalhamos para viver*, com vistas ao tempo da vida fora do trabalho, que inclui o lazer, a família, os amigos. Quando comparado a outras dimensões da vida, o trabalho é minimizado, no que se refere ao espaço que ocupa, enquanto significação, na vida dos indivíduos.

Se, de um lado, há idealização do trabalho, atividade que representa dignidade, de outro, há uma visão crítica da exploração capitalista, devido ao tempo de dedicação ao trabalho, apresentada como necessária pelo capital. Um tempo da vida do indivíduo que não pode ser ocupado pelas outras dimensões que precisam ser vividas. A vida não é só trabalhar. A família também é importante e, para o jovem trabalhador, fundamental, a família é a base de tudo, é o mais importante, o trabalho vem depois. O trabalho é uma dimensão da vida, que também a permite, no que se refere à sobrevivência, em primeiro lugar. Mas só pode vir, em importância, depois da família, espaço que justifica a necessidade de trabalhar, que apóia as outras intenções dos jovens com relação ao trabalho, enquanto busca de independência e realização, pois como reflete uma jovem, *o trabalho é importante, mas você tem que saber conviver com sua família, tem que se dar bem primeiro onde você vive*, para poder ter o suporte e o apoio necessários nos momentos em que lhe for negado o exercício nessa outra esfera, por ocasião do desemprego.

1.4. Tempo para o descanso, tempo para o lazer: a dimensão do não-trabalho

Não podemos pensar na vida do trabalhador assalariado urbano de baixa qualificação sem nos lembrarmos da dimensão do cansaço e do tempo de que dispõem para o descanso. (Evelyn: 1988). Não há como pensar a vida do jovem trabalhador sem considerar a dimensão do lazer e da sociabilidade, essa dimensão marginal, compreendida como o instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, o lugar em que é possível encontrar algum prazer. (Magnani:,1998).

O lazer, momento livre, do não-trabalho, é uma esfera importante e significativa na vida dos jovens. Representa o momento reservado para a distração e o descanso. *É bom você descansar um pouco, fazer coisas que te deixam mais `a vontade*, sendo considerado *uma distração na vida da pessoa*, principalmente *se você vê muita coisa ruim o dia inteiro, se você não tiver um momento pra descansar, pro lazer, você pira*. É importante ter um momento de lazer, tornando possível *esquecer um pouco dos problemas também*. *Você trabalha a semana inteira, senão tiver lazer a vida fica monótona*.

Claramente separado do trabalho, o lazer é uma dimensão da vida muito valorizada. Todavia, ela só existe em oposição ao trabalho. É a presença do trabalho que define, em contrapartida, os momentos possíveis ao lazer. Neste momento, os indivíduos recuperam-se de todo o cansaço acumulado durante a semana, *toda a pressão que você sofreu, colocando as coisas no lugar dentro da sua cabeça pra conseguir aproveitar um pouco a vida e, naquele momento, esquecer os problemas até pra você poder se adaptar melhor*, diz um jovem, de 19 anos, que trabalha. Nos momentos de descanso, definidos pelo tempo de não trabalho, o jovem pode se recuperar para poder *se adaptar melhor* à situação de trabalho

Hoje é o trabalho que imprime o tempo possível ao lazer (Bajoit& Franssen: 1997) “impondo, ao mesmo tempo, a interdição a qualquer atividade que, de longe, lembre qualquer aspecto do ato de trabalhar.” (Evelyn: 1998; 79).

Todavia, alguns jovens buscam no próprio trabalho os momentos de diversão, como declarou uma jovem: *um trabalho legal é aquele em que você conversa bastante, se diverte, não fica naquele tédio, aquela rotina, como no escritório, tudo parado*. A idéia da diversão aparece em outros depoimentos: *Eu trabalhava à noite toda mas me divertia muito com os jovens que estavam em roda da gente. Era diversão com o trabalho junto*. Apesar da possibilidade de diversão junto com o trabalho, os jovens, em geral, têm bem clara a idéia de que os momentos de lazer são possíveis fora da esfera do trabalho. A diversão no trabalho é uma forma de procurarem o prazer no local onde estão e também buscarem aliviar algumas deficiências vividas na situação de trabalho, como a baixa remuneração, a monotonia da atividade, as tensões de toda a espécie.

O tempo de lazer, do não-trabalho, é o tempo livre, apesar das limitações impostas pela pobreza, para a escolha. O espaço do lazer, das diferentes formas de entretenimento, é regido por uma lógica diferente da encontrada no universo do trabalho. (Weber: 1991; Magnani: 1998). No lazer, é possível escolher entre jogar futebol nas quadras, ficar com os amigos no prédio, ir ao shopping, visitar parentes, descansar em casa. Fazer o que gostam, dentro de determinadas alternativas e no horário que mais lhes convier.

Os jovens desta pesquisa têm preferências esportivas e de lazer comuns, laços de vizinhança, estabelecendo amizades de anos. Muitos moram na Cohab há bastante tempo e foram criados junto aos amigos atuais. No bairro, na região onde moram, estabelecem uma rede de relações que, “se não são pessoais, são processadas como tal” e o indivíduo é a referência. (Evelyn: 1988). Os jovens têm em comum o bairro, os lugares que freqüentam, shopping, pizzaria, locadoras, quadras esportivas, a academia Galpão de ginástica, a própria periferia. Cada indivíduo, cada jovem, constrói o seu universo familiar, pessoal, conhecido, formado por relações pessoais e impessoais.

A maioria dos rapazes joga futebol nos finais de semana, nas quadras esportivas⁴⁴, nas escolas ou nos prédios. Há oito campos de futebol, localizados principalmente nos núcleos da Cohab. Uma das quadras bastante utilizadas é a quadra coberta Castelo branco. Os jovens também se reúnem para jogar ping-pong em um dos prédios. A mesa para o jogo foi comprada com o dinheiro dos moradores

Dentro desse universo comum em que estabelecem uma rede de relações, o que mais importa para os jovens não é tanto o lugar em que estão, mas é o fato de estar com os amigos, *estando todo mundo junto está bom*, reforçando a sociabilidade, no prédio onde moram, nos bailes de forró, nas danceterias, nos shopping centers, na lanchonete, na pizzaria nova, que também, pela circulação, facilita a paquera.

Os jovens também têm preferências comuns de vestimentas, “coisas básicas”, relatam. As pessoas que vivem no mesmo bairro da periferia participam das mesmas associações comunitária, igrejas, e dos mesmos lugares de entretenimento. (Magnani: 1998). Alguns jovens freqüentam a academia Galpão, ficam na casa de outros amigos no bairro, reúnem-se nos prédios em que moram, ficam em casa vendo TV com os familiares. O tempo que é de dedicação à família está mais circunscrito aos dias de semana. Os finais de semana, geralmente, devem ser divididos com os amigos.

⁴⁴ A programação mais enfaticamente desenvolvida é a esportiva e é realizada de forma bastante descentralizada, envolvendo a população da periferia da cidade” (Diagnóstico da situação da criança e do adolescente. Município de Carapicuíba: 1996: 98).

Nas atuais condições de vida dos trabalhadores nos grandes centros urbanos, os recursos e tempo são, em grande medida, utilizados para assegurarem a sobrevivência. Todavia, sempre sobra tempo e disposição e uns trocados para a diversão (Magnani: 1998). Atividades que desfrutam no tempo livre, escasso, para muitos, como nos revela Fábio, 16 anos: *Eu folgo de segunda feira. Os outros dias eu não saio. Eu chego do trabalho, saio só pra levar minha namorada na escola e volto. Eu também gosto de jogar voley, de jogar bola. Eu jogo aqui em baixo no prédio. A gente não sai. Agora, tem pessoal que joga bola na quadra.*

Quando o jovem é casado, o seu tempo de lazer, também curto em função da jornada diária de trabalho, às vezes, conjugada com algum curso, é redimensionado. Assim como assumem mais responsabilidades com relação à postura diante do trabalho, que é exercido para a sobrevivência sua e de sua família, com o lazer não é diferente. Segundo os depoimentos, o tempo do não trabalho não é mais, como antes, destinado às diversões da juventude. É necessário estar mais com a família, ficar mais em casa. *Eu sou mais caseiro. Eu gosto de ver futebol na TV,* comenta um jovem casado. *Quando eu saio, eu vou pra shopping com meu marido,* revela outra jovem. Ao mesmo tempo, recordam da época em que eram solteiros e saíam mais com os amigos: *eu saía bastante. Agora eu fico mais em casa. Quando a gente é solteiro é diferente, a gente sai com turma, gasta o dinheiro dos pais. Agora tem de ter mais responsabilidade. Não dá pra ficar zuando,* pondera outro jovem casado. O casamento, na maior parte das vezes ocorrido por ocasião da maternidade/paternidade, imprime uma nova postura ao jovem, não apenas diante do trabalho, mas da vida. Todas as esferas em que o jovem atua são redimensionadas, permeadas pela necessidade de ter e cumprir com certas responsabilidades.

Algumas preocupações, no entanto, são comuns ao universo de pertencimento dos solteiros e casados, e diz respeito à violência do local. Além do perigo das ruas, alguns jovens temem ver irmãos ou amigos envolvidos com pessoas que podem lhes trazer más influências, como o uso das drogas. *O que me preocupa é um dia ver um amigo meu usando drogas e eu não podendo ajudar,* revela um jovem. *Eu me preocupo em ver minhas irmãs perdidas, se misturando com quem não vale a pena e ter uma má influência,* conclui

outra. Apesar do medo das más influências e a preocupação com a violência, que *é o que mais preocupa a gente*, as opiniões dividem-se, quando o assunto é ir morar em outro local. Alguns moram há bastante tempo em Carapicuíba e não gostariam de sair de lá, dizem que já estão acostumados, que têm os seus amigos, que foram criados ali. Outros, prefeririam morar em um local mais tranqüilo.

Dessa forma, apesar da violência, *bandidagem, assalto tiroteio*, que ameaça a todos, o fator que mais conta, nas considerações que fazem sobre o local, é a presença das amizades, das relações interpessoais construídas ao longo dos anos. Não são determinantes, no sentido de fazer com que jamais pensem em sair de onde moram, como diz uma jovem: *se eu conseguisse um trabalho bom e pudesse levar minha família eu saía, apesar que eu tenho muitos amigos aqui*. Porém, correspondem à primeira associação que fazem com o local, re-significando-o. Nesse sentido, a presença das amizades humaniza o espaço onde moram, fazendo com que relativizem a violência ali existente, no sentido de que ela não seja capaz de determinar o destino da vida deles, ainda que continue trazendo o temor e a preocupação, não os expulsa para outro local, pois *violência tem em toda a parte*, enquanto a rede de sociabilidade e de amizades não pode ser construída da noite para o dia.

O fato de morarem há muitos anos no local, faz com que se auxiliem mutuamente, aprendendo também a lidar com a violência existente. Como desenvolve Evelyn (1988), nós da cidade há muitos anos convivemos com perigos diurnos e noturnos, com as circunstâncias de violência e assaltos, e aprendemos a lidar com elas. Nem mesmo nos damos conta de quantas coisa abrimos mão por causa delas. Os jovens conhecem as pessoas que estão envolvidas com o tráfico de drogas⁴⁵ e sabem como devem se comportar diante delas para que não sofram nenhuma agressão: *se você ficar na sua e souber levar, os bandidos até te protegem. Aqui eles não mexem com ninguém, não mexendo com eles*.

⁴⁵ “Dado o alto índice de criminalidade no município, a incidência de adolescentes com ato infracional, tradicionalmente sempre foi muito alta (de 2 a 3 casos por dia). Com o aumento do tráfico de drogas, o número de adolescentes com envolvimento infracional cresceu nos últimos anos, com incidência na faixa etária acima de 13 anos, alcançando o pico na faixa dos 16/17 anos, sendo infrações predominantes às relacionadas a crimes contra o patrimônio-furto, roubo e danos materiais.” (Diagnóstico da criança e do adolescente. Município de Carapicuíba, 1996, p. 111).

É comum haver troca de tiros de alguns moradores com a polícia. Algumas medidas são tomadas pelos moradores para se protegerem, como evitar sair de casa à noite, *não mexer com ninguém*, não provocar discussões, *ficar na sua*. Os jovens sempre têm casos para contar a respeito da violência do local. Um deles conta que os bandidos do bairro vão assaltar em São Paulo e Osasco e não onde moram e que ele e os moradores em geral temem mais a própria polícia do que esses marginais: *Outro dia*, diz um jovem de 16 anos, *eu vi atirando em dois moleques que estavam deitados no chão. Atirou na cabeça de um e depois do outro. Tem criança que pega cápsula de bala na rua. Também outro dia eu estava no bar e um cara entrou, que não era daqui, já gritando com o dono do bar, o outro veio e já atirou. Ele é que manda*. Esse jovem teme quando chega a hora de voltar do colégio para casa porque precisa descer o “escadão”. Lá ele sempre encontra pessoas armadas, fumando maconha, *mas eles até me cumprimentam e eu passo sem problemas. É só não se meter com ninguém*.

A escolha por determinado tipo de lazer também está relacionada à preocupação com a segurança. *No shopping*, diz uma jovem, *é onde você acha segurança. Você tem um pouco de segurança lá dentro*. As quadras também são evitadas por alguns jovens, temerosos com a violência: *está muito perigoso nas quadras. O pessoal vai mais pra shopping*. Poucos são os jovens que trabalham ou se divertem na cidade. *Aqui não tem nenhum lugar de lazer*, revela uma jovem, refletindo a opinião da maior parte dos entrevistados. *Eu gosto de ir ao cinema, forró. A gente vai pra São Paulo. Aqui não é ambiente que a gente curte*, diz outro, referindo-se às más influências. Muitos não reconhecem como lazer os espaços reservados para as ações recreativas em Carapicuíba, nas Cohab 2 e 5, como as quadras. Não frequentam porque acham longe, preferindo jogar bola dentro do prédio. Há também reclamações da má conservação das quadras e referências ao ambiente, considerado ruim. Segundo suas representações, a dimensão do lazer pressupõe diversão e não apenas descanso. A segunda pode ser realizada em casa, quando estão de folga do trabalho e da escola. Quanto à diversão, segundo uma imagem idealizada, deve ser desfrutada nos locais socialmente reconhecidos, enquanto espaços de lazer dos jovens, tais como cinema,

danceterias⁴⁶, os parques, playcenter e hoopi hare e shows. Ainda que essas não sejam as atividades que realizam com mais frequência⁴⁷, permanecem sendo as que consideram relacionadas ao lazer. Como nos lembra Magnani (1998: 113), “os dados obtidos nas entrevistas e questionários transmitem antes uma imagem idealizada e ‘dominante’ de lazer do que o quadro real das formas de entretenimento efetivamente desfrutadas.

⁴⁶ Algumas entrevistas não foram realizadas no dia marcado porque os entrevistados haviam saído para a casa de amigos, de namorados e não porque tinham ido ao shopping, ao cinema, à danceteria, a shows. Outras vezes eu reencontrava jovens que haviam sido entrevistados, andando pelas ruas, passeando com amigos, indo para a casa de parentes ou de amigos. Já não posso dizer quanto às saídas para as danceterias e bailes à noite, pois ficava por lá sempre até, no máximo, às 17 h.

⁴⁷ Pelo que percebi quando fui fazer as entrevistas nos finais de semana, os jovens ficam mais nos prédios onde moram, nas ruas, nos bares próximos e na casa dos amigos.

TRABALHO, EMPREGO E DESEMPREGO: ATITUDES E EXPECTATIVAS

Este capítulo tem o propósito de discutir as expectativas dos jovens entrevistados em relação ao trabalho, emprego e desemprego, a partir de suas experiências e apreensões das e nas diversas situações nesse domínio, recuperando o significado e as representações sobre o mesmo, no que se refere ao jovem, ao seu olhar sobre si mesmo e sobre os adultos. Partiremos das transformações que vêm ocorrendo no universo do trabalho, que caracterizam o contexto no qual os jovens podem buscar sua inserção. Assim, trataremos de recuperar o que os motiva e o que os desencanta na procura, na espera e no trabalho efetivo.

2.1. As transformações no universo do trabalho e a sua centralidade em discussão

Antes de analisarmos alguns aspectos das entrevistas realizadas com os jovens trabalhadores, buscando apreender as representações desenvolvidas sobre o trabalho, retomaremos a discussão sobre sua centralidade, a partir de algumas posturas dentro do tema.

A questão da centralidade ou não do trabalho foi/é motivo de preocupação para alguns autores que presenciaram e presenciaram mudanças significativas nessa esfera, assim como em outras esferas da vida, no estágio atual de desenvolvimento das sociedades.

Em virtude do cenário contemporâneo, marcado pelo aumento da pobreza e da concentração de riqueza mundial, pelo desemprego crescente, pela elevação da sofisticação tecnológica, pelo apogeu de um mundo global sem fronteiras, alguns autores, perplexos com essa paisagem, acreditam estarmos presenciando uma era menos centrada no trabalho (Gorz, 1982; Habermas, 1987; Offe, 1989).

Para esses autores, o trabalho estaria perdendo seu poder socializador, perdendo sua capacidade de determinar a estrutura e o desenvolvimento social, deixando de ser fonte de riqueza e bem estar social e a principal fonte de sentido e de identidade para os indivíduos.

Para Gorz (1982), a abolição do trabalho assalariado é um fator positivo, na medida em que, para o indivíduo, a existência de um tempo livre abriria possibilidades de construção de uma vida emancipada, no exercício de atividades criativas não dependentes do trabalho remunerado.

A diminuição do tempo de trabalho no tempo da vida dos indivíduos, aliada à exclusão de um maior número de grupos dessa atividade, estaria trazendo necessidades, experiências e orientações diferentes daquelas provenientes da esfera do trabalho. Estaríamos também em presença de um declínio moral e ético do trabalho e da degradação de sua dimensão subjetiva, sendo difícil, na contemporaneidade, pensarmos em uma continuidade biográfica de formação profissional e do exercício de uma profissão . (Offe: 1989).

Para Gorz, Habermas e Offe, a autonomia dos homens na sociedade, mesmo que difícil, não estaria mais sendo construída em torno da sociedade do trabalho.

Contrariando essas posturas em relação ao papel do trabalho na atualidade, ainda que sob perspectivas diversas, Antunes (1995) , Bernardes (1994), e Harvey (1992), não ignorando a fragmentação desse universo, defendem a permanência de sua centralidade.

Segundo Bernardes, com base nas transformações que estão se processando na esfera do trabalho, com impactos diversos em diferentes⁴⁸ regiões do mundo, deveríamos pensar menos em um declínio do que em um redimensionamento ético e moral do trabalho, “com sua virtual ascensão valorativa”. O trabalho industrial estaria passando por um processo de reprofissionalização, resgatando a inteligência na produção, a partir de novas competências⁴⁹, que têm centralidade na dimensão comunicacional do trabalho.

⁴⁸ Uma das críticas feitas a Offe é que ele faz suas análises a partir das sociedades européias. Nesse sentido não é possível transpor seu esquema analítico para as sociedades de capitalismo tardio (Bernardes:1994).

⁴⁹ São vários os aspectos envolvidos no desenvolvimento dessas novas competências, que se contrapõem às habilidades manuais. De uma forma geral, relacionam-se às habilidades cognitivas e comportamentais, compreendidas em três grandes grupos: capacidade de abstração, decisão e comunicação, conhecimento

Bernardes (1994), apoiando-se em Hirata, sintetiza a questão da desconsideração do trabalho na contemporaneidade em função de alguns aspectos: exclusão, na definição de trabalho, de toda atividade remunerada que não seja diretamente produtiva e industrial, eliminando desde o trabalho no setor de serviços até o trabalho doméstico; desconsideração da questão da divisão sexual do trabalho; visão eurocentrista, que não considera a divisão internacional do trabalho, que vem concentrando cada vez mais as atividades “*labour-intensive*” nos países ditos subdesenvolvidos ou semi-industrializados.

Para Antunes (1995), a desconsideração da centralidade do trabalho na atualidade está relacionada à não percepção da dupla dimensão do trabalho: concreto e abstrato. Para o autor, a crise atual do trabalho refere-se à crise do trabalho abstrato. O trabalho concreto seria responsável pela construção de uma vida social significativa e emancipada, a partir da superação da heteronomia do trabalho, portanto, não estaria perdendo sua centralidade.

Ainda que o universo do trabalho venha sofrendo modificações no seu significado, sendo palco para discussões em torno da relevância de sua centralidade na vida dos indivíduos, acreditamos que, para os jovens, seja pela aquisição de uma certa autonomia e independência dos pais, seja pelo aprendizado e responsabilidade que adquirem trabalhando, o trabalho é central em sua vida e essa crença nos faz indagar a respeito da forma como eles o percebem em sua vida, a partir de suas representações. Preocupa-nos investigar o papel e o significado do trabalho para esses indivíduos.

É sabido que o trabalho, assim como outras dimensões da vida, juntamente com a sua fragmentação, vem sofrendo modificações em seu significado, a partir de uma nova conotação⁵⁰, com a diversidade de suas expressões, nas formas permanente, temporário, parcial, precário, no domicílio, autônomo, de maneira ainda mais relevante em um país que é resultado da combinação de elementos modernos e arcaicos (Martins: 1993), como é o caso do Brasil. A combinação, na maioria das empresas, de sistemas de trabalho mais

teórico e prático, e qualidades que se relacionam à responsabilidade, atenção e interesse pelo trabalho. (Bernardes: 1994)

⁵⁰ Trabalhos precários, parciais, em domicílio, temporários sempre existiram. Todavia, hoje apresentam um novo conteúdo. (Evelyn: 1998).

avuçados, segundo o modelo de flexibilidade, com a permanência da adoção do padrão taylorista-fordista de produção, é uma das expressões desse processo.

De qualquer modo, permanência, transformação e adaptação de formas e sistemas de trabalho e de pensar e viver o trabalho estão longe de significarem o fim de sua centralidade na sociedade.

2.2. Transformações no universo do trabalho: o caso brasileiro

As mudanças que estão ocorrendo no universo do trabalho referem-se à chamada terceira Revolução Industrial⁵¹, abrangendo a indústria, o processo de trabalho e indo além, pois não são dadas de forma isolada, mas fazem parte de vários outros aspectos da vida, que também estão em rápida transformação e são de alcance global.

A terceira Revolução Industrial, que rompe com os padrões de desenvolvimento anterior⁵², afetou de forma drástica o mundo do trabalho, o mercado de trabalho, o papel dos sindicatos, as relações no interior do processo produtivo, a divisão do trabalho e a “própria sociabilidade de um sistema baseado no trabalho”. (Mattoso: 1994).

Dentro desse processo, a acumulação flexível ou toyotismo marca um confronto direto com a rigidez do fordismo, apoiando-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados e dos padrões de consumo. (Harvey: 1992; Ianni: 1994).

O novo padrão industrial traz novos conceitos, tanto no nível técnico como no organizacional, multiplicando e intensificando as possibilidades de uma nova racionalização ampliada do processo produtivo: a organização em ilhas ou células, que rompe com a noção de posto de trabalho, o *just in time*, que busca a fluidez, com a eliminação de estoques, de produtos acabados e desperdícios, Kanban, que é uma forma de

⁵¹ Mattoso (1994), Sobrinho (1995), Leite (1995) trazem as considerações a respeito do que vem a ser a terceira Revolução Industrial.

controle de estoques e da produção, utilizando procedimentos manuais, a microeletrônica, a robótica, e o controle de qualidade total, que envolve a preocupação com o consumidor, buscando, para isso, a qualidade do produto, do serviço e da assistência posterior. (Harvey: 1992; Mattoso: 1994; Ianni: 1994; Leite: 1995, Sobrinho: 1995).

Esse novo modelo de produção, a reestruturação produtiva⁵³, apresenta um caráter desigual em diferentes regiões do mundo, empresas e indivíduos, com uma distribuição também desigual “dos benefícios do progresso técnico”. (Mattoso: 1994).

Pensando no Brasil, Sobrinho (1995) alerta-nos para o perigo de generalizarmos, de tomarmos o modelo japonês como universal, como se fosse um “pacote” de práticas passíveis de serem transferidas ou, inversamente, distante e sem validade prática para outros contextos. Mesmo no Japão, continua o autor, essas práticas são restritas a mais ou menos 1/3 das empresas “boas e grandes”. O que acontece em outros contextos⁵⁴ é a adaptação e recriação de alguns princípios e práticas.

No caso do Brasil⁵⁵, devemos sublinhar os limites da introdução do processo de flexibilização, na década de 70, expressos, sobretudo, pela persistência do autoritarismo nos locais de trabalho, pela reatualização da divisão sexual do trabalho, com mulheres executando tarefas menos qualificadas e com menor remuneração, pela resistência patronal

⁵² Esse padrão refere-se ao sistema taylorista-fordista de produção, também designado por segunda Revolução Industrial. A respeito das revoluções trazidas junto com esse modelo de produção, ver: Harvey (1992), Sobrinho (1995), Leite (1995).

⁵³ Falar em reestruturação produtiva implica referir-se ao processo de reconfiguração “da forma como se produzem os bens e serviços de uma economia”, o que vem acarretando “mudanças no comportamento empresarial, no padrão tecnológico, nas formas de gestão, contratação e remuneração da mão-de-obra.” (Dieese: Estudos Setoriais: 1999; 6).

⁵⁴ Significando não apenas os traços nacionais do país, “mas as especificidades e estratégias de cada empresa, ramo ou setor” (Sobrinho: 1995, 45).

⁵⁵ Leite (1995) caracteriza três períodos que correspondem à inovação tecnológica no Brasil: o primeiro, iniciado no final dos anos 70, refere-se à difusão dos círculos de controle de qualidade, sem a ocorrência de relevantes investimentos em novos equipamentos ou mudanças significativas nas formas de organização do trabalho. O segundo, coincidindo com a saída de recessão dos primeiros anos da década de 80, e indo até início dos anos 90, foi caracterizado pela adoção de várias técnicas japonesas, como o Kanban, o *just in time* e a celularização da produção, e pela rápida difusão dos equipamentos. O terceiro período teve início no começo dos anos 90 e é marcado pelo investimento pesado das empresas em mudanças organizacionais baseadas em técnicas e métodos japoneses, e em “novas formas de gestão da mão-de-obra, compatíveis com os princípios de flexibilização do trabalho e com o envolvimento dos trabalhadores com a qualidade e produtividade”. (p.346).

a abandonar as técnicas de controle da mão-de-obra e em aceitar a participação de trabalhadores nas decisões da empresa. (Leite: 1995). É também significativo a coexistência de práticas tayloristas e não-tayloristas de produção.

O processo de reestruturação produtiva no Brasil é heterogêneo e apresenta limites que devem ser levados em conta. De 1990 a 1993, não houve nenhum avanço dos dados relativos ao treinamento dos trabalhadores, que diz respeito à porcentagem de horas/trabalho/ano que são dedicadas a cursos, programas de qualificação, seminários, os quais continuam baixos ao compararmos com os padrões internacionais: índice 1 para o Brasil, contra uma média de 5 a 7 para os Estados Unidos e Europa, e 10 para o Japão. (Leite: 1995).

Apesar dos esforços que as empresas brasileiras vêm fazendo para acompanhar o processo de reestruturação produtiva, “o país tem vivenciado contradições que têm se apresentado também em outras experiências de reestruturação produtiva em nível mundial.” (idem, 354). Todavia, os efeitos dessas contradições podem ser diversos para cada realidade, segundo um contexto mais amplo.

Além da gama de variáveis históricas, culturais, geográficas e políticas, que particularizam as experiências de cada contexto (Leite: 1995), marcando as diferenciações na situação de emprego dos jovens (Pochmann: 1998), os mercados e o estágio de desenvolvimento tecnológico são fatores que fazem com que tenhamos de ter cautela diante de modelos de processos de trabalho, como é o caso do Japão (Leite: 1995).

Contudo, apesar da diversidade e das desigualdades, sociais, políticas, econômicas, culturais, religiosas, raciais e lingüísticas, das peculiaridades específicas de cada país, por suas características históricas, geográficas, há relações e processos que são de alcance global, constituindo o mundo do trabalho. Conforme Ianni (1994), nesse início de século XXI, o capitalismo global traz novas formas sociais e novos significados do trabalho.

Na produção flexível, o mercado de trabalho passou por uma rápida reestruturação, caracterizando-se pela fragmentação e pela heterogeneidade na composição de sua mão-de-obra: de um lado, é composto de trabalhadores qualificados, em empregos fixos, polivalentes, com direitos trabalhistas garantidos e, de outro, de uma massa de trabalhadores com baixa qualificação, empregados em trabalhos precários, mal remunerados, sem direitos trabalhistas ou desempregados. (Harvey: 1992; Antunes: 1995). Flexibilidade funcional para o núcleo estável da produção e flexibilização numérica para os trabalhadores periféricos.

Aliado ao novo padrão de produção flexível em escala global, outros acontecimentos vêm concorrendo para trazer transformações às relações e concepções de trabalho. Podemos citar o aumento no padrão de competitividade, com a entrada dos tigres asiáticos no mercado mundial e a queda do socialismo no leste europeu, extinguindo a possibilidade de confrontação de relações de trabalho, a partir de uma experiência alternativa à realidade capitalista. (Evelyn: 1998).

Acrescenta-se, mais recentemente, a diminuição da necessidade de trabalhar⁵⁶. É possível produzir mais bens ou serviços, de forma melhor, com relativamente menos capital e horas de trabalho. (Gorz: 1982; Ianni: 1995; Evelyn: 1998). A falta de emprego decorrente é estrutural, uma vez que há universalização na forma de produzir, tendo como objetivo “a racionalidade da produção voltada para a competitividade em escala mundial” (Evelyn: 1998). Há trabalhadores “sobrando” em todas as partes do mundo, principalmente trabalhadores mais jovens, na faixa dos 15 aos 24 anos⁵⁷.

Esse fato traz conseqüências diretas para o trabalhador, em seu trabalho e na forma de percebê-lo. Um dos resultados é a combinação de formas de contratação: trabalho em

⁵⁶ Como observa Evelyn (1998), diferente do que acontece hoje, “embora a história do trabalho tenha sido sempre a história da produtividade crescente, foi também a da expansão ilimitada, ou assim se acreditava, da oportunidade de trabalho e do investimento.”(p.17).

⁵⁷ “O desemprego absoluto passou a envolver crescente parcela de trabalhadores, alcançando mais de 35 milhões de pessoas em 97 nos países da OCDE. Desse universo cerca de 16 milhões eram de pessoas na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade” (Pochmann: 1998: 13).

tempo parcial, no domicílio⁵⁸, temporário⁵⁹, com o trabalho regular. Não são alternativas inéditas de trabalho na história. Todavia, o momento contemporâneo reinventa essas expressões de trabalho, a partir das necessidades do capital. Assim, as velhas formas de trabalho precário, expressões do trabalho contemporâneo, são reatualizadas, “vistas como o que há de mais moderno e interessante, mais produtivo e que, se deixado à livre iniciativa dos empresários, pode se generalizar” (Evelyn: 1998: 105). O trabalhador vai se adequando menos por opção do que por falta de escolha.

No interior da sociedade moderna, o trabalho humaniza-se segundo diferentes expressões. Há trabalhos mais leves e mais pesados, trabalhos bem remunerados e mal remunerados, trabalhos prestigiados e trabalhos desvalorizados. (Evelyn: 1988), trabalhos por tempo indeterminado, trabalhos parciais, autônomos, assalariados e no domicílio.

Para Ianni (1994), os patrões tiraram proveito da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregada ou subempregada) e do enfraquecimento da influência sindical, que era marcante no taylorismo, para impor contratos e regimes de trabalho mais flexíveis.

Como observa Mattoso (1994), há um crescimento da insegurança do mercado de trabalho, de pertencer ou não a ele, insegurança no emprego, pela redução de empregos permanentes e fixos, insegurança da renda e disparidade salariais entre trabalhadores permanentes e periféricos, insegurança na contratação, com o crescimento da contratação descentralizada no âmbito da empresa e ampliação das formas de contratação em tempo determinado, parcial e até sem contrato, insegurança na representação do trabalho, caracterizado pelo enfraquecimento das práticas de negociação sindical. Todas essas diferentes inseguranças refletem o problema da liberação do tempo de trabalho.

⁵⁸ Durante a pesquisa que deu origem a esta dissertação, nenhum dos jovens entrevistados estava trabalhando no domicílio. Também disseram nunca terem sido contratados para esse tipo de trabalho. Sobre o trabalho no domicílio, ver Evelyn (1998: 96-102).

⁵⁹ Essas formas de contratação têm em comum relações de trabalho precarizadas. “Precário quer dizer abaixo ou aquém de uma referência, até então, socialmente legitimada.” (Evelyn: 1998: 102).

As transformações que vêm ocorrendo no universo do trabalho, e que afetam o mercado, têm atingido os adolescentes e as crianças que trabalham, principalmente das famílias de baixa renda⁶⁰, “já pressionadas por carências as mais diversas”, que se lançam à procura de um emprego para auxiliarem o grupo doméstico, muitas vezes com prejuízo da formação escolar e, conseqüentemente, da vivência de uma adolescência moderna, baseada no afastamento do trabalho e na dedicação e prolongamento dos estudos (Pais: 1996).

Dados do Relatório Metodológico do Seade/Dieese, de 1995, contribuem para a determinação do mercado de trabalho do Brasil. Segundo o Relatório, o aumento das formas precárias de inserção, a existência de autônomos e assalariados sem carteira de trabalho, a diversidade interna do conjunto dos assalariados com carteira assinada, decorrentes do fato de acontecerem em empresas grandes ou pequenas, públicas ou privadas, em setores ou ramos de atividades dinâmicos ou tradicionais e a posição do empregado dentro da empresa, qualificado ou não qualificado, fazem com que aumente a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro.

Nesse sentido, o mercado de trabalho do país pode ser caracterizado por ser pouco estruturado, apresentando elevada disponibilidade de mão-de-obra e possuindo uma estrutura produtiva bastante heterogênea.

Outro aspecto a ser destacado é o aumento da precarização da condição de ocupação no mercado de trabalho brasileiro na década de 90, marcado, principalmente, pela diminuição dos assalariados no conjunto dos ocupados, pelo aumento da taxa de desemprego⁶¹ e da precarização das relações de trabalho. (Dieese: 1999; Letelier: 1999; Montali: 2000). Esse contexto caracteriza a situação de muitos jovens. “Os componentes das famílias que estão

⁶⁰ O aumento da vulnerabilidade dos jovens, sobretudo para as classes populares, “pode ser constatado pelas análises das trajetórias profissionais, diante da desvalorização dos diplomas, da desqualificação relativa dos certificados de cursos de formação, da busca do primeiro emprego, da instabilidade das ocupações e da frequência do desemprego” (Pochmann: 1998: 22).

⁶¹ “A partir de maio de 1997 recrudescer o desemprego na RMSP, que atinge em 1998 a média anual de 18,3%.” (Montali: 2000: 57). Embora tenha crescido o desemprego para ambos os sexos, o desemprego masculino é explicado pela menor disponibilidade de postos de trabalho na região e o crescimento do desemprego feminino, pela maior oferta de mão-de-obra.” (idem. p.43).

sendo mais afetados ao acesso a empregos de qualidade são os jovens e os muito jovens⁶². (Montali, 2000: 42). Em muitos casos, a falta de emprego ou o trabalho temporário e precário vão “condicionar o futuro imediato de muitos jovens” (Pais: 1996).

Apesar da importância do trabalho com carteira assinada, o assalariamento sem registro em carteira vem ganhando espaço. Há destaque também para os trabalhadores autônomos.(Dieese: 1999).

Assalariamento sem registro e desemprego são situações comumente vividas pelos jovens trabalhadores. Para dar início à análise das entrevistas dos jovens pesquisados, partiremos dos conceitos da Pesquisa de Emprego e Desemprego -PED , desenvolvida pela Fundação Dieese/Seade, que redefine situações básicas da População em Idade Ativa -PIA, fornecendo expressão às relações de trabalho em um mercado historicamente heterogêneo e flexível.

Nesse sentido, a inserção da PIA⁶³ no mercado de trabalho do país, considerada pela PED, não se restringe à situação de trabalho e não-trabalho ou de procura e não-procura, mas considera outros parâmetros que definem melhor a diversidade de situações existentes. O resultado é o aparecimento de situações de desemprego ou inatividade que estavam disfarçadas pelo exercício de atividades ocasionais.

A PED utiliza os seguintes itens como parâmetros para classificar a PIA como desempregada, ocupada ou inativa: procura efetiva de emprego, expressa na tomada de providência, pelo indivíduo, para conseguir algum trabalho, nos trinta dias anteriores ao da entrevista, disponibilidade para trabalhar sem procura efetiva, referindo-se à situação do indivíduo que, devido a várias razões, não procurou trabalho no período considerado de trinta dias. A pesquisa considera esse indivíduo como integrante da PEA e não como

⁶² A situação mais grave de instabilidade refere-se aos ocupados menores de 18 anos, reafirmando a precariedade de inserção do adolescente ao mercado de trabalho, tanto para os meninos quanto para as meninas. (Montali: 2000).

⁶³ A PED considera os indivíduos integrantes da População em Idade Ativa, PIA, aqueles com 10 anos ou mais de idade, em virtude da própria realidade social brasileira que apresenta crianças trabalhando nessa faixa etária.

inativo, como fariam algumas pesquisas tradicionais que não levam em consideração a disponibilidade do indivíduo para trabalhar e que estão em situação involuntária de não-trabalho.

A disponibilidade atual para trabalhar revela a força de trabalho ofertada no mercado que poderá estar ocupada ou desempregada ou identificada como excedente.

Ainda como parâmetros da PED temos: a situação de trabalho que compreende o trabalho remunerado de qualquer tipo⁶⁴, o trabalho não remunerado, o trabalho excepcional, realização de algum trabalho, quando sobra tempo ao indivíduo de suas atividades prioritárias e não-produtivas, remuneradas ou não, em caráter excepcional.

São situações de não-trabalho, classificadas pela PED, as atividades realizadas, sem remuneração, pela dona-de-casa, pelo estudante, pelos indivíduos que realizam trabalho voluntário, pelos indivíduos que auxiliam parentes em seus afazeres domésticos, recebendo ou não algum valor monetário por isso.

Quanto ao tipo de trabalho exercido, a PED considera o trabalho regular compreendendo o trabalho assalariado por tempo indeterminado ou em caráter esporádico, as atividades que tenham garantia de continuidade de trabalho emprego e/ou de ganhos, o emprego doméstico mensalista e o do empregador. E o trabalho irregular, o trabalho remunerado instável ou de auto-ocupação não remunerado.

Os trabalhos irregulares denunciam as situações de desemprego oculto dos trabalhadores que, por falta de alternativas de trabalhos regulares exercem atividades de auto ocupação para sobreviver.

A necessidade de mudança de trabalho é outro parâmetro utilizado pela PED para desvendar a situação de desemprego oculto pelo trabalho precário. Nesse caso, o

⁶⁴ Abrange os assalariados, os trabalhadores por conta própria, os autônomos, os estagiários, aprendizes e religiosos que recebem alguma remuneração em dinheiro.

trabalhador está à procura de um trabalho que substitua o atual. Esse novo trabalho pode ser um emprego assalariado ou uma mudança de ofício.

A situação de desemprego, de não-trabalho involuntário, é identificada pela PED em três tipos distintos: desemprego aberto, desemprego oculto pelo trabalho precário, desemprego oculto pelo desalento.

Essa nova classificação favorece especialmente as análises das situações dos jovens no mercado de trabalho, uma vez que o exercício de atividades irregulares e ocasionais é bastante comum entre eles. Assim sendo, pouco nos acrescentaria sabermos que os jovens estão inseridos em atividades irregulares se não apreendêssemos deles suas motivações que expressam a procura por um trabalho regular em alguns casos, a maioria, ou, em outras circunstâncias, a permanência voluntária no trabalho atual, ainda que irregular.

Ao verificarmos a postura dos jovens diante de sua situação atual no mercado de trabalho, bem como a existência ou não de motivações para a procura de um trabalho ou para a troca do emprego atual, estamos apreendendo formas ocultas de desemprego, segundo a PED, bem como a relevância do trabalho, sua centralidade na vida dos jovens.

Todos os jovens que estão trabalhando ou que já trabalharam começaram por iniciativa própria. Do total de 41 jovens entrevistados, 23 mulheres e 18 homens, 10 estão em situação de desemprego aberto, sendo 7 mulheres e 3 homens. Outros dois rapazes estão em situação de desemprego oculto. Um deles trabalha apenas quando é solicitado pela empresa, ficando em casa involuntariamente. Outros 9 jovens, 6 mulheres e 3 homens estão em situação de inatividade. Dentre os motivos alegados para não procurarem trabalho no momento estão: situação de gravidez, de amamentação, casamento, alistamento militar (apenas um caso⁶⁵), e, finalmente, a não necessidade de trabalhar.

⁶⁵ Dos garotos que se alistaram, todos em Quitauína, apenas um foi convocado pelo exército, os demais foram liberados por excesso de contingente.

Um total de 22 jovens, 10 mulheres e 12 homens, estão trabalhando. Apenas uma jovem não tem registro em carteira. Quanto aos rapazes, 7 estão registrados contra 5 que não têm registro em carteira. Desses que não são registrados, apenas dois estão procurando outro trabalho porque não gostam do que fazem. Interessante notar que os outros 3 que estão trabalhando e que não têm registro em carteira, estão satisfeitos com o trabalho e dois deles têm a esperança de serem registrados mais para a frente.

2.3. Trabalho: o início da trajetória e a situação de desemprego

A conjuntura é importante para a apreensão das atitudes e representações dos jovens diante das situações de emprego, desemprego, situação de trabalho (em tempo parcial, temporário, em tempo integral), fazendo com que surjam expectativas e representações que vão desde a instrumentalidade, com a preocupação com a sobrevivência, com a renda, até a busca da realização pessoal, no exercício de atividades criativas ou por meio de um trabalho desejado, o exercício de uma profissão liberal ou uma atividade ligada à arte, ao teatro, como veremos.

Estar trabalhando é tornar mais viável a realização de expectativas, segundo representações e projetos construídos, tendo presente, em sua ausência, o possível, a realização do sonho desejado, sempre colocado, não sem tensões, porque não há certezas, mas esperanças que persistem. Estar desempregado representa o adiamento do que já era de início um projeto para o futuro, como o ingresso em um curso superior, desejado por vários jovens, que precisam contar com uma renda para custear os seus estudos.

Para boa parte dos entrevistados, a conjuntura, marcada pela situação de desemprego, é bastante significativa para que possamos apreender as representações sobre o trabalho. Nesse sentido, a sua valorização pode ser dada pela sua ausência. O trabalho passa a ser valorizado por sua falta, por sua escassez. A ausência do trabalho na vida dos jovens desempregados não acarreta, contudo, as mesmas reações. Além do contexto, a situação do mercado de trabalho, devemos considerar os processos internos, como as relações

familiares e as potencialidades de cada indivíduo, as trajetórias particulares e a singularidade de cada vivência. (Pais: 1991).

Assim, uma mesma situação pode produzir diferentes representações. Essa variabilidade está relacionada a fatores como: idade do jovem, estado civil, destino da renda, situação profissional do chefe da família, perspectivas e projetos pessoais, trajetória e experiência de emprego e desemprego, tipo de trabalho exercido que, aliados à conjuntura, resultam em representações diferenciadas. De qualquer forma, a situação de desemprego jamais está ligada à positividade; ainda que por vezes reclamem das mazelas vividas no emprego atual, isso não implica valorização positiva do desemprego.

Para alguns jovens, o desemprego representa a ameaça constante da presença da desocupação porque *o jovem tem uma cabeça muito fraca*, avalia José Willian, de 19 anos, solteiro, que trabalha com edificações. No limite, a desocupação pode levar ao descaminho do jovem, à marginalidade: *se o jovem não trabalhar ele se ocupa com outra coisa. É aí que ele começa a usar drogas*, analisa outro jovem.

Esse temor é corroborado pelo contexto em que vivem: um cenário de violência, casos narrados de tiroteio, mortes e tráfico de drogas, nas ruas onde moram, nas portas de suas casas. Os indivíduos envolvidos nessas práticas são sempre lembrados como *aqueles que não trabalham, que não estudam, que não fazem nada, que não ouvem os pais*.

A família é a referência do vínculo, mesmo quando existem discussões, *tem briga, mas tem mais amizades. Aqui um ajuda o outro, dá conselhos*. Esse vínculo do jovem com a família faz estabelecer a sua distância com o mundo da rua, cheio de perigos, sendo importante tanto para que o jovem possa receber o auxílio nas situações de desemprego, *aqui um ajuda o outro sempre que precisa*, quanto para fortalecer as representações do desemprego ligadas à idéia da presença constante da ameaça do descaminho do jovem pela ausência de uma ocupação “útil” com um trabalho. Para alguns jovens, estar desempregado representa correr o risco de entrar na marginalidade (Gouveia: 1983), *de ficar na rua vagabundando, pensando besteira*, reflete um dos jovens, *porque com o trabalho você se ocupa bastante, e*

além de tudo tem o seu salário. Mas o jovem de hoje em dia mais fica na rua do que estuda, do que faz tudo, completa uma garota.

Estar trabalhando representa estar ocupado com uma atividade “útil”, longe da “vagabundagem” mas, também, a possibilidade de conquistar um espaço de liberdade que torne o jovem capaz de “definir os seus itens de consumo prioritários numa situação de carência econômica e imposição muito forte de símbolos juvenis - tênis, jeans, som, etc” (Madeira: 1993: 81). Aliados à necessidade, emergem desejos e aspirações, dentre as quais estão os consumos pessoais, os gastos com o lazer, roupas, calçados (Sposito: 1994; Abramo: 1994; Sarti: 1996).

O aspecto financeiro, que não é destacado quando falam do que mais gostam no trabalho, revelando em suas representações, as amizades, o bom relacionamento e ambiente de trabalho, é logo ressaltado quando o assunto é o desemprego. Não estar trabalhando significa não consumir os objetos da juventude, incluindo o lazer.

Estar desempregado significa deixar de ser parcialmente independente da família para poder comprar os objetos da juventude, para poder sair, passear. Alguns depoimentos revelam a representação do trabalho relacionada à independência, à aquisição dos objetos desejados, motivo pelo qual, a maioria começou a trabalhar: *Eu comecei a trabalhar pra ter meu dinheiro, não por necessidade, pra ter meu dinheiro, pra poder sair, comprar as coisas*, revela um dos jovens. Além da independência, há o desejo de “aliviar” os pais dos gastos com os filhos, trabalhar para *não ficar mais onerando tanto eles com gastos pra mim*, considera um jovem de 25 anos, que começou a trabalhar com 15. Os rapazes começaram a trabalhar por volta dessa idade e as mulheres começaram, em média, aos 17 anos. O dinheiro que traz independência e auxilia os pais, também possibilita a mudança de *status* do filho dentro de casa, *porque a gente trabalhando adquire mais confiança dos pais*.

Nas representações dos jovens, o desemprego é tão menos preocupante quanto mais novos eles forem. A idade está relacionada ao comprometimento do jovem em relação não apenas

a si próprio como também ao grupo familiar. Quando são mais novos, começam a trabalhar para poder comprar suas “coisas”. Às vezes não encontram incentivo dos pais, que prefeririam que os filhos estivessem se dedicando aos estudos⁶⁶: *Meu pai queria que eu estivesse só estudando, mas eu quis começar a trabalhar*, comenta uma jovem. Mas, na maioria dos casos, a decisão do jovem de começar a trabalhar contou com o apoio da família, pois esteve relacionada a uma prática natural, segundo representações desenvolvidas no interior da mesma. (Madeira: 1993; Colbari: 1995; Sarti: 1996).

De qualquer forma, quando os jovens começam a trabalhar, com ou sem o incentivo familiar, revelam que, na grande parte das vezes, o fizeram com o objetivo de consumo de objetos pessoais e, que se perdessem o trabalho naquela época, não seria tão preocupante como se o perdessem agora, pois é no momento presente que mais auxiliam a família com o seu salário e, também, alguns, pagam os seus estudos. Como diz uma jovem: *“Eu já fiquei desempregada mas eu fiquei sossegada porque eu era nova. Mas se fosse hoje, eu ia ficar preocupada”* (Patrícia, 23 anos, solteira, caixa de um banco).

Na representação dos jovens, a idéia da despreocupação com o desemprego é ao mesmo tempo falsa e verdadeira. É verdadeira, porque de fato como têm hoje projetos que dependem da renda vinda do trabalho, como se casar, cursar uma faculdade, e ainda precisam auxiliar o grupo familiar, na maior parte das vezes, o desemprego representaria a privação material e de realização dos sonhos. Mas é falsa, na medida em que, quando mais novos, já auxiliavam a família, muitas vezes com uma renda que não era tão irrisória para o grupo. Também é falsa porque a perda do trabalho, como já disseram, significa a impossibilidade de independência dos pais para a aquisição do que desejam comprar, motivo pelo qual começaram a trabalhar. A compra desses objetos (roupas, calçados, etc) e a possibilidade de lazer foi e é tão importante para os mais novos, quanto o desejo de se casar e de cursar uma faculdade, porque está ligada à realização dos sonhos, dos projetos, que sempre povoam o imaginário dos indivíduos.

⁶⁶ Telles (1992) desenvolve a idéia de que a entrada precoce dos filhos no mercado de trabalho também contribui para a sinalização negativa do chefe provedor, pois há, nessa atitude, comprometimento do projeto familiar que implica o tempo dedicado aos estudos do filhos como um meio de conseguir uma melhoria de vida.

A representação da despreocupação com o desemprego revelada pelos jovens, ao se referirem ao tempo passado é verdadeira, quando referida aos projetos do presente que se realizarão no futuro, pois agora lhes parecem mais importantes, mas é falsa quando relacionada às expectativas que guardavam na época e os projetos que também construíam.

As representações do desemprego também estão relacionadas à situação profissional do chefe provedor: *Eu já fiquei desempregado numa fase em que meu pai tava trabalhando. Quando a gente é novo não tem tempo ruim. A gente está desempregado e está fazendo um biquinho aqui, outro ali e nunca pára. Eu não senti tanto.* (Fábio, 19 anos, solteiro, auxiliar no almoxarifado).

Nas representações dos jovens, ficar desempregado é uma situação vivida com mais dramaticidade⁶⁷ pelos adultos. O que os leva a essa percepção é a combinação de fatores ligados à representação tradicional do trabalho do chefe provedor, chefe da família (Sarti: 1996), que é o responsável por sua sobrevivência (Telles: 1992; Colbari: 1995; Sarti: 1996), devendo arcar com as maiores despesas, com fatores conjunturais, o aumento de trabalhos precários exercidos principalmente pelos mais novos e vivido por grande parte deles como uma situação inevitável e até mesmo desejável, na medida em que alguns jovens optam pelo trabalho temporário ou em tempo parcial⁶⁸, também suavizando as situações de desemprego por que passam.

Aliado a esse último aspecto, na representação dos jovens, os adultos não se sujeitam tão facilmente, como os mais novos, aos trabalhos precários porque podem escolher, *já têm mais experiência e qualificação, enquanto que o jovem que está começando, não tem tanta preocupação. Então, pra ele um salarinho de 100, 150, já está bom,* avalia um dos

⁶⁷ A questão da menor dramaticidade do desemprego para alguns jovens também é discutida por Bajoit & Franssen (1997: 90)

⁶⁸ Os jovens podem se orientar por escolhas pessoais, preferindo a intermitência e a ocupação parcial de seu tempo dedicado ao trabalho. Esse posicionamento está também relacionado às dificuldades que os jovens encontram para se inserir no mercado de trabalho. Uma vez que não possuem as qualificações exigidas, eles acabam circulando por diferentes situações de trabalho e emprego, adiando a busca por maiores compromissos. (Pais: 1991).

entrevistados. *A pessoa com mais idade tem família e não pode se submeter a um salário baixo, conclui.*

Segundo os jovens, o adulto não se pode submeter a um salário baixo porque tem família para sustentar, *ele não vai querer pegar qualquer coisa, mesmo se tiver desempregado, acredita uma jovem.* Isso significa também que determinados tipos de trabalho são realizados com certa insatisfação, quando não recusados pelos adultos, pais de família, diferente do que ocorre com os jovens, para os quais *um salarinho*, muitas vezes, *já está bom.*

Todavia, em muitos casos, o adulto precisa *se submeter a um salário baixo*, o que significa, às vezes, a sua contratação em trabalhos temporários, que atenua o desemprego, a necessidade de renda, mas está longe de ser uma situação ideal⁶⁹, segundo representações sobre o trabalho adulto.

O adulto pode escolher, está capacitado. O jovem não, segundo suas representações, pois ainda está aprendendo a trabalhar e, alguns, aprendendo a gostar do trabalho. Muitos se sentem “escolhidos” pelo trabalho disponível: *Eu trabalho porque eu não arranjo coisa melhor. Eu não trabalho no que gosto, que é contabilidade.* (Érica, 18 anos, vendedora). Ainda que selecionem dentro de um possível, revelam: *os jovens não estão optando muito. Qualquer coisa que eles acham, eles entram porque o serviço está difícil e se a gente colocar opção, não trabalha em nenhum lugar. Onde eles estão vendo placas, eles já estão entrando e é ali que eles ficam.* (Vânia, 23 anos, casada, não está trabalhando).

A razão para essa sensação de serem menos agentes do que “objetos” de uma seleção está no fato de, para serem contratados, necessitarem apresentar um perfil desejável para o trabalho procurado, em especial o trabalho regular (Pochmann:1998)⁷⁰, o que implica

⁶⁹ Nesse sentido, o trabalhador sente-se diminuído por ter de aceitar essa forma de trabalho, mas, ao mesmo tempo, “é grato pela possibilidade de prover a si e a sua família com os meios necessários à sobrevivência, mesmo que por apenas um período de tempo determinado”(Evelyn: 1998: 88).

⁷⁰ As transformações que vêm ocorrendo no universo do trabalho atingem a todos de forma global, salvo algumas especificidades de cada país. No entanto, algumas tendências se universalizam, como as referentes à exigência de um novo perfil de trabalhador, em especial para os trabalhos regulares. Assim, as “exigências em

possuir curso de computação, inglês, e, principalmente, níveis escolares mais altos. Muitas vezes são considerados “desqualificados” para determinado trabalho, segundo um conjunto de representações que opera como premissa para justificar a consideração de “desqualificação” do trabalho dos jovens (associada também à suposição de que tenham menor produtividade, dada a pouca escolaridade) e sua menor remuneração. Eles são considerados menos responsáveis e menos interessados pelo trabalho que os adultos. (Madeira: 1993).

Dessa forma, o trabalho precário acaba proporcionando o que o jovem precisa de imediato: o dinheiro, que possibilita a autonomia e a emancipação familiar, ainda que também precárias e parciais. A importância de estar empregado também está vinculada ao novo compromisso com a família, de retribuição pelos cuidados dispensados com esse jovem. (Foracchi: 1965).

Estar trabalhando, entre outras coisas, significa possuir recursos para emancipar-se parcialmente da família, adquirir experiência, importante para conseguirem outros trabalhos⁷¹, fazer novos amigos⁷², aprender, amadurecer. O trabalho é valorizado em si, ainda que sejam reveladas as mazelas da atividade atual do jovem, em virtude da precariedade, para alguns, do cansaço pela conjugação com a escola e, principalmente, dos problemas de relacionamento com a chefia. Nas representações, dá-se ênfase aos aspectos positivos do trabalho, pelo fato deste tirar o jovem da rua, ocupar seu tempo e sua cabeça, imprimir responsabilidade e proporcionar a emancipação, graças ao dinheiro conseguido com uma atividade.

Quando os jovens ficam desempregados, sabem que podem contar com a família que os sustentará, diferente do que acontece com o adulto, principalmente o provedor. Este precisa

matéria de formação e de experiência profissional aumentaram como resultados de novos requisitos de contratação pelos empregadores”(p.22).

⁷¹ Se antes se valorizava em um *curriculum* o tempo de casa, agora se dá ênfase à experiência diversificada em detrimento da estabilidade. “Os anos de casa perdem significado ante a possibilidade de variação permanente que, ao menos teoricamente, enriquece a experiência e qualifica o trabalhador.” (Evelyn: 1998).

⁷² Quando estão desempregados, os jovens perdem “o espaço do trabalho como um espaço de interação que os trabalhadores estabeleceram entre si, criando laços de amizade e de companheirismo- o convívio- as chamadas relações intersubjetivas” (Rosa: 1994. p 59).

estar e está acostumado ao trabalho, apresentando características e disposições desejáveis ao capital (Pereira:1965). Quando desempregados, além de não poderem prover a família, os indivíduos acostumados ao trabalho, em especial os adultos, vivenciam a experiência de não realizarem o que sabem fazer, que é trabalhar. O avanço tecnológico produz uma sociedade sem trabalho para homens que só sabem trabalhar. (Arendt: 1981). Estar desempregado é ruim, mas para o adulto é pior, porque *o adulto tem sua responsabilidade. O adulto tem de estar trabalhando, o jovem não, o jovem tem sua necessidade, mas dá pra superar. O adulto não, avalia uma jovem.*

Segundo representações, a ausência de emprego é uma situação que gera desconforto muito maior para o adulto “que tem de estar trabalhando”. Como define essa entrevistada, o trabalho é uma opção para o jovem, enquanto é uma obrigação para o adulto. O jovem tem “sua necessidade” superada pelo fato de não cumprir o papel de provedor, de não ser o indivíduo que possui “sua responsabilidade” diante do grupo. Assim, as “necessidades” do jovem podem ser suspensas porque dizem respeito ao indivíduo isolado, que conta com o apoio familiar. Quanto ao adulto, sua “responsabilidade” não pode ser superada porque diz respeito a todo o grupo que dele depende. A questão da responsabilidade do adulto e da obrigatoriedade de seu trabalho aparece em vários momentos, nas representações dos jovens:

O adulto já está na hora de trabalhar e o jovem não (Robson, 16 anos, não trabalha).

O adulto tem família, filho, mulher, tem casa pra manter. O jovem já precisa de roupa, essas coisas, não é muito mais importante. Eu acho mais importante o adulto estar trabalhando (Chiquinho, 22 anos, solteiro, técnico de telecomunicações jr).

O adulto desempregado tem a família. O jovem tem, no máximo, ajuda de custo e o adulto é que sobrecarrega de tudo, praticamente, numa casa. (Cíntia, 19 anos, solteira, desempregada).

Outra idéia presente na representação dos jovens e adultos sobre o desemprego, diz respeito à ocupação do tempo. O trabalho, assim como a escola, também é visto como ocupação “útil” do tempo. Na falta de um trabalho, o jovem pode se ocupar com os estudos. O mesmo não se dá com o adulto: *o adulto desempregado é pior. O jovem, por mais inexperiente que seja, ele vai poder estudar. O adulto, se já chegou numa certa idade, já põe na cabeça que não consegue mais nada e fica mais deprimido.* (Everton, 25 anos, solteiro, técnico de saneamento).

Nesse depoimento, o jovem exterioriza suas representações em relação à idade adulta, “a uma certa idade”, marcada pela dificuldade de adaptação e re-adaptação às novas situações, às novas exigências do mercado de trabalho, implicando sentimentos de angústia e depressão. Nessas representações, liga-se a experiência de desemprego para os adultos à idéia da desocupação, de tempo vazio, que é preenchido por outras atividades, como a escolar, no caso dos jovens.

Nas representações sobre o trabalho, a questão da ocupação do tempo também está associada a outras atividades, como o esporte: *o jovem se ocupa com esporte e já está acostumado a ficar desempregado e pra eles é tudo festa. Agora, o adulto já tem um ritmo de trabalho, aí quando pára ele sente mais falta, fica mais triste.* (Liliana, 20 anos, solteira, operadora de telemarketing).

Na percepção dos jovens, na situação de desemprego, para os adultos, o tempo se desestrutura pois não há atividade de substituição. Como resultado, aparecem os sentimentos de angústia, vergonha e depressão. Essas representações devem estar relacionadas à experiência da situação de desemprego dos pais. Liliana, por exemplo mora com os pais e dois irmãos. Seu pai está desempregado há dois anos e, ultimamente, tem ajudado sua mãe a cuidar da sorveteria, onde trabalham. Como o maior movimento da sorveteria é nos finais de semana, nos outros dias, seu pai acaba ficando mais tempo em casa “desocupado”, ainda que tenha outras atividades.

O mal estar do pai da jovem com o prolongamento do desemprego, o sentimento de desvalorização social e de não cumprimento do papel de principal provedor, segundo representações sobre a família (Telles: 1992; Sarti: 1996) revelam-se no depoimento da jovem a respeito da tristeza que os adultos sentem quando perdem o trabalho porque já estão acostumados, enquanto para os jovens “*é tudo festa*”.

Mas nem sempre a situação de desemprego é tranqüila para os jovens. Talvez seja menos traumática quando se comparam aos adultos; todavia, a experiência da falta de emprego tem atingido um número cada vez maior de jovens, com diferentes repercussões. O contexto de crise e desemprego que vivenciam (Pais: 1991; 1996; Pochmann: 1998; Souza Martins: 2000), assinalando a intermitência de sua relação com o trabalho, tem destaque nas representações dessa jovem, quando diz: *o jovem já está acostumado a ficar desempregado*. Em sua fala também aparece a idéia da ocupação do tempo do jovem a partir de alguma atividade, não necessariamente o trabalho. O esporte é uma opção, não colocada quando pensam no adulto sem trabalho, uma vez que, diferente do jovem, ele já está *acostumado a um ritmo de trabalho*, tão bem adaptado que sente tristeza quando deixa de trabalhar. É interessante notar que nessas considerações, o fator renda não aparece como um problema colocado pela falta de emprego.

Também existem representações fatalistas que acentuam a gravidade do desemprego para os adultos comparada à situação para os jovens. Nelas está presente a imagem de juventude ligada ao tempo futuro, a um momento cheio de possibilidades: *o jovem está começando agora, está se preparando pra o que vem pela frente. O adulto já teve sua chance*. (Luís Henrique, 19 anos, casado, auxiliar administrativo).

Todavia, o jovem que está *começando agora*, que vai aprendendo a ser trabalhador e está *se preparando para o que vem pela frente*, no mesmo tempo em que crescem suas experiências no e de trabalho, passa, ainda mais que o adulto, pela experiência do desemprego (Pochmann:1998; Arias: 1998). Para alguns, o momento é bastante crítico e, pelo fato de serem jovens, ainda mais problemático. A falta de experiência em carteira é um dos motivos que os preocupa no momento de conseguirem um emprego, pois se *um adulto*

já tem experiência, avalia uma das entrevistadas, vai ser mais fácil arrumar emprego. Agora, o jovem vai ter de depender da boa vontade de alguém de ceder, assim, um local pra ele ter experiência, um curso.

Para a quase totalidade das jovens casadas e/ou com filho, a experiência do desemprego não divide jovens e adultos. Ao contrário, aproxima-os. Essa proximidade é dada pelo fato de o casamento e a maternidade estarem ligados ao universo adulto. As jovens, ainda que se reconheçam como jovens são também adultas, em suas representações; têm o *status* de adultas dado pela maternidade. Como desenvolvem Vilar & Gaspar (1999: 87), a maternidade confere esse *status* social às jovens adolescentes, “elevando-as à posição de adultas e, sobretudo, de mulheres.” Assim, consideram que ficar desempregada é ruim tanto para os jovens quanto para os adultos: *Do mesmo jeito que um jovem precisa trabalhar, o mais velho também. Acho que é igual a necessidade*, comenta uma jovem, solteira, que está desempregada, e que tem um filho. *É ruim para os dois*, assegura outra jovem na mesma situação.

A dificuldade de serem admitidas em um emprego também faz com que essas jovens diminuam suas expectativas e aceitem qualquer trabalho: *Qualquer trabalho pra mim está bom, tanto faz. Não tenho preferência*. O mesmo acontece com os jovens casados que estão desempregados e, em breve, terão um filho para sustentar. Nas suas representações, qualquer remuneração⁷³, vinda de qualquer trabalho, é preferível ao desemprego: *Eu não tenho preferência pelo trabalho. É indiferente o trabalho. O importante é estar trabalhando*, resume um jovem casado, desempregado. As situações de desemprego obrigam o trabalhador a aceitar condições de trabalho, muitas vezes não desejadas, conformando-se com o que é possível no momento (Evelyn: 1998).

⁷³ Preferimos “qualquer remuneração, por mais insignificante que seja, a não ter ganho monetário, mesmo quando o trabalho não remunerado proporciona uma vida confortável. Do nosso ponto de vista contemporâneo, não é o trabalho em si mas o dinheiro que compra e justifica a vida.” (Evelyn: 1998: 30).

Os jovens desempregados estão há cinco meses⁷⁴, em média, nessa situação. Quando empregados, a maioria dos jovens, em especial os pertencentes às famílias de origem social mais baixa, sofrem as conseqüências da precarização do trabalho⁷⁵ (Pais:1996; Letelier:1999). Para o mercado, o trabalho infanto-juvenil é atraente, principalmente pela informalidade, a falta de organização e defesa de seus direitos, os baixos salários. Acrescentam-se a pouca resistência à rotatividade que esses trabalhadores oferecem e a consideração, pelo empregador, de algumas características biológicas, como a agilidade dos jovens para os serviços de office-boys e a escolaridade para a realização de determinadas tarefas como o contato com a microeletrônica.(Madeira: 1993).

As condições de trabalho, as opções, são dadas pelo mercado e aceitas pelo jovem, em virtude da dificuldade de serem contratados para os empregos regulares⁷⁶: *Eu comecei numa firma por indicação de uma outra pessoa. Falaram que estavam pegando menor e sem registro*, diz Veronilson, de 18 anos, estudante do segundo ano do ensino médio, que está desempregado. Começou a trabalhar com 14 anos.

Quando Veronilson começou a procurar emprego, ainda não estava no segundo grau, o que implicava maiores dificuldades para conseguir um trabalho regular. As melhores oportunidades são oferecidas aos jovens com melhores níveis de instrução e muitos não têm condições de dar continuidade aos estudos, fazendo enorme esforço para conseguirem terminar o segundo grau.

Completar o segundo grau é imprescindível para os jovens que buscam um trabalho regular. Quando conseguem ser contratados, necessitam, muitas vezes, realizar várias tarefas, *a pessoa precisa fazer múltiplas coisas*, ser polivalentes, incluindo o trabalho em equipe. Como sabemos, uma das características da reestruturação produtiva é o aparecimento do

⁷⁴ Além do avanço do desemprego, em todas as regiões pesquisadas, também tem crescido o tempo médio de procura que os desempregados levam para conseguir encontrar um novo emprego (Dieese, Estudos Setoriais: 1999).

⁷⁵ Geralmente a demanda de mão-de-obra jovem “é constituída por empresas de menor porte, que utilizam seus empregados nos postos de trabalho mais simples, com baixa exigência de qualificação profissional e geralmente de elevada instabilidade contratual” (Pochmann: 1998: 4).

⁷⁶ A crise do emprego regular é uma realidade global. Nas últimas décadas, ela também vem acompanhando as economias avançadas. (Pochmann: 1998).

chamado trabalhador polivalente. Alguns jovens, que trabalham em empregos fixos, já sentem a necessidade de se adaptarem às novas exigências, revelando que, para conseguir um emprego hoje, *a pessoa tem de ser multifuncional, tem de fazer de tudo. Hoje, continua o jovem, acho que não existe aquele emprego 'ah eu sou isso, eu sou aquilo'. A pessoa tem que saber fazer de tudo.*

Conseguir um trabalho regular é mais difícil, em virtude das maiores exigências de qualificação⁷⁷. A dificuldade de encontrar trabalho também faz com que alguns jovens diminuam suas expectativas referentes à profissão que gostariam de seguir e se conformem com o que, no momento, é possível: *Se fosse pra eu escolher, comenta um jovem, escolheria modelo, que é uma coisa que eu gosto, me sinto bem*⁷⁸. *Mas pela questão do trabalho mesmo, telemarketing seria mais viável*. Esse depoimento mostra a dificuldade de ter clareza no que se refere à determinação da atividade trabalho. O universo do trabalho, antes organizado a partir do processo de produção cede lugar a múltiplos empregos e serviços, que os próprios indivíduos não sabem se devem qualificar de “trabalho” ou estágio...(Bajoit& Franssen: 1997). Ser modelo é uma atividade que, em determinados momentos, é qualificada de trabalho e, em outros, parece que é “menos trabalho” do que o emprego de telemarketing, por este parecer mais promissor. Nas representações do entrevistado, a atividade de modelo é o que lhe dá prazer, mas não é “tão trabalho” porque não lhe dá acesso à vida, não lhe permite sobreviver.

Outra questão que faz com que a atividade de modelo não seja considerada “*trabalho mesmo*” é o tempo gasto de dedicação. Maicon desfila ocasionalmente e está à procura de um emprego na área de telemarketing, principalmente por ser registrado. Nesse caso, sabe que trabalhará todos os dias, terá garantia de receber determinada quantia no final do mês,

⁷⁷ A partir das mudanças que vêm ocorrendo na esfera do trabalho, torna-se difícil precisar o que devemos considerar como trabalhadores qualificados, semi ou não qualificados. Os diferentes setores da economia e mesmo os pesquisadores podem estar trabalhando com parâmetros diferentes de classificação. (Corrachano: 2001). Os jovens, em seus depoimentos, relataram a maior exigência dos empregadores nos setores industrial, comercial e de serviços, da escolaridade e dos cursos de computação e inglês e de curso técnico para o setor industrial, como requisitos para contratarem um trabalhador para um cargo mais bem remunerado, em um emprego de preferência fixo.

⁷⁸ Esse jovem, Maicon, faz curso para modelo no SENAI e recebe por evento que participa. O seu ganho é apenas o referente ao ônibus e ao almoço e, às vezes, também alguma roupa que foi usada no desfile.

terá maior segurança dentro de um trabalho que organiza mais claramente sua vida, determinando os outros períodos de tempo: de lazer, da família, dos amigos, etc. Diferente da atividade de modelo, indefinida no que se refere aos ganhos possíveis, ao tempo de dedicação, à possibilidade de permitir construir projetos futuros. Como avalia o jovem: *está mais viável telemarketing*

A necessidade de ganhar a vida faz com que os jovens tenham uma orientação às vezes mais pragmática em relação ao trabalho: *Eu imagino outras coisas, mas está mais no meu alcance a pizzaria*, pondera um dos entrevistados. Como trabalhadores, os jovens enfrentam os mesmos problemas que afetam os trabalhadores adultos, de um modo geral. No entanto, esses problemas são agravados pela discriminação, por serem considerados novos, pela alegada pouca qualificação, pela possibilidade de serem convocados para o serviço militar: *Eu tenho amigos desempregados. Eu acho que uma é pela faixa de idade, que já está perto dos 18 anos e vai fazer quartel. E os que passaram dessa faixa, uns já não têm curso, não estão preparados, já fica difícil conseguir emprego*, considera um dos jovens.

Os entrevistados, tanto os desempregados, quanto os jovens que estão trabalhando e já passaram por essa situação, apontam algumas razões para explicarem o desemprego. Dentre elas está a questão da sorte: *Ultimamente tem sido a sorte de você estar achando um emprego*. Em outros momentos, há confusão quanto à caracterização dessa sorte, confundida com experiência adquirida, assim colocada: *Às vezes o jovem vai e não consegue, aí o adulto vai e tem mais experiência e consegue. É sorte*. Essa confusão também é resultado da dificuldade de avaliar o que é necessário fazer e como devem se preparar para conseguir ingressar no mercado de trabalho. Quais são os critérios de inclusão do mercado e como explicar o sucesso de uns e o fracasso de outros, questionam-se. O fator sorte concorre para indicar respostas. Todavia, também se mostra impreciso e insuficiente enquanto elemento explicativo.

Aliado à idade, o fator sorte ganha peso e suplanta a exigência de qualificação⁷⁹. Para os jovens, não é a falta de qualificação que explica os desempregos, *porque se fosse assim, as pessoas com curso superiores tinham um emprego, como é o plano de quem faz curso superior. E não é o que está acontecendo. Você vê gente com 3, 4 cursos superiores e não tem emprego, está aceitando emprego de ajudante geral*, argumenta um dos entrevistados, Fábio, de 19 anos, solteiro, que trabalha como auxiliar no almoxarifado.

Os jovens percebem a falta de emprego como algo que atinge a todos, fazendo com que as pessoas desempregadas fiquem *sonhando com qualquer coisa*. Elas *querem trabalhar e não têm oportunidade*. *O ramo de emprego hoje torna-se complicado, porque primeiro eles querem jovens acima de 18 anos com experiência*, avalia uma das entrevistadas, *mas o jovem de 16 anos não pode ter emprego porque não tem experiência. Provavelmente ele só vai conseguir trabalho de fundo de quintal, que não seja registrado. Aí ele adquire experiência e, através disso, ele começa um emprego melhor*, conclui, pois foi dessa forma que conseguiu o seu emprego atual, auxiliar de compras, realizando essa jornada rumo ao trabalho fixo, após passar por várias experiências de trabalho irregular.

A preparação para o trabalho, por meio do aumento de escolaridade, de cursos profissionalizantes, de línguas e de computação, não lhes garante o ingresso, que está mais na dependência do fator sorte, segundo afirmaram. Assim, a responsabilidade pelo desemprego é menos do indivíduo, mais ou menos “qualificado”, do que do mercado, que *está exigindo muito* e do próprio país, *que não investe em educação*.

Ainda que acreditem no fator sorte para conseguirem um emprego, reconhecem a necessidade de estudar, de fazer cursos - *quem não tem o segundo grau dificulta mais ainda*- Mesmo que não lhes garanta o ingresso no mercado de trabalho, estudar coloca-os em condições de disputarem uma vaga. Nesse sentido, se não buscam se preparar, a responsabilidade pelo insucesso passa a ser deles. Em suas representações, é na negação, na ausência de esforço individual, que aparece a parcela de responsabilidade do jovem pelo

⁷⁹ Nas sociedades capitalistas, é fundamental possuir a “maior” qualificação para o trabalho. Junto com outros fatores, ela vai determinar a remuneração, as condições de trabalho, a força de pressão e de negociação, a possibilidade de emprego, “o tempo de vida útil para o trabalho de cada trabalhador” (Evelyn: 1988).

desemprego. Ao mesmo tempo, a presença da “qualificação” não determina o seu ingresso, que é mais condicionado pelo fator sorte, como afirmaram.

Contrariando uma tendência dos empregadores⁸⁰, os jovens entrevistados acreditam que os mais novos têm mais chances de serem contratados: *É mais fácil um jovem conseguir por causa da idade*. Eles relacionam a imagem que têm de juventude, ligada ao dinamismo, à disposição, com uma “energia” necessária para o trabalho, que cada vez mais exige do trabalhador um preparo para a adaptação às mudanças, o que implica um aprendizado constante - *ter ânimo pra aprender, porque o adulto já acha que tem a experiência, não vai querer aprender*, diz uma jovem.

Todavia, essa representação reproduz mais uma idéia corrente a respeito das novas exigências do mercado de trabalho⁸¹, não estando diretamente relacionada ao tipo de tarefa que o jovem vai desempenhar. Assim, dependendo do emprego, exigem-se dos jovens o conhecimento de informática, escolaridade, que significa, pelo menos, o segundo grau, experiência, o domínio de uma língua estrangeira (Souza Martins: 2000), mas isso não significa que essas “qualificações” serão fundamentais para o bom desempenho de seu trabalho⁸² que, grande parte das vezes está ligado ao exercício de atividades monótonas e repetitivas.

⁸⁰ Principalmente para os indivíduos menos escolarizados, a perspectiva de serem absorvidos pelo mercado de trabalho são menos animadoras, quando se leva em conta alguns fatores apontados pela pesquisa desenvolvida pelo Seade: o baixo dinamismo da oferta de emprego nos últimos anos, o “envelhecimento da estrutura etária dos ocupados” e a pressão exercida pelas mulheres de todas as idades para serem incorporadas ao mercado, aumentando a concorrência com os jovens. Quanto ao primeiro ponto, nos últimos cinco anos, na indústria, no comércio e nos serviços (com maior concentração nos serviços), somente 1,2 milhão de novos postos foram criados, não acompanhando o crescimento da população entre 10 e 65 anos, que teve um aumento de 2,7 milhões de pessoas. Um outro importante fator refere-se ao fato de que os empregadores têm preferido manter os funcionários mais experientes a substituí-los por pessoas mais jovens.

⁸¹ Como observa Bock (2000: 14), chega ao jovem a idéia de que, para poder disputar em condições esse mercado de trabalho extremamente competitivo, é preciso que ele domine tudo, que seja polivalente. Um dos discursos que ouvimos hoje “é o de que vivemos uma crise e a única saída existente é a educação”

⁸² As exigências de qualificação vão além das necessidades de possuí-las para realizar determinada tarefa. Assim, elas estão referidas à emergência de um novo perfil de trabalhador, bem mais informado, que precisa possuir mais cursos. (Evelyn: 1998). No entanto, a relação entre a escolaridade e a inserção no mercado de trabalho está determinada menos pela demanda de qualificação originada nesse mercado, do que pelo “perfil educacional alcançado pela sociedade.” (Letelier: 1999).

2.4. Moças e Rapazes: os jovens apontam os lugares mais procurados para trabalhar

Onde os jovens se empregam hoje? Onde há trabalho para os jovens? Onde procuram? Os entrevistados precisam sair de Carapicuíba para trabalhar: *Aqui só vai ter pra trabalhar uma lojinha de 1,99, essas coisas de cidadezinha do interior*, revela uma jovem que trabalha no centro de São Paulo.

Quando saem para procurar emprego, muitas vezes conseguem trabalhos temporários - *Tem muito emprego temporário*, revela um dos jovens, *porque eles querem avaliar de todas as formas a pessoa antes de definir se vão ou não ficar com ela*, conclui. Esse jovem, que já passou pela experiência do trabalho temporário, é concursado da Sabesp, e hoje sofre pressões, uma delas relacionada à necessidade de atualizar-se, de fazer curso técnico para permanecer no emprego. É continuamente avaliado pela forma como resolve as questões envolvendo os subordinados – *é muita cobrança de toda parte: dos subordinados e da chefia, e a gente tem que dar conta* – lamenta o jovem, que trabalha como técnico de saneamento em Alphaville.

Quase todos que estão empregados trabalham em Alphaville. Com relação aos ramos e setores, comércio e serviços são os mais procurados: *Lojas, gráficas, em firmas pequenas que prestam serviços*, diz uma jovem. *Vendedora, recepcionista, secretária. É o que está mais pegando. Pra jovem, nesse momento, é isso mesmo*, considera outra, que trabalha como operadora de telemarketing.

Dentro do setor de serviços, que é o que tem absorvido a maior parte das mulheres, concentrando grande parte da força de trabalho feminina na RMSP (Montali: 2000), há bastante destaque para a área de informática, levando os interessados a fazerem cursos: *Os jovens estão fazendo cursos de computação, informática. Isso é de nossa geração*, analisa uma das entrevistadas. Outra área que se destaca é a telemarketing⁸³: *Agora está bastante*

⁸³ Uma das conseqüências do processo de flexibilização é o aparecimento de novas profissões, como é o caso dos operadores de telemarketing. Em contrapartida, antigas profissões são extintas e o trabalhador passa a correr o risco de ver depreciado seu conhecimento e sua experiência (Dieese: Estudos Setoriais: 1999). No que se refere à exigência de escolaridade na área de telemarketing, dados mostram que, em São Paulo, em

procurado operadora de telemarketing. Esse serviço vem crescendo. Hoje está assim: metade quer ver emprego de polícia, porque acha que assim não precisa muito de escolaridade e eles acham que é mais fácil. E operadora de telemarketing, que está crescendo muito no mercado e eles estão dando bastante oportunidade pra quem não tem experiência. Então eu acho que eles estão procurando bastante, considera uma jovem, operadora de telemarketing.

Outro emprego bastante destacado é o de “office boy”, muito comum entre os jovens: *Quando o jovem entra numa empresa, é principalmente de office boy que ele consegue emprego*, diz um dos jovens que trabalha como auxiliar administrativo, tendo começado como office boy.

O setor industrial, apesar de sua modernização no que se refere às inovações tecnológicas, principalmente na região de São Paulo (Letelier:1999), tem diminuído sua oferta de empregos⁸⁴. Todavia, ainda emprega muitos jovens - *ainda é na indústria que tem mais emprego*, acredita um dos jovens - que começam como “office boys” e, com o tempo, conseguem trabalho na área administrativa

O comércio, ramo bastante heterogêneo do setor de serviços, é um dos mais destacados pelos jovens na procura de um emprego: o setor supermercadista e o comércio varejista, nos shopping centers, são os mais atrativos: *Tem muito emprego em mercado, mas de pacoteiro não leva a nada não porque eles não registram*, analisa um dos jovens.

Muitos jovens, principalmente as meninas, empregam-se nas lojas dos shopping centers: *Eu comecei a procurar mais assim em lojas*, diz uma jovem, de 17 anos, que está procurando emprego - *porque é mais fácil de começar a trabalhar, mas muita gente quer assim com experiência*. Quando conseguem um emprego nessa área, vivenciam a experiência da flexibilização e da ampliação do horário de atendimento das lojas, do

1995, 37% da telefonistas e operadoras de telecomunicações tinham o segundo grau completo ou mais (Letelier: 1999), o que vem confirmar a tendência do mercado de trabalho de demandar uma mão-de-obra mais escolarizada.

⁸⁴ Letelier (1999), Montali (2000).

comércio em geral⁸⁵. Os jovens trabalham aos sábados e em alguns domingos, o que traz conseqüências para a ocupação do seu tempo com outras atividades, como a escola e o lazer.

Dados dos Estudos Setoriais do Dieese de 1999, na publicação da revista “A reestruturação produtiva do comércio”, mostram um crescimento no número de shopping centers, com aumento no total de empregos: de 232 mil empregos, em 1996, para 277 mil, em 1999.

Os jovens que trabalham nas lojas dos shopping centers, além de um salário fixo, recebem uma remuneração variável, caracterizada pelas comissões⁸⁶. A procura por esses trabalhos é grande, principalmente para as jovens, em seu primeiro emprego: *Os jovens procuram assim, coisas mais básicas, que combinam com eles, que nem eu procurava em lojas porque eu me identificava e porque eu já trabalhei e tenho mais uma noção*, diz uma jovem que começou trabalhando em lojas e hoje é operadora de máquinas no correio.

Apesar da maior ocupação de mulheres nesse setor, elas enfrentam desvantagens salariais comparadas aos homens: segundo levantamento do Dieese, de 1999, no final de 1997, para o total de comerciários⁸⁷, a média de remuneração masculina era de 4,14 salários mínimos, contra 3,43, para as mulheres, conforme dados da RAIS,. O maior número de mulheres, que trabalham nesse setor sem carteira assinada⁸⁸, contribui para explicar sua baixa remuneração. Como as jovens trabalham por comissão nas lojas dos shopping centers, sua

⁸⁵ O recente programa de racionamento energético tem alterado esse quadro, pelo fato das lojas abrirem e fecharem mais cedo.

⁸⁶ A remuneração variável corresponde a uma das três formas existentes de remuneração: ela pode ser composta de três parcelas: remuneração fixa -recebida mensalmente, acrescida das parcelas de natureza salarial (décimo terceiro, férias, abono de férias) e na finalização do contrato (FGTS, multa rescisória, aviso prévio) - remuneração indireta - parcela da remuneração que é recebida em dinheiro ou espécie, vinculada a benefícios, como vale transporte, ticket-refeição, cesta básica, plano de saúde, outros - remuneração variável - “parcela da remuneração que depende do alcance de metas ou resultados por parte da empresa, de um setor específico ou do trabalhador individualmente”, como, por exemplo, a comissão por vendas, entre outras formas. (Dieese: 1999).

⁸⁷ Parece ter havido uma redução de comissionados e um aumento de trabalhadores com salário fixo, no setor do comércio. Todavia, a comissão continua a vigorar, só que é paga “por fora”, com o intuito de burlar o pagamento de direitos trabalhistas e a legislação. (Dieese: 1999).

⁸⁸ “O assalariamento com carteira assinada vem perdendo espaço em detrimento de outras formas de vínculos empregatícios, como o contrato de trabalho por tempo parcial, tempo determinado e até mesmo o trabalho infantil, entre outros.” (Dieese. A reestruturação produtiva no comércio: 1999, p.17).

remuneração final vai depender de seu esforço e habilidade pessoal para conseguir fazer a venda, o que, muitas vezes, é resultado da experiência.

Comparado aos outros setores, o rendimento do comerciário é menor. Em 1998, na grande São Paulo, o rendimento real médio no comércio alcançou R\$ 694, contra R\$ 846 registrados para o total de ocupados. Os jovens entrevistados recebem em média R\$ 380 reais. O maior salário é de um jovem de 25 anos, técnico em saneamento na SABESP, que recebe R\$ 1500. O menor salário é de um garoto de 17 anos, auxiliar de pedreiro, que recebe um salário mínimo, trabalhando quase sempre nos finais de semana, durante uma jornada de aproximadamente seis horas por dia de trabalho.

Com relação à jornada de trabalho, os dados do levantamento do Dieese, de 1999, já citado, mostram que, em 1998, na grande São Paulo, a média semanal da jornada dos assalariados totalizou 43 horas, chegando a 47 horas para aqueles que trabalharam no comércio. Um percentual maior de indivíduos que trabalharam acima da jornada legal de 44 horas semanais estava no comércio: 57,5% contra 43,9%, na média dos assalariados da região. Dos 57,5% que estavam no comércio, 60,4% eram trabalhadores sem carteira.

Na área do comércio também há maior rotatividade. Enquanto os assalariados permanecem cerca de quatro anos no mesmo emprego, os trabalhadores do comércio ficam em torno de três anos. (idem). Nesse setor, os trabalhadores com carteira permanecem mais tempo do que os sem carteira. Em média, os primeiros permanecem 42 meses, e os últimos, 17 meses.

A segurança que o emprego registrado oferece ao jovem, é uma dimensão importante nas representações sobre o trabalho. A falta de registro em carteira, que simboliza uma certa estabilidade no emprego, é assinalada como um problema, uma dificuldade que encontram quando são contratados: *O principal problema do meu trabalho é eu não ser registrado*, diz um jovem que trabalha como técnico de telecomunicações jr.

Quando são perguntados sobre quantos e quais empregos tiveram, outros jovens, que já tiveram outros trabalhos irregulares, frisam o registro em carteira: *já tive outros trabalhos, mas sem registro. Esse é o primeiro com registro*, revela um deles.

Mais do que a vantagem dos benefícios - cesta básica, férias, convênio médico, vale transporte e décimo terceiro - os jovens ressaltam a segurança proporcionada pelo trabalho registrado: *o que eu mais gosto é a estabilidade, a segurança. Não é nem questão do salário. É a estabilidade*, avalia um dos entrevistados. O trabalho registrado permite que os jovens planejem sua vida. Se o tempo do trabalho determina o ritmo da vida, distinguindo o tempo de trabalho do tempo de lazer (Bajoit & Franssen: 1997; Evelyn: 1998), o trabalho registrado determina a segurança no planejamento dessa vida, em termos dos compromissos que podem ser assumidos com o salário certo no final do mês. Diferente dos trabalhos temporário, no caso desse jovem, também há a expectativa de fazer carreira. Ainda que, nos dias de hoje, a realidade do emprego integral, para a vida toda, tenha tendência a desaparecer (Bajoit & Franssen), permanece como expectativa e desejo nas representações de muitos jovens.

Eu vou procurar um trabalho efetivo porque aí você está garantido, diz um dos entrevistados, casado, que está desempregado, e que sempre teve trabalhos temporários. O universo de referências de trabalho para esse jovem é marcado pela precariedade e pela instabilidade, pela fragmentação de experiências em empregos sempre temporários. Na sua percepção, com um trabalho registrado, *você está garantido*: não vai ser mandado embora. Isso é fundamental, principalmente agora que sua mulher está grávida. Nesse caso, é importante não apenas a segurança no trabalho, o dinheiro certo no final do mês para poder planejar sua vida e assumir compromissos por meio de gastos extras com compras de objetos necessários para o bebê, como também o convênio médico para sua mulher.

2.5. Dimensões positivas e negativas do trabalho: alguns relatos e suas representações

Mais do que a regularidade do trabalho, avaliada positivamente pela segurança maior que proporciona, o fato que mais conta para os jovens permanecerem ou não no trabalho é

gostar da atividade. “Um bom trabalho é aquele que você gosta de fazer”, disseram muitos jovens, acrescentando que não importa ganhar um bom salário se não estão gostando do que estão fazendo, o que inclui o ambiente de trabalho e as pessoas do lugar: *Eu gosto de um trabalho em que eu me sinta bem dentro dele, não importa se é pouco o que eu vou ganhar ou mais. Gosto de me sentir bem no ambiente*, diz um dos entrevistados, solteiro, que trabalha no correio. O salário é importante. Todavia, se o ambiente não for agradável, considera uma jovem casada que, no momento, não está trabalhando, *eu sei que eu não vou levantar todo dia disposta pra trabalhar. Não vai adiantar o salário*. Assim, para essas pessoas, um bom trabalho é *aquele em que você ganha bem, mas não é. É o ambiente de trabalho, o gerente*.

Quando afirmam que não importa o dinheiro - *eu prefiro fazer aquilo que eu goste nem que eu ganhe menos*, diz uma jovem casada, vendedora- estão destacando a necessidade e importância de aspectos subjetivos que proporcionem satisfação no trabalho, para adjetivá-lo de bom. O que os levou a trabalhar foi a necessidade de renda para sua independência individual e para auxiliar a família. Todavia, quando discorrem sobre a sua permanência no emprego, que pressupõe o acatamento das regras e uma certa disciplina, a dimensão instrumental perde peso para a dimensão subjetiva. Para permanecerem no trabalho, é necessário gostar. A renda importa, pois é para consegui-la que trabalham, mas não é destacada nesse momento, estando ausente na fala, mas presente enquanto pressuposto para o ato de trabalhar. *Um trabalho bom*, avalia um dos jovens, *é aquele que não te estressa, que você gosta do que está fazendo. Acho que não tem tanta importância ser tão bem remunerado, tem que ter o mínimo, mas você tem de se sentir bem com as pessoas que estão ao seu redor. Isso é importante*.

É necessário ressaltar que “o pouco ou o muito” de remuneração, destacado pelos jovens, varia para cada caso, levando em conta o nível de vida que têm em casa, a maior ou menor privação material, a história profissional de cada um, marcada, muitas vezes, por longos períodos de desemprego, por trabalhos temporários e irregulares, fazendo com que tenham uma base salarial na maioria das vezes baixa, entre um e dois salários mínimos, tirada a partir dos empregos anteriores. Ainda devemos levar em conta a maior ou menor

necessidade de trabalhar, o destino do salário, se para comprar roupas, sapato e proporcionar algumas formas de lazer somente ou para sustentar a família.

Everton, por exemplo, ganha mil e quinhentos reais. Com esse dinheiro, além de ajudar em casa, paga o curso técnico, o carro e um apartamento, para poder se casar em breve. Já Mônica recebe cento e setenta reais. Ela trabalha na loja da sogra e utiliza o seu dinheiro mais para comprar roupas, às vezes da própria loja, não tendo de ajudar em casa. Já teve outros trabalhos, inclusive temporários, sempre de balconista e sempre recebeu nessa faixa, por volta de duzentos reais. Começou a trabalhar para ter o seu próprio dinheiro e para *não ficar em casa sem fazer nada*.

A falta de um bom ambiente e de um bom relacionamento no local de trabalho⁸⁹, com a chefia principalmente, é o motivo mais destacado para que a atividade remunerada seja negativamente representada pelos jovens. Quando reclamam do trabalho, as razões são menos quantitativas, como o salário, do que qualitativas, relacionadas às amizades, às relações com a chefia e ao cansaço, ao esgotamento gerado por atividades pesadas ou pela conjugação do trabalho com a escola, como podemos perceber a seguir:

A escola é importante porque envia a gente para o trabalho, ensina várias coisas. Mas preferir eu prefiro trabalhar. Eu acho que não é fácil. Eu estava fazendo cursinho e trabalhando como babá, mas pra mim não dava mais, eu estava estressada, eu estava cansada, eu passei mal, fui até no médico porque acabou com minha saúde. Eu estava me alimentando mal e também não sabia lidar porque eu também não fiz muita amizade, eu não gostei não. Eu parei de estudar porque a minha saúde não agüentou. Eu pretendo fazer computação, que eu gosto. (Fernanda, 20 anos, solteira, fez até o segundo ano do ensino médio, desempregada).

O cansaço, o estresse e a falta de saúde tornaram inviável o projeto iniciado de cursar uma faculdade. A jovem precisou abandonar o cursinho porque não agüentou a dupla jornada e,

⁸⁹ Bajoit & Franssen (1997: 87) revelam, em suas pesquisas com jovens trabalhadores, que o “mau ambiente e o caráter hierárquico e competitivo das relações de trabalho são frequentemente evocados como o primeiro fator de desgaste e rejeição ao trabalho assalariado”

com isso, postergou ou abandonou o desejo de iniciar um curso superior. Sua experiência de conjugação da escola com o trabalho é marcada pela negatividade, pelo signo da falta: de saúde e de amizades. Nas suas representações, o trabalho acaba sendo uma atividade melhor do que a escola, pois, nesta, a ausência de amizades, fez com que não fosse possível aprender a lidar com a situação - *não sabia lidar porque eu não fiz muita amizade* - , não encontrando estímulo ou apoio de amigos no cursinho para que pudesse dividir preocupações e encontrar saídas para o seu estresse e cansaço.

O que Fábio, 19 anos, auxiliar no almoxarifado, mais gosta em seu emprego é o fato de estar aprendendo e desenvolvendo-se, mas lamenta a falta de respeito da chefia para com seus empregados. O jovem que se cria, que se desenvolve e aprende com o trabalho também é fruto das contradições de nossa sociedade capitalista, as quais incluem momentos de liberdade, de desenvolvimento pessoal, de humanização pelo trabalho, e momentos de desumanização, causados pela necessidade de trabalhar para a própria sobrevivência e pela perda da dignidade no local de trabalho.

Em certo sentido, na sociedade capitalista, o trabalho traz ao homem momentos de humanização, como a autonomia, a liberdade, e também de desumanização, com as formas aviltantes que se apresentam ao trabalhador (Evelyn: 1988). Assim, continua a autora, se a criação do homem se faz na relação com o trabalho, a sociedade capitalista acaba não apenas dignificando e libertando o homem de suas necessidades, e nem tampouco animalizando ou restringindo o homem à sobrevivência. As duas coisas ocorrem. “O homem que está se criando dentro desta sociedade é fruto de contradições que incluem momentos de liberdade (humanização) e de necessidade (desumanização).” (Evelyn: 1988, 85). Há momentos, ao mesmo tempo, de liberdade e de alienação; de humanização e desumanização pelo trabalho, na sociedade capitalista. Assim é para os trabalhadores em geral, em especial para os que executam atividades irregulares e para aqueles que, por serem jovens, muitas vezes são ainda mais desrespeitados nos seus direitos.

O ganho usufruído com o trabalho pode nos revelar o lugar que, nas suas representações, essa atividade ocupa para os indivíduos, em determinado momento. Muitas vezes o

indivíduo expressa “as mazelas e a infelicidade que o trabalho traz” (Evelyn: 1998). Entre essas mazelas, está o exercício de uma atividade cansativa, monótona e embrutecedora:

No trabalho de chapa no Ponto Frio, a gente tinha de carregar o fogão sozinho, não era de dois, e o fogão pesa 70 kg. Geladeira nas costas, a gente carregava, então era muito pesado. (Fernando, 20 anos, solteiro, trabalha no setor de selagem de cartas no correio). Esse jovem realizava esse trabalho, que deveria corresponder ao processo de sua humanização, pela necessidade de sobrevivência. Ao mesmo tempo, é difícil pensarmos em humanização, quando o homem está realizando trabalhos não criativos, apenas reproduzindo sua vida. (Arendt: 1981).

Outra jovem, ao expressar o seu desgosto com o desempenho de uma atividade que lhe traz danos físicos, revela aspectos de desumanização pelo trabalho: *Eu mexo com máquina, em pé, mas é bom, apesar das varizes*, diz uma jovem que trabalha no correio.

Nos comentários sobre a atividade que realiza, a jovem se contenta por estar trabalhando; todavia, ressalta o fato de trabalhar em pé e logo em seguida afirma, “mas é bom”. O que “é bom” é menos o conteúdo do trabalho do que o fato de estar trabalhando, estar empregada. Em seu relato, não há precisão na descrição de sua atividade. Não há detalhes com referência ao conteúdo, mas aos resultados perceptíveis do trabalho em seu corpo.

Wilde apud Evelyn (1998: 61), de forma bastante clara, faz uma crítica da sociedade e da ideologia que idealiza o trabalho. Segundo ele, atualmente, há muito disparate no que é escrito e discutido sobre a dignidade do trabalho. “Nada há de necessariamente digno nesse trabalho, em sua maior parte aviltante. É prejudicial ao homem, do ponto de vista mental e moral, realizar qualquer coisa em que não encontre prazer, e muitas das formas de trabalho são atividades completamente desprezíveis, e assim devem ser encaradas.”

O autor condena não apenas o trabalho aviltante como também “todas as atitudes consideradas necessárias ao bom desempenho do trabalho (...)” (idem: 62). Ao mesmo tempo, elogia o que a moral da época, final do século XIX, reprovava, como a

desobediência. “É através da desobediência que se faz o progresso, através da desobediência e da rebelião” (Idem). A questão da obediência, do acatamento e das formas aviltantes de condição de trabalho e de vida de muitos trabalhadores, inspirou também compositores da música popular brasileira, como é o caso de Chico Buarque de Holanda. Podemos perceber essas considerações em um dos trechos de sua música “Deus lhe pague”:

“Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir.
A certidão pra nascer, a concessão pra sorrir.
Por me deixar respirar, por me deixar existir, Deus lhe pague” (Construção, Chico Buarque de Holanda).

Nesse pequeno trecho da música é possível identificar a crítica do compositor em relação à situação vivida pelas pessoas de classe social mais baixa, que acabam sendo gratas pela possibilidade de comer, trabalhar, dormir, viver, ainda que em péssimas condições, quando, na realidade, deveriam, por direito, ter acesso a formas mais dignas e humanas de vida.

Em relação às mazelas da situação de trabalho, a falta de tempo para aproveitar outros momentos da vida também é motivo de desgosto para o trabalhador⁹⁰: *Eu gostaria de ter tempo de fazer outras coisas também. Falta tempo pra mim ultimamente*, reclama um jovem solteiro, de 19 anos que trabalha, auxiliar administrativo. O trabalho acaba tomando parte da vida dos jovens. Outra grande parte é reservada para a escola, quando enfrentam a dupla jornada: saem de manhã e chegam em casa quando todos já se preparam para dormir. Os horários de trabalho dos outros familiares são diferentes, o que torna mais difícil o convívio em família. Dessa forma, o trabalho passa a se tornar excessivo, pois é rompido equilíbrio que deveria existir entre essa atividade, o lazer e a satisfação pessoal.

O jovem então manifesta o desejo de ter tempo para sua vida, que esse tempo não seja apenas tempo para o trabalho ou tempo de recuperar forças para voltar a trabalhar, mas que possa viver as outras dimensões de sua vida, dentre as quais está o tempo da família.

⁹⁰ O trabalhador quando reflete sobre o seu trabalho, avalia também o tempo de sua vida que é dedicado a essa atividade. (Evelyn: 1998).

Esse jovem tem um trabalho fixo, o que já não acontece com Chiquinho, um rapaz de 23 anos, técnico de telecomunicação jr. Chiquinho é contratado para consertar computadores. Recebe um salário por mês para ficar em casa, disponível, esperando ser chamado para uma tarefa. Não pode se recusar, caso venha a ser solicitado, senão é desligado.

Uma das conseqüências da flexibilização do trabalho diz respeito ao mercado, com a determinação de regimes e contratos flexíveis. O trabalhador, com receio de demissão ou de não conseguir outro emprego, submete-se às exigências de cada empresa, o que implica ser superexplorado. (Mattoso: 1995; Evelyn: 1998). Principalmente no caso de Chiquinho, que estava formalmente desempregado e agora está na situação de desemprego oculto: *Eu ficava chateado, se ia procurar alguma coisa e não achava nada, aí se fica desesperado, achava que nunca ia encontrar nada. Aí, graças a Deus pintou esse esquema, porque a minha irmã trabalhava nessa empresa e me encaixou lá.*

A insatisfação que possam ter com relação ao trabalho, apontando suas mazelas, não implica a preferência pelo desemprego. Mesmo que haja frustrações, em função de problemas de relacionamento com a chefia, o próprio conteúdo do trabalho ou a questão salarial, afirmam que isso *é melhor do que estar desempregado*. Assim, de forma menos ou mais dramática, o desemprego é sempre visto negativamente.

Como observa Evelyn (1998), aqueles que estão empregados em tempo parcial, têm dificuldade de avaliar as implicações desse trabalho, principalmente nos momentos de crise de desemprego.

Têm aumentado⁹¹ as formas de trabalho instáveis e precárias, sem garantias ou benefícios sociais e com salários menores. Portanto, essas formas não são periféricas; antes, fazem parte do sistema de produção, estando cada vez mais presentes numericamente no cenário do trabalho. A tendência do mercado é reduzir cada vez mais o número de trabalhadores “centrais” e empregar uma força de trabalho flexível, facilmente contratada e demitida, de

⁹¹ Dados do DIEESE, de 1995, mostram que o trabalho assalariado vem sendo desvalorizado.

trabalhadores sem ou com pouca qualificação, empregados em tempo parcial. (Harvey: 1992). Essa realidade é ainda mais expressiva quando falamos de jovens trabalhadores.

No entanto, isso não os exime da necessidade da busca de “qualificação”, aumentando o grau de escolaridade, com frequência sem perceberem no próprio trabalho que realizam, a aplicação do(s) curso(s) que fizeram e que, em grande parte das vezes, foram exigidos no momento da contratação. É comum dizerem que hoje os empregadores estão exigindo o segundo grau até para ser lixeiro, “precisa pra tudo”, dizem. No entanto, muitas vezes, acrescentam que o serviço que fazem não necessitaria do grau de escolaridade que têm. “Estão exigindo muito”, comentam. Apesar do mercado de trabalho estar exigindo uma mão-de-obra mais escolarizada, “a escolaridade não é uma condição determinante para o desempenho de certas funções” (Letelier: 1999).

Para os trabalhadores externos, uma outra questão também é colocada. A reestruturação da produção, com tendência à contratação de trabalhadores externos e autônomos, faz com que esses trabalhadores não façam parte da estrutura interna da empresa. Apesar da impressão de maior liberdade, a partir de sua vivência cotidiana, a situação real é desmistificada pelo trabalhador que percebe a maior dependência existente nessa relação de trabalho.

O tipo de contrato ao qual o jovem está submetido é uma forma de fazer baratear a força de trabalho, diminuindo os custos com o trabalhador que é externo à empresa. Chiquinho, vivenciando essa relação, ressentido-se da falta de segurança e do baixo salário, apesar de gostar da atividade que desempenha e pretender se profissionalizar com cursos técnicos.

Muitos consertos são feitos nos finais de semana. A vida de Chiquinho é totalmente tomada por essa atividade. Ele deseja encontrar outro emprego e isso implica conseguir determinar precisamente o tempo em que é trabalhador do restante, que pode ser utilizado para executar outras atividades. Ele fica em casa, esperando um telefonema de convocação para o trabalho. Dessa forma, tem o seu tempo preenchido pela espera: a possibilidade do trabalho invade a sua vida.

O seu salário depende da quantidade de computadores que conserta. Não depende dele, de sua disposição para trabalhar ou de sua capacidade de consertar um número maior de peças, mas depende da firma, da necessidade dela, que é estranha à necessidade do jovem.

Marx (1985), ao analisar o salário por peça, afirma que esse procedimento faz do trabalhador uma fonte de auto-exploração, pois, nessas circunstâncias, ele tem interesse em aplicar toda sua força de trabalho e prolongar sua jornada, o que no fim das contas acaba sendo um processo de potencialização de produção de mais-valia. Para o caso desse jovem, há ainda um complicador, que é a determinação do número de peças de computadores a consertar, ser ditada pela empresa e não pela capacidade ou disposição do trabalhador. Sua jornada de trabalho é prolongada também pela espera de trabalho, tempo em que fica à disposição da empresa. As necessidades de trabalho são estranhas ao jovem, à sua própria disponibilidade interior. Ele tem um tempo livre que não é desejado.

O trabalho por tempo parcial é aquele que o trabalhador não escolhe “e que deixa um tempo livre não desejado” (Evelyn: 1998). Neste tipo de contratação, só são pagas e contratadas as horas necessárias à realização de determinado trabalho, não significando diminuição de tarefas mas, antes, aumento possível de ritmo de trabalho. Essa forma de contratação leva à precarização das condições de vida do trabalhador. Além disso, o trabalhador que está empregado meio período, está meio desempregado. (idem).

No trabalho temporário, “o trabalhador sabe que cada nova contratação já contém uma dispensa prévia e programada e que, por isso, em breve, terá de enfrentar a procura de emprego, num mercado de trabalho, hoje, desfavorável. E isso se repete a cada contrato.” (Evelyn: 1998: 85). Neste sentido, diferente do que ocorre com aquele que tem um trabalho fixo, nesse caso, o trabalhador não pode planejar a sua vida a não ser naquele período em que sabe que terá trabalho. No trabalho fixo, também há insegurança, todavia, ela é naturalizada, assim como a morte é prevista nos momentos de crise. (idem).

Nesse tipo de serviço a gente não tem horário, porque pode chamar qualquer hora e você tem de fazer o serviço. O cara quer o serviço pronto amanhã e você tem de entregar. Você fica até a hora que é preciso. Eu sempre estou disponível, diz Chiquinho, revelando a dificuldade de planejar sua vida, pois não tem como prever o momento que deverá deixar reservado para o trabalho e os demais que poderá desfrutar com outras atividades ou até mesmo com um outro trabalho, caso deseje conjugar duas atividades.

Outras questões são apontadas pelos jovens com referência às mazelas do trabalho - problemas como assédio dos patrões e o não cumprimento de alguns deveres do empregador – quanto a isso, foram destacados : não dar passe ou dinheiro para a condução para os funcionários registrados e não pagar almoço para as balconistas que trabalham aos domingos.

A minha patroa não dava vale transporte pra ninguém. Ela fechava os olhos pra isso. Chegou um tempo eu cheguei nela porque eu conhecia um pouco das leis trabalhistas, aí ela foi e consertou. Nos domingos, eu falei também pra ela fazer escala com funcionários; então, cada domingo deu a folga pra um. De domingo a gente tem direito a vale transporte, almoço e comissão dobrado. Ela não dava.” Era gerente, mas não era registrada “*porque a patroa não queria pagar aquelas besteira todas* (Vânia, 23 anos, casada, não está trabalhando. Esse emprego a que ela se refere foi em uma papelaria no shopping Tamboré).

A mesma depoente já abandonou um outro trabalho porque estava sendo assediada pelos patrões: *Foi quando eu trabalhei de recepcionista. Os patrões eram muito galinhas. Eu pedi as contas.*

Ainda que, como trabalhadores, vivenciem situações difíceis, os jovens atribuem grande importância ao trabalho para suas vidas - para a sobrevivência, para o aprendizado, para o crescimento individual de cada um -, referindo-se à maturidade e à maior responsabilidade que adquirem trabalhando. No entanto, existem trabalhos que trazem ao jovem uma carga maior de desgostos do que de realização, ou, muitas vezes, o mesmo trabalho é motivo de satisfação, por um lado, e de insatisfação, por outro.

As diferentes formas de expressão da humanização do trabalho são resultado do lugar que cada atividade ocupa na sociedade, “do ponto de vista da produção e da legitimação da ordem social” (Evelyn: 1988). Assim, “há trabalhos que são mais ‘trabalho’ que outros”. Nem tudo que se faz é valorizado com o mesmo entusiasmo. É o caso de Vânia, 23 anos, casada. Ela é manicure em sua casa. Recebe vizinhas de seu prédio, como clientes, durante todo o dia. As pessoas a conhecem por essa função. Todavia, quando lhe perguntei se trabalhava, a resposta foi negativa, entendendo por trabalho uma atividade assalariada, exercida fora dos domínios domésticos. Para ela, ou a pessoa está trabalhando, empregada, ou está desempregada. O “trabalho” de manicure é um quebra galho.

Vânia já trabalhou como assalariada. Hoje fica em casa, por orientação de seu marido. A jovem gosta de ser manicure, atividade que aprendeu com a mãe, mas diz que, assim que possível, pretende “trabalhar”, indicando o que considera trabalho de fato, talvez pelo *status* que ocupam os trabalhos assalariados em nossa sociedade. Todavia, geralmente, o assalariamento é conseguido pela apresentação de certa qualificação⁹² para o trabalho.

No que se refere aos pontos positivos do trabalho, os jovens destacam o aspecto afetivo das relações de trabalho, o seu ambiente, fazendo referências às amizades, ao coleguismo, ao pessoal do trabalho: *Eu gostava mais do trabalho por causa das pessoas de lá*, diz uma jovem que, no momento, está desempregada. Outra completa dizendo que no trabalho *a gente conhece bastante gente diferente. É bem legal*.

No entendimento dos jovens, a auto-realização no trabalho é determinada menos pelo conteúdo do trabalho do que por relações interpessoais, ligadas à dimensão afetiva, ao pessoal do trabalho. A dimensão expressiva do trabalho como espaço de realização do indivíduo, no que se refere ao aspecto profissional, perde espaço para a dimensão afetiva.

⁹² A qualificação potencia o trabalho, alterando a forma pela qual ele é socialmente desenvolvido. A aprendizagem significa a aquisição gradativa de qualificação, alterando a forma como o trabalho se manifesta. (Foracchi: 1965).

Não se trata tanto de gostar do trabalho em si, mas das pessoas que lá estão. O ambiente e o relacionamento interpessoal têm um peso fundamental no prazer pelo trabalho.

O fato de realizarem tarefas monótonas e cansativas, em grande parte das vezes, de serem submetidos a baixos salários e à precariedade nas condições de trabalho, faz com que busquem humanizar suas experiências, por meio do estabelecimento de laços de coleguismo e amizades no local de trabalho. Não que esse comportamento só seja construído diante das situações degradantes e fragmentadas; todavia, são as relações interpessoais que são destacadas pelos jovens como aspectos positivos do trabalho. Por meio dessa construção de laços afetivos, os jovens se apropriam do que fazem podendo dizer *trabalho porque gosto*, não ficando subordinados apenas ao conteúdo e às condições de trabalho, tantas vezes insatisfatórios.

Todavia, a alta rotatividade a que estão submetidos dificulta a criação de laços permanentes. A distância da residência também faz com que os contatos sejam mais comuns no próprio local de trabalho.

Interessante notar que, para a maior parte dos rapazes, houve destaque para a questão do aprendizado no trabalho. Os jovens valorizam o fato de estar aprendendo, sentindo-se mais estimulados: *o que eu mais gosto lá é o aprendizado*, comenta um jovem, auxiliar administrativo. *O que eu aprendi lá e o que eu estou aprendendo. Cada dia que passa eu crio um dinamismo no meu serviço, que está sendo muito bom pra mim.*

Aprendem não apenas o exercício da atividade em que estão envolvidos, mas também a lidar com as pessoas, dentro de um determinado ambiente. Dessa forma, o trabalho também é apreendido pelos jovens como instrumento de socialização, como um espaço que o faz crescer, em virtude das relações sociais e da troca de informações delas decorrentes. Assim revelam que estão aprendendo *sempre coisas novas*. Esse aprendizado é favorecido pelos contatos com os colegas e entre o empregador e o empregado, de forma sempre renovada mediante da comunicação entre os indivíduos e a troca de experiência entre os jovens.

Outra forma de expressão desse aprendizado diz respeito à possibilidade de subir de cargo no emprego. *Eu gosto do meu trabalho atual porque eu estou aprendendo muita coisa. Eu entrei como office boy e já consegui uma promoção; então eu estou aprendendo muita coisa com ele, nessas coisas de escritório e administração e nos outros trabalhos já não tinha isso* (Denis, 17 anos, solteiro, assistente administrativo). O trabalho é valorizado pelo fato de permitir ao jovem aprender outras tarefas, além daquelas que ele precisará para estar em seu emprego, cumprindo o papel para o qual foi contratado, permitindo-lhe aumentar suas aspirações profissionais.

É importante ressaltar que quando são chamados a detalhar melhor o que aprendem no trabalho, encontram uma certa dificuldade de precisão. É comum dizerem “muita coisa” e “tudo”. A dificuldade de precisão pode indicar a necessidade de acreditarem no enriquecimento que a atividade está trazendo para eles, em função da idéia difundida de que o “trabalho é tudo”, “sem trabalho ninguém vive” ou o “trabalho traz dignidade”. Ao mesmo tempo, com esse sentimento de crescimento pessoal, encobrem-se ou amenizam-se os problemas que vivenciam como trabalhadores. A experiência diversificada, ao mesmo tempo que traz um aprendizado para o indivíduo, em virtude da realização de tarefas e relações de trabalho diversificadas, tem sua cota de prejuízos, principalmente quando essa trajetória é marcada pela precariedade das relações e do conteúdo de trabalho.

Assim como as meninas privilegiam as amizades e as relações pessoais humanizando-o, os jovens privilegiam o aprendizado, significando-o positivamente, muitas vezes para justificar a si próprio todo o esforço empreendido nessa esfera, principalmente quando trabalham para auxiliar o grupo familiar.

TRABALHAR E ESTUDAR: PENSAR EM SI MESMO E PENSAR NO GRUPO FAMILIAR

3.1. O destino da renda é auxiliar a família

As representações sobre o trabalho também estão condicionadas à situação profissional do chefe provedor. Para um outro grupo de jovens, a necessidade maior faz com que assumam uma outra postura diante do trabalho. São jovens que praticamente sustentam a casa, na ausência ou na situação de desemprego do pai, ou contribuem com grande parte da renda para a sobrevivência da família de origem ou a recém formada pelo casamento. O fato de trabalharem para auxiliar a sobrevivência do grupo familiar, faz com que sejam socialmente investidos de papéis e comportamento de adultos diante do trabalho, participando como contribuinte para a subsistência da família e vivenciando a trama e a complexidade das relações sociais dos adultos (Martins: 1975).

Desse modo, dificilmente abandonam o emprego: antes, planejam a vida buscando a profissionalização, com vistas à satisfação pessoal e melhor retorno financeiro, porque pensam em si e no grupo ao qual pertencem e que deles dependem.

Quando não gostam do emprego, por diversas razões, e nele permanecem porque precisam do dinheiro para sobreviver e para manter os compromissos assumidos com o salário, só se sentem bem, realizados, quando estão fora do trabalho, fazendo outras coisas. Nesse caso, o melhor momento no trabalho é o período do não trabalho *são as horas vagas: a hora do café, do almoço e também a hora de ir embora.*

Na sociedade capitalista, o trabalho sendo estranho, externo ao trabalhador, faz com que seja negado por este, que se sente desgostoso, vendo mortificar o seu corpo e espírito. “Assim, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho e neste se sente fora de si. Quando trabalha não é ele mesmo e somente recupera sua personalidade quando deixa de trabalhar.

Por este motivo não trabalha voluntariamente mas à força. Seu trabalho é trabalho forçado.” (Marx: 1975: 79).

Para os jovens que não precisam auxiliar o grupo familiar, o fato de não estar gostando do trabalho, segundo diversas razões, faz com que o abandone, ainda que, com essa atitude passem a depender mais dos pais para comprar seus objetos pessoais e ter dinheiro para poder passear, trazendo também, aborrecimentos para a família. Em uma das entrevistas que fiz, depois de ter concluído a conversa com uma jovem, sua mãe começou a reclamar dela, dizendo que não ajudava em casa e que não queria procurar um trabalho, depois de ter feito um bico. Essa jovem não precisava auxiliar o grupo doméstico e, dessa forma, não se preocupava tanto em procurar um emprego e tornar-se mais independente para poder gastar o seu dinheiro.

Os jovens que trabalham para auxiliar a família, gostando ou não da atividade que realizam, mesmo antes de trabalhar, já mantinham vínculos de dependência econômica com os pais. Ao trabalharem, esses vínculos assumem novos significados, fortalecendo-se os compromissos com a família e com o futuro dela e do jovem que trabalha. Os vínculos são de auxílio mútuo, com cada um cumprindo o seu papel dentro da casa, segundo um padrão tradicional para as famílias pobres (Colbari: 1995; Montali: 1995; Sarti: 1996), em que a mãe é a chefe da casa, o pai é o chefe da família e provedor (Sarti: 1996). Dentro desse padrão, o filho homem e mais velho é o que primeiro sai para trabalhar.

A situação de pobreza pode impossibilitá-los de vivenciarem uma participação plena da condição juvenil, caracterizada pelo prolongamento da condição de estudante, desvinculada do trabalho e focada no aprendizado, pois, na maior parte das vezes, precisam abandonar precocemente o sistema de ensino e ingressar em condições precárias de trabalho, caracterizadas pela exploração no mercado (Pais: 1996), com a finalidade de auxiliar a família. Todavia, quase a totalidade dos jovens entrevistados não abandonou a escola em virtude da necessidade de trabalhar.

Apesar de, também no que se refere à frequência, estabelecerem muitas vezes uma relação intermitente com a escola, os jovens buscam continuar os estudos. A importância da conjugação das duas atividades não se traduz da mesma maneira para todos, como veremos.

É importante notar que os jovens que auxiliam os seus familiares, entregando grande parte do salário para as despesas da casa, dentro do contexto das relações familiares, não desempenham funções econômicas idênticas aos adultos que também trabalham. O adulto é considerado efetivamente produtivo e o jovem potencialmente. (Foracchi: 1965). Os jovens auxiliam a família, mas têm a obrigação de frequentar a escola. Quando a abandonam, provocam uma insatisfação na família. Assim, é importante para o grupo familiar que o jovem trabalhe, mas que também estude. Os jovens não são considerados os provedores da família, embora muitas vezes o sejam, em virtude do desemprego dos pais. Dessa forma, o auxílio que os filhos dão para as despesas da casa, ainda que não seja irrisório, é considerado uma ajuda, diante de uma situação pensada como provisória. Cabe ao filho, “potencialmente produtivo” trabalhar e estudar para que, com a formação escolar possa proporcionar uma ascensão para todo o grupo.

De qualquer forma, ainda que trabalhem pela necessidade de contribuir para a sobrevivência familiar, os jovens não descartam a importância de gostarem do que fazem, o que inclui o ambiente e as pessoas do local. Como diz uma entrevistada, *se você gosta, você faz o serviço melhor*. Acrescenta: *o trabalho que eu estou fazendo, eu gosto, porque um ajuda o outro, você tem seis horas de trabalho, tem amigos, é uma união, uma família* (Liliana, 20 anos, solteira, operadora de telemarketing). Para ela, o ambiente de trabalho torna-se agradável porque assume aspectos de um grupo familiar, marcado pela solidariedade, união e amizade. As relações e o ambiente de trabalho são humanizados pela presença dos atributos pessoalizados no local de trabalho, *é uma união, uma família*.

Liliana mora com os pais e dois irmãos pequenos. A mãe tem uma sorveteria e o pai trabalha com ela. Liliana recebe 331 reais como operadora de telemarketing, já com os descontos e, como diz, trabalha pra ajudar a família, *pra ajudar minha mãe e o meu pai em casa*”, diz. É o seu primeiro emprego. Ela decidiu, junto com a mãe, que deveria começar a

trabalhar, *porque chegou numa idade que já precisa trabalhar, e eu estava sentindo que precisava por causa da idade e minha mãe, porque tinha de ajudar em casa, porque meu pai está desempregado há dois anos.* Os pais aconselharam-na a começar a trabalhar: *eles falam que é bom pra ajudar e para o conhecimento meu, que um dia eles vão embora e querem me preparar pra eu ficar boa no mercado. Eu concordo.*

Ela entrega metade de seu salário aos seus pais e os tickets ficam para sua mãe. Com a outra metade do salário Liliana compra roupas para ela e para os irmãos, *às vezes tem dentista, às vezes levo os meus irmãos pra passear.* Além de entregar metade do salário para os pais, Liliana também auxilia sua família com a outra metade do salário, fazendo suas próprias despesas e comprando roupas para seus irmãos pequenos. Nos finais de semana, quando não está trabalhando, ela também ajuda a mãe na sorveteria. Começar a trabalhar foi um projeto que envolveu a participação da jovem e dos seus pais, principalmente em virtude da necessidade de auxiliar a família ameaçada pelo desemprego do pai.

Em sua visão, o trabalho não é apenas um meio de auxiliar financeiramente a ela e ao seu grupo familiar. A jovem sente-se bem em poder auxiliar a família e tem orgulho quando diz que sai para passear com os irmãos pequenos, comprando também roupas para eles. A responsabilidade que assumiu faz com que se sintam bem dentro de casa, crescendo o seu *status* no interior da família. Esse é o caráter mais positivo do seu trabalho: tem certa responsabilidade sobre os irmãos, não apenas financeiramente, mas também emocional, cuidando para que se divirtam, que tenham saúde (leva-os ao dentista) e sobre a manutenção do grupo que auxilia como um todo.

Leila, 19 anos, solteira, mora com o pai e um irmão. Seu salário de quinhentos reais vai ser utilizado para ajudar em casa: *No meu primeiro emprego, eu gastava em curso de inglês e ajudava o meu pai. No outro trabalho, eu também ajudei meu pai e comprava coisas pra mim. Agora- auxiliar de vendas - eu vou ajudar mais ainda meu pai.* O pai de Leila trabalha como pedreiro. Ultimamente tem sentido dores nos pés, mas continua trabalhando. A jovem, preocupada, acredita que precisa contribuir ainda mais para que o pai descanse.

Para a jovem, um bom trabalho é onde um funcionário é bem recompensado, onde ele se esforça, mostra o seu serviço direito e a empresa mostra a parte que lhe cabe, que é a remuneração, é tratar bem o funcionário.

Os compromissos que a jovem assumiu diante de sua família, auxiliando o pai nas despesas da casa com o seu salário e fazendo todos os serviços domésticos, de arrumação, cuidado das roupas, cozinhando, em virtude da ausência da mãe, faz com que tenha uma postura caracterizada pela preocupação com sua remuneração e com a garantia de seus direitos de trabalhadora. Apesar de se considerar jovem, assume uma postura adulta diante dos compromisso em sua casa, que se reflete na maneira como representa e expressa o que considera um bom trabalho.

A importância da família é demarcada com bastante força por essa jovem, não apenas na forma como se coloca diante do trabalho como também na revelação de sua preocupação com o pai e no desejo manifestado da presença da mãe dentro de casa: *eu queria que meus pais estivessem juntos.*

Eu trabalho pra sustentar a minha família, revela outro jovem. Tudo o que ganho vai tudo pra casa e assim mesmo tem de dar uma segurada. Eu estava desempregado e este emprego está contribuindo bastante profissionalmente pra mim. Eu entrei como ‘office boy’ e já estou crescendo dentro da própria empresa.” (Luiz Henrique, 19 anos, casado, tem uma filha, trabalha como auxiliar administrativo).

Luiz Henrique começou a trabalhar cedo, aos 14 anos, em serviços temporários. *“eu já tinha de ajudar na minha outra casa, quando eu não era casado. Também era difícil as coisas, então eu tive de trabalhar”*. Mas quando começou a trabalhar, os pais não o incentivaram. *“Eu tinha 14 anos e minha mãe não queria. Ela falava que ia atrapalhar os estudos.”* A família o incentiva a estudar. Ele pretende fazer uma faculdade *“por causa da minha situação financeira”*. Acredita que possa procurar uma firma melhor para trabalhar se tiver um curso superior.

O jovem tem intenção de ficar em seu emprego até se estabilizar *um pouco e procurar um melhor na área. Eu estou esperando amadurecer mais na minha área e procurar uma empresa grande para tentar subir lá também, daqui uns dois anos, mais ou menos. Eu me preocupo com minha filha e quero ter uma casa pra mim, porque esta é da minha sogra.* Assim como Leila, Luiz Henrique acredita que um bom trabalho “*é aquele em que o patrão se coloca na posição do trabalhador, quando ele vê se tem uma condição de trabalho e tem um retorno financeiro também*” .

Preocupa-se com a situação financeira e com as relações contratuais adequadas. Esse jovem é provedor de sua família. Dele dependem sua filha e esposa, que está de licença maternidade. Trabalhar é um meio de conseguir manter o seu grupo. A representação do trabalho segue a lógica da ética do provedor (Zaluar: 1985:125); nesse sentido, “o trabalho tem seu valor moral vinculado ao status de trabalhador como ‘ganha pão’ do grupo doméstico (...)”. Essa ética do provedor, e não do trabalho em si, leva o trabalhador a aceitar uma disciplina do trabalho, tendo como primeira preocupação a criação de sua filha e a manutenção de sua família.

A preocupação em prover sua família, em comprar uma casa para morar com ela, relaciona-se à sua estratégia diante de sua trajetória profissional. O jovem pretende permanecer na firma, subir de cargo e quando tiver mais experiência, quando *amadurecer um pouco*, procurar uma firma melhor e percorrer o mesmo caminho, para, com isso, *ter um retorno financeiro*, que lhe permita sair da casa de sua sogra e garantir o bem estar de sua filha.

Subir de cargo é um desejo manifestado por outros jovens, solteiros e casados. Todavia, a aspiração a uma carreira em um emprego estável, em período integral, aparece cada vez mais como um “contra-modelo” (Bajoit& Franssen: 1997), pois crescem os empregos precários, como já foi mencionado. Todavia, ainda que esteja ausente na vida de muitos jovens, por diversas razões, o emprego fixo mantém-se como ideal em sua representação sobre o trabalho.

Eu trabalho porque gosto e é necessário, avalia outro rapaz. Ultimamente eu estou trabalhando pra manter a renda da casa, honrar os compromissos. Eu trabalho porque meu pai está desempregado e pra ter uma renda pra mim também. Pensando num futuro sólido, eu pretendo continuar nesse emprego e me profissionalizando, fazendo uns cursos, fazer uma faculdade, engenharia mecânica ou eletrônica pra eu sair da classe operária". (Fábio, 19 anos, solteiro, auxiliar no almoxarifado). Quando o jovem fala em sair da classe operária está se referindo à passagem do técnico, percebido como o operário, ao profissional com diploma universitário. É por meio dos cursos de aperfeiçoamento, incluindo idiomas e computação, e do curso superior, que ele vai se profissionalizar e “sair da classe operária”. Operário aqui está em oposição ao profissional que cursou uma faculdade.

O desejo de Fábio de se profissionalizar, “de levar a sério o seu trabalho e os estudos”, de *fazer um pé de meia*, relaciona-se menos a um projeto de manutenção e possível ascensão individual do que familiar. *Quando o homem e a mulher chegam aos quarenta, que eles sabem que têm muita experiência pra tocar um serviço, é a parte que eles são descartáveis, que eles não servem pra sociedade a nível trabalhista. Cabe a nós essa função de sustentar a própria família.*

Ter um curso superior muitas vezes revela, além da busca de realização pessoal, a preocupação em assegurar ou buscar assegurar, um futuro próspero, a ascensão social de todo o grupo familiar, “*sair da classe operária*”, que significa sair das relações de opressão e sujeição em que vive - *os patrões não respeitam o funcionário* - abandonar a posição subalterna no trabalho, por meio de cursos que o “qualifiquem”, colocando-o em condições de *fazer um pé de meia*, em um trabalho melhor remunerado, para prover a si e poder *sustentar a própria família*.

3.2. Ganhar mais: um projeto individual

A preocupação com o retorno financeiro por meio do trabalho aparece em outras situações vividas por jovens que não têm de sustentar a família ou que contribuem pouco com ela.

São jovens solteiros, homens e mulheres, divididos entre os que nunca trabalharam e que gostariam de trabalhar, para, com o dinheiro, não dependerem mais dos pais, os que trabalham ocasionalmente, no natal, por exemplo, e os que trabalham ou trabalharam e não gostaram. Diferente do que acontece com os jovens que sustentam a família e que, portanto, priorizam a renda, esses jovens vêm no trabalho um meio de satisfazer necessidades pessoais. O desejo de auxiliar a família é um projeto futuro, para ser pensado após a conclusão de um curso universitário.

Quando estão em uma atividade que não está trazendo a satisfação necessária, como têm garantida sua sobrevivência, saem em busca da satisfação de novas necessidades, muitas vezes incompatíveis com o que o trabalho lhes proporcionava anteriormente. A satisfação de suas novas necessidades só pode ser garantida com um novo emprego. É o que fazem muitos jovens saírem de onde estão. Ou seja, tendo garantida a sobrevivência material com o trabalho dos pais, buscam um salário melhor em outro emprego, para o consumo de objetos pessoais e também para o lazer. O mais importante é o salário.

Eu prefiro um trabalho em que eu ganhe mais, revela uma jovem de 22 anos, solteira, que não está trabalhando. Eu trabalho é para o meu sustento mesmo. Eu saí do meu trabalho porque eu não gostava do chefe, do salário, não gostava do que eu fazia, não tinha perspectivas. Agora eu quero abrir um negócio próprio, diz Fernanda.

Muitas vezes, o trabalho e a escola, longe de representarem um elo de integração, são mais identificados com a fragmentação de experiências e significados. As atividades se parcializam, não se conjugam, trazendo mais dependência do que autonomia. Como conseqüência, aparecem a desmotivação, o cansaço, o abandono de uma ou outra atividade, ou de ambas, como aconteceu com essa jovem.

Ela não precisa sustentar a família. Ela mora com a mãe, o padrasto, que trabalha, e um irmão, que também está empregado, embora não esteja gostando do atual emprego na área de computação.

Fernanda não gostava de seu trabalho porque a atividade exigida dela não a estimulava. Era um trabalho reduzido, simples para sua condição mais complexa de estudante universitária (Foracchi:1965), pela atividade e remuneração. Fernanda também acabou abandonando o curso de relações internacionais na Faculdade Domus, em Higienópolis. Não estava gostando. O curso se distanciava de suas expectativas e ficava cada vez mais sem sentido na vida da jovem. Também não havia perspectivas de melhorias e ascensão profissional em seu trabalho a partir de sua condição de estudante universitária.

Mas sua escolha não tem reflexos apenas em sua vida particular. Ao abandonar o seu curso superior, Fernanda pode com isto estar abandonando um projeto que é familiar, de ascensão de todo o grupo, a partir do futuro profissional da jovem. Na negação de sua condição de estudante universitária, ela investe em sua autonomia, redefinindo sua própria condição dentro da família. A mãe lamenta que tenha abandonado o curso superior, mas não interfere em sua decisão final.

Ao negar sua condição de estudante universitária, sua realidade possível, a jovem dá origem a expectativas que poderão ser concretizadas em um futuro incerto: montar seu próprio negócio. Entretanto, não sabe quando nem o que seria. A manifestação de desagrado com relação ao trabalho assalariado, expressa em seu desejo de buscar a satisfação mediante um trabalho autônomo, está ainda dentro dos moldes capitalistas, mesmo que possa significar a ausência da figura do patrão, pois outras relações, como a compra e a venda de produtos, devem obedecer à lógica e à dinâmica do capital.

De qualquer forma, o trabalho autônomo representa a possibilidade de realização pessoal, a partir de uma atividade, ainda incerta, dotada de sentido para a jovem. A situação de desemprego, voluntariamente escolhida, produz um tempo de espera que, em sua representação, é “útil”, na medida em que é preenchido pela elaboração de possíveis projetos construídos em torno do futuro trabalho, o negócio próprio. O fato de ser sustentada por sua família permite-lhe essa espera. Todavia, a insatisfação da mesma por ela ter abandonado a faculdade, pode fazer com que o seu tempo em casa, fora do trabalho

e da escola não seja vivido de forma tão tranquila, uma vez que poderão existir cobranças que terá de responder de alguma maneira.

O trabalho faz muita falta, destaca outra jovem. Hoje em dia é tudo financeiramente. Eu nunca trabalhei. Meu pai acha que eu devo trabalhar pra espairer, pra comprar as minhas coisinhas, que eu não preciso ajudar. Mas me preocupa muito a situação financeira porque eu quero casar logo e não posso. Isso está me incomodando. Eu pretendo abrir uma lojinha, uma doceria com meu noivo e se não der eu vou ter de trabalhar pra alguém. (Elizete, 21 anos, solteira, não trabalha).

Elizete nunca trabalhou, nunca foi necessário. Ela mora com os pais e uma irmã. Está no último ano do ensino fundamental, pretende fazer supletivo para concluir o ensino médio e depois trabalhar, de preferência em um negócio próprio. A situação financeira de sua família, quinhentos reais mensais, agora vem incomodando a jovem que pretende se casar e ainda conta com a ajuda da família. Antes, sustentada pelos pais, a renda era suficiente. Agora precisa ter uma renda maior para constituir sua própria família. Idealiza um trabalho autônomo: *se eu pudesse trabalhar pra outra pessoa nesse momento seria ótimo, mas sempre a gente pensa lá pra frente em ter um negócio próprio.* E, considera um bom trabalho *aquele onde você gosta de estar, se sente bem e ganha um dinheiro legal.* Para ela, esse trabalho é o trabalho próprio.

O trabalho assalariado para ela está próximo à idéia de “cativeiro”, que designa falta de autonomia, por ser feito sob direção de outra pessoa. Elizete, que nunca trabalhou, sonha com uma atividade remunerada que lhe traga mais liberdade, seu negócio próprio.

Por vezes, mais do que a perspectiva de um ganho maior, o trabalho autônomo “representa e encarna a concepção de liberdade pessoal e de ação que permite organizá-lo, e às outras dimensões da vida, de acordo com vontade, interesse e discernimento próprios.” (Evelyn: 1998: 37).

Cíntia, 19 anos, solteira, mora com os pais e com uma irmã. Não gosta de trabalhar *porque tem de acordar cedo, receber ordens. Preferiria não precisar trabalhar só pra poder ficar em casa.* Com o que recebeu como promotora de eventos, um salário no primeiro mês e quatrocentos e cinquenta no segundo, contrato de dois meses, ela comprou roupas, *só coisas pra mim*, diz. Foi seu único trabalho. No momento não está trabalhando, também não está procurando muito, mas quando for trabalhar vai preferir um emprego de meio período. Também prefere ganhar mais a gostar do trabalho que for realizar, apesar de ressaltar as amizades que fez quando trabalhou como promotora.

O trabalho tem uma dimensão instrumental valorizada pela jovem, pela possibilidade de poder adquirir suas coisas, suas roupas. Como não precisa trabalhar para auxiliar a família, o que receber fica para ela. Assim, quanto mais receber, mais “objetos” vai poder adquirir, sendo preferível um trabalho que pague melhor a outro que pague menos, mesmo que seja o exercício de uma tarefa que lhe agrada, uma vez que seja qual for o trabalho, o que a incomoda é a disciplina e também as relações de trabalho, *tem de acordar cedo, receber ordens.* Em sua representação, as categorias afetivas e instrumentais do trabalho substituem a dinâmica das relações contratuais, pela negação de seu papel na relação, *ter de receber ordens*, e o próprio conteúdo do trabalho que não é mencionado.

André, 18 anos, solteiro, mora com a mãe e um irmão. Foi convocado para o serviço militar e, por conta disso, abandonou um emprego que tinha acabado de conseguir na Monange, de auxiliar de produção, para entrar para o exército - *Eu quero é servir o exército*, diz. Por essa razão, não ficou chateado em abandonar o futuro emprego. Pretende seguir carreira militar, e, desde o princípio, contar com o salário pago pelo exército. *De soldado, quando você já passa o primeiro ano, é quinhentos reais. Cabo é oitocentos, eu acho.* Somente se não for mesmo convocado, *não está muito certo, eles me mandaram voltar*, ele vai procurar emprego.

Caso não dê certo o desejo de André de seguir carreira militar, como segunda opção, ele pretende conseguir um trabalho que seja financeiramente satisfatório. *Já que o que eu queria eu não consegui, se não der, então eu vou querer ganhar mais*, referindo-se ao fato

de que vai dar preferência a um emprego que pague melhor a um trabalho que possa lhe trazer mais prazer.

A carreira militar é o emprego que o jovem almeja, apostando sua realização nele. A possibilidade de não ser admitido no exército, se confirmada, revela-se a impossibilidade de realização pessoal. Nesse caso, qualquer trabalho servirá como substituição, pensado de forma instrumental, como meio de ganhar a vida e, portanto, o importante será *ganhar mais*, conseguir um trabalho que pague mais do que receberia no exército, para compensar a perda dessa dimensão expressiva, da possibilidade de realização pessoal por meio do trabalho.

André já trabalhou em uma banca de jornal e no sacolão, próximo à sua casa, na Cohab II, com o pai. Ambos foram trabalhos temporários e parciais. Não gostou de nenhum dos dois: *Eu fiz mesmo foi por necessidade, porque eu não gostei*. Necessidade de comprar suas coisas, *só besteiras*, como diz. Não havia necessidade de ajudar a família, assim, todo o seu dinheiro ficava para ele. *Eu nunca tive precisão de trabalhar mesmo*. A mãe trabalha como diarista e o irmão, com computação. Até o momento ele não tinha mesmo sentido a necessidade de trabalhar. Com o pai falecido há dois anos, a mãe tem incentivado o jovem a conseguir um emprego para ajudar um pouco. Enquanto isso, ele aguarda a resposta do exército, e sua família, sua contribuição.

Joyce, 17 anos, ainda não trabalha, mas gostaria de trabalhar *pra ter minha responsabilidade dentro de casa*. Já procurou trabalho, mas desistiu, por enquanto: *eu procurei mas não foi muito agradável. Eu fui em Osasco, que tem uma sede trabalhista lá. Eu entreguei um curriculum no shopping, mas não adiantou muita coisa*. Prefere um salário melhor à satisfação no trabalho com menor salário. *O importante não é você gostar do trabalho porque todo emprego que você encontra, geralmente o pessoal reclama que não gosta da patroa. Acho que você tem de estar lá e não tem de gostar. Você tem de fazer o seu trabalho pra ter seu salário no final do mês*. Para a jovem, quem trabalha deve esperar apenas o salário. É para isso que todos trabalham: *sem ele a gente não tem condição de sobreviver*.

O que Joyce tem presenciado ao seu redor, entre seus amigos que trabalham, é uma insatisfação generalizada no ambiente de trabalho, sobretudo com a chefia. Joyce, que ainda não começou a trabalhar, já se sente desestimulada pela dificuldade de encontrar um emprego. Como diz, *“você acha pra trabalhar na rua e ganhar muito pouco, ficar no sol, se matando, como essas pessoas que ficam entregando papelzinho, essas coisas assim.”* Acrescenta-se a preocupação de não ser respeitada nos seus direitos, como não receber pela hora extra, se fizer, e de ter problemas com a chefia, como acontece com muitos dos seus amigos.

O sonho de Joyce é fazer faculdade de educação física, *“mas como está muito caro, eu vou fazer psicologia primeiro e depois educação física,”* diz. Caso não consiga fazer a faculdade, *“um emprego em que eu me dê bem está bom.”* Desse emprego que, em seu modo de ver, está relacionado à sobrevivência, ela não tem de gostar e sim esperar o salário no final do mês. Um emprego em que ela “se dê bem”, em que não a explorem, como diz - *“tem emprego que abusa das pessoas, não paga hora extra, você fica lá o dia todo.”* Assim, a dimensão positiva do trabalho está relacionada à renda e ao cumprimento das regras pelo empregador, de ser respeitada em seus direitos de empregada.

Essa jovem pretende trabalhar depois que fizer uma faculdade, para que a mãe descanse. *“Ela já trabalhou muito,”* comenta. A mãe, que é diarista, aconselha a filha a estudar. *“Ela fala que eu que estou tendo oportunidade de estudar, pra eu aproveitar, pra não ficar em casa de família me matando.”*

A recusa de um trabalho que exija esforço e resistência física, como o trabalho de faxina, de carregar peso, está presente como “intenção de evitá-lo” nas falas dos jovens, no geral. Se já o executaram, guardam lembranças que se relacionam aos aspectos negativos do conteúdo do trabalho: desgastante, cansativo, que absorve as forças, acabando com sua saúde. Estudar representa aumentar as chances de alcançar o possível, um trabalho que não faça com que o jovem precise “se matar de trabalhar”. Segundo representações na família,

essa chance de escolarização precisa ser bem aproveitada pelas jovens, pois são elas que mais se empregam nos trabalhos domésticos.

Em geral, para ocuparem o mesmo cargo que os homens, as mulheres precisam de escolarização superior à deles. Em grande parte das vezes, para o desempenho de determinadas funções, elas sofrem discriminações que se referem à consideração do gênero.⁹³ Assim, são levadas à realização de tarefas relacionadas ao trabalho doméstico. Evelyn (1988), ao analisar o duplo trabalho dos migrantes, nas lavouras e na indústria, avalia que, para as mulheres que temporariamente estão em São Paulo, o fator decisivo na escolha de empregos domésticos é a relativa segurança que o trabalho oferece e o abrigo que conseguem, dada a importância de terem uma “casa” quando não estão na sua cidade.

Para a mãe dos jovens, a segurança no trabalho doméstico também pesou. Essas mulheres, são pessoas que também vieram da roça e hoje trabalham na cidade, assim como alguns de seus filhos. Algumas mães já vieram para São Paulo começando a trabalhar em casa de família⁹⁴, também pela necessidade de uma “casa” para morar.

Conseguir um trabalho, hoje, com pouca escolaridade e mais idade, acima dos trinta e cinco, não é fácil. Há jovens que, desde crianças, trabalharam com os pais na roça: *Eu trabalhava catando algodão com minha mãe lá no Paraná, desde os sete anos. Depois eu vim pra cá*, diz um jovem de 16 anos.

Todavia, apesar da frequência ao trabalho, as mães passam para os filhos as dificuldades que enfrentam, o cansaço, o desgaste físico, a baixa remuneração, aconselhando-os a estudarem mais e tentarem um lugar melhor, desejo compartilhado pelos jovens. As experiências de trabalho dos pais, não apenas no caso do trabalho doméstico, são trazidas para dentro de casa e servem como um referencial para eles. Na maior parte das vezes, há o

⁹³ A presença das mulheres no mercado de trabalho tem aumentado, principalmente nas duas últimas décadas, e essa presença não é transitória ou passageira, sendo constitutiva da composição desse mercado. Todavia, por mais que seu trabalho seja importante para o auxílio da sobrevivência familiar, é como se as trabalhadoras não se constituíssem plenamente como trabalhadoras, uma vez que são reconhecidas e definidas pelo espaço da família, como seu lugar natural de existência. (Telles: 1992).

⁹⁴ Cinco dos quarenta e um jovens têm a mãe trabalhando como diarista.

desejo de seguir um caminho diferente dos pais,⁹⁵ a partir de trabalhos menos pesados e mais bem remunerados.

No caso de Joyce, há um projeto familiar, um esforço conjunto, relacionado aos estudos. Apenas a mãe trabalha, arcando com todas as despesas da casa e das filhas, Joyce e Greice, que tem um filho. Para Joyce e sua mãe, estudar é mais importante. Representa a possibilidade de construção de um futuro melhor, por meio de um trabalho menos sacrificante, como a mãe comenta, e com maior renda. Para ajudar um pouco em casa, Joyce pretende voltar a procurar um trabalho, ainda não sabe quando, sem abandonar os estudos.

Ela entende que, no momento em que começar a procurar trabalho, o salário que pode vir a ganhar não será, ainda, suficiente para que a mãe deixe de trabalhar para poder descansar. Como está difícil conseguir um emprego, já tentou e não conseguiu nada, Joyce sabe que trabalhos temporários e até irregulares podem vir a ser alternativas para ela. Com o que receber vai auxiliar um pouco em casa e ficar com parte do dinheiro para seus gastos pessoais.

Somente com um curso superior, Educação física, seu sonho, ou Psicologia, a outra opção, acredita que terá um trabalho regular, fixo e, com isso, vai poder deixar a mãe descansar. A carreira, neste caso, também é utilizada para estabelecer vínculos de reciprocidade com a família que sempre a assistiu e da qual depende, de prestação “interna”. (Foracchi: 1965).

O jovem que estuda e trabalha aumenta as chances de todo o grupo familiar de melhorar sua condição social, em virtude da maior possibilidade de conseguir melhores empregos futuramente. O *status* que conseguem como estudantes universitários também dão o tom do esforço pela conquista. As expectativas são realizadas nos jovens em formação escolar e

⁹⁵"Há razões para poder afirmar que, antes de ocupar um emprego, os ideais profissionais de muitos jovens são mais altos do que o nível profissional dos pais, donde, por exemplo, ser maior o número de rapazes que preferem dedicar-se a um trabalho especializado em relação aos pais que estejam ligados a uma forma de trabalho especializado, e menor o número daqueles que desejam dedicar-se a um trabalho não especializado cujos próprios pais se dediquem a esse tipo de trabalho" (Keil. E.T, Riddel. D.S e Green. S. R. 1968. op.cit).

estes têm em mente a preocupação de trazer melhorias para os pais, dando-lhes mais conforto.

Robson tem 16 anos, é solteiro, mora com a mãe e cinco irmãos. Todos, trabalham, menos Robson. Mas ele gostaria de começar a trabalhar, “*pra comprar coisas pra mim, sair*”. Já está procurando um emprego: “*eu saio no mercado pra procurar com meu irmão*”. Gostaria de trabalhar como ‘office boy’, “*porque aí você vai subindo na firma, agora, mercado é difícil*”. Estava procurando trabalho há uma semana antes da entrevista. Espera encontrar um emprego onde ganhe bem, “*depois eu aprendo a gostar*”, diz. O desejo, portanto, de subir de cargo em uma firma, por enquanto, está vinculado à melhoria, conseqüente, de salário. Pode ser um trabalho que não goste de realizar, porque, segundo ele, assim como aprendemos a trabalhar, aprendemos a gostar do trabalho.

O grande objetivo de Robson é ser músico - *eu estudo pra isso*. Pretende profissionalizar-se mediante estudos. Nos finais de semana ele e os amigos saem para tocar nas escolas, *em palco e grupo de Axé*. Toca teclado em uma banda. É o que lhe dá prazer, o que gosta de fazer.

Na medida em que o trabalho não aparece como atividade realizadora, ele tende a ser minimizado em sua percepção, no sentido de que o que importa é a renda. Quanto ao trabalho, *aprender a gostar*. Como já tem uma aspiração pela música, na qual pretende investir, sua relação com o trabalho é apenas instrumental.

Lílian, 21 anos, solteira tem a mesma relação instrumental com o trabalho, separando-o da dimensão realizadora, colocada em um outro momento, em uma vocação que acredita possuir. Ela trabalha como balconista em uma loja de produtos importados. *Eu trabalho pra ter um objetivo na vida, pra ser independente*. O que gosta no seu trabalho atual *é de ver TV, escutar música e conversar com todo mundo lá*. Gosta do trabalho, como diz, *eu não faço nada, por isso eu gosto*. Um trabalho bom para ela é o que paga bem. Lílian trabalha para comprar roupas e, agora, também com o seu salário de quatrocentos reais, pretende fazer um curso de inglês e pagar a academia.

A jovem não contribui em sua casa com o que recebe. A diferença para ela entre trabalhar e ficar em casa é apenas o salário: *pra mim é indiferente porque o serviço que eu arrumei até hoje é de ficar vendo TV. Apesar de que em casa eu não estou ganhando e no trabalho eu estou ganhando. A diferença é essa.* Lílian pretende ficar nesse emprego até conseguir passar no concurso de aeronáutica, seu grande objetivo. Tem o apoio da família.

Uma razão para Lílian não gostar do seu emprego é o fato de não se dar muito bem com a gerente da loja: *ela é loca, é muito séria.* O que o trabalho tem contribuído para a vida de Lílian? *é que eu estou ganhando,* responde ela. Não apenas ganhar, mas ganhar um salário melhor, é o que faz com que muitos jovens decidam procurar outro emprego ou até desejem ter dois trabalhos ao mesmo tempo.

Muitos jovens gostariam de poder trabalhar mais para também ganhar mais. Gostariam de poder conjugar dois trabalhos ao mesmo tempo⁹⁶, além das atividades escolares. A razão para isso é a vontade/necessidade de receber mais. Não pensam em ganhar mais pelas mesmas horas trabalhadas, mas em conseguir outro trabalho, em trabalhar mais. “Talvez a tradição brasileira, de salários muito baixos, e a ideologia do ‘quanto mais se trabalha mais se ganha’ impeçam a constatação e portanto a reivindicação de um ganho melhor.” Por essa razão o trabalhador tem a idéia de que deve trabalhar mais e não receber mais (Evelyn: 1998: 104).

Ainda assim, os jovens reivindicam salários melhores quando acreditam que não recebem a quantia compatível com a atividade. Geralmente têm em mente uma média que é oferecida por outras firmas e empresas para a mesma atividade que ele realiza. Percebem, portanto, uma defasagem que, normalmente, é solucionada, individualmente com a procura por um outro trabalho.

⁹⁶ Apesar de alguns jovens manifestarem o desejo de conciliar dois trabalhos, nenhum dos entrevistados, no momento da entrevista, estava empregado em dois trabalhos.

Os jovens não costumam reivindicar salários melhores, nem recorrem ao sindicato, quando são sindicalizados, em virtude de questões relacionadas menos ao descrédito dessa instância enquanto mediadora dos interesses coletivos dos trabalhadores, do que da alegada falta de tempo para participar das reuniões, em virtude da necessidade da dupla jornada com a escola, da falta de tempo para viver sua vida fora do trabalho. Muitos jovens não sabem se são sindicalizados.

3.3. Estudo e experiência: requisitos para a contratação

O que é preciso pra conseguir um trabalho hoje? Experiência, muita experiência.
(Andréia, 21 anos, solteira, auxiliar de vendas).

Para grande parte das meninas que destacam a importância de bons relacionamentos no local de trabalho, a questão da experiência aparece com bastante força, resultado das dificuldades que encontram para conseguir um emprego e da própria impressão que têm do perfil das pessoas que estão no mercado de trabalho, das conversas com amigos, pais e meios de comunicação. Como percebe Elizete, 21 anos, *acho que ter experiência hoje é mais importante do que estudo pra conseguir um emprego.* Apesar de nunca ter trabalhado, essa jovem vem percebendo, pelo que ouve as outras pessoas dizerem, incluindo seus amigos, que a experiência de trabalho, que na maior parte das vezes significa experiência em carteira, é fundamental para conseguir um emprego .

Mas o trabalho não é apenas visto como um instrumento por meio do qual o jovem vai adquirir experiência e para isso vai trabalhar, porque, se assim fosse, o trabalho em si não representaria essa experiência, não a conteria, devendo criá-la como algo estranho a si próprio. (Foracchi: 1965). O trabalho tem um significado em si para os jovens, além de proporcionar experiência que será importante para a inserção em setores que a exigem no momento da contratação.

A dependência da experiência, que é engendrada pela atividade e não pela passividade (Foracchi: 1965), está fundamentada no constante estabelecimento de novos contatos, que

proporcionam também a acumulação de conhecimentos que serão cobrados nos trabalhos futuros, especialmente nos empregos fixos e regulares. *Pra conseguir um trabalho hoje você tem de ter bastante conhecimento em tudo e adquirir experiência*, comenta Carol, 18 anos, desempregada.

Em cada experiência, o jovem adquire novas habilidades e novas informações, mas também, novas idéias, noções e novas imagens sobre o trabalho, apreendidas em maior ou menor grau e de maneira particular, a partir de um trabalho que se diversifica. Dessa forma, os jovens vão se reconstruindo, a cada momento, como trabalhadores. Cada local de trabalho é um espaço de troca de informações⁹⁷ onde as pessoas compartilham experiências e, no caso do jovem, faz com que este se socialize, identificando-se com a própria linguagem utilizada no local, com os interesses que são comuns.

O destaque da necessidade de experiência é manifestado em função de sua ausência: as jovens percebem a necessidade de adquiri-la para poder conseguir um trabalho. A falta de experiência está sempre presente enquanto uma ameaça constante inscrita nas representações sobre o trabalho, mais propriamente sobre a dificuldade de inserção no mercado.

É portanto pela negação, por sua ausência, que a experiência aparece na fala das jovens. *Hoje experiência é tudo, conta mais. Eu não tenho emprego porque eu não tenho experiência e sem experiência você não consegue trabalho em nenhum lugar*, desabafa Carol, que está a procura de um emprego como operadora de telemarketing, mas não tem experiência na área, não conseguindo ser admitida.

Entre essas jovens é comum a dificuldade de encontrar trabalho, grande parte está desempregada. Para a mão-de-obra obra feminina, há uma oferta de emprego menor do que

⁹⁷ Segundo Keil. E.T, Riddell. D. S e Green. S. R (1968), "A socialização do jovem no ambiente de trabalho, associada a (b) experiência anterior de trabalho e a (c) influências sociais de maior âmbito, acarretam por um lado a (d) formulação de um conjunto de atitudes e aspirações em relação ao trabalho. Os itens a) b), c) e d) reunidos oferecem uma explicação para (e) a iniciação para o emprego propriamente dita. As experiências do trabalhador condicionam a situação de ajustamento/não ajustamento do jovem trabalhador, que pode se manifestar por uma demonstração de satisfação, (...) ou por uma mudança de emprego" (p. 96).

a procura. (Montali: 200). Há, ainda, a disseminação da informação sobre a importância cada vez maior da experiência para o mercado de trabalho, em virtude da convivência dos jovens com amigos e parentes, que procuram trabalho e não conseguem ser contratados, por não apresentarem experiência comprovada em carteira: *tenho muitos amigos desempregados. Está difícil mesmo pra conseguir. Tem de ter experiência*, diz uma jovem, 21 anos, solteira, auxiliar de vendas. Está procurando trabalho na área de processamento de dados, mas não tem experiência, sempre trabalhou com vendas.

Interessante perceber que a quase totalidade dos jovens que destacam a importância de possuir experiência para conseguir trabalho é composta por mulheres. Para esse segmento dos trabalhadores, é mais difícil ainda o acesso ao mercado de trabalho, principalmente em empregos fixos e regulares. No período de 1990-94, além de maior descontinuidade na ocupação, no caso das jovens, observa-se também maior parcela de desempregadas. (Montali: 2000). Nesse sentido, ter experiência significa aumentar as chances de acesso ao mercado regular de trabalho.

As mulheres têm entrado no mercado de trabalho nos empregos de “baixo escalão”, na maior parte das vezes, no setor de serviços, em empregos de tempo parcial, temporário e com salários inferiores aos dos homens. A insegurança no trabalho não se expressa de forma indiferenciada, mas atinge as pessoas, segundo o sexo e a idade. (Fausto: 1982; Telles: 1992; Montali: 1995).

O setor do comércio, um dos mais procurados pelas jovens entrevistadas⁹⁸, também vem sofrendo queda constante na geração de empregos. Segundo dados do DIEESE, de 1999, o setor terciário da economia, comércio e serviços, que desempenhou, historicamente, a função de absorver trabalhadores demitidos pela indústria, em especial de baixa qualificação, com a crescente adoção de novas tecnologias e automação no comércio, tem,

⁹⁸ Dados do Seade, de 1996, mostram que os jovens, incluindo os adolescentes, quando estão inseridos no mercado de trabalho, estão ocupados, em maior proporção, nos setores de serviços e comércio: cerca de 67% dos adolescentes e 65% dos jovens. No comércio, a participação dos adolescentes é de 26%, mais elevada que a dos jovens, que é de 20%.

de um lado, aumentado a exigência de qualificação e, de outro, diminuído a absorção de trabalhadores. (Letelier: 1999).

Ainda que o setor do comércio seja marcado pela heterogeneidade, apontando diferenças na utilização das inovações tecnológicas, entre as grandes e as pequenas empresas, por exemplo, a exigência da escolaridade e da experiência tem sido sentida pelos jovens que procuram um emprego nesse setor.

Dados recentes desmistificam a idéia de que os comerciários tenham pouca escolaridade: enquanto os indivíduos com, no máximo, a quarta série e os analfabetos representam 16,2 % no setor, eles constituem 24,7% dos trabalhadores em outros segmentos. O número dos comerciários com segundo grau apresentou um crescimento de 52% contra 25% para os outros setores. (DIEESE, 1999).

Alguns jovens com maior grau de instrução, homens, na maioria, acreditam que a escolaridade seja mais importante do que a experiência para a obtenção de um emprego, tanto no setor de comércio, quanto nos outros serviços ou na indústria.

Nos casos pesquisados, a maioria dos entrevistados tem essa opinião. Grande parte é composta por jovens que têm grau de escolaridade mais elevado, segundo grau ou curso superior em andamento e, muitas vezes, são estudantes que trabalham. *Pra conseguir um trabalho tem de ter estudo e qualificação profissionais. O estudo é mais importante que a experiência*, diz Izaque, que tem 19 anos, o segundo grau completo e é operador de triagem no correio.

Pra conseguir um emprego hoje tem de ter formação, estudo, diz Willian, que tem 19 anos, cursa arquitetura na Uni Nove e trabalha com edificações. Os outros jovens que concordam com Willian têm, a maioria, o segundo grau completo ou em curso, o que lhes deve ter possibilitado estarem no trabalho em que estão.

As meninas, que ressaltam a importância dos estudos, estão divididas: uma parte delas é composta por jovens que possuem um trabalho, são registradas e têm, pelo menos, o segundo grau completo. O cargo que ocupam exigiu delas essa escolaridade. Esse é o caso de Patrícia, que tem 23 anos, faz o curso de Administração na FITO. Começou a cursar a faculdade porque o Banco, em que trabalha como caixa, estava pressionando muitos de seus funcionários a aumentar o grau de escolaridade, condicionando uma possível promoção àqueles com curso superior. Assim, conclui a jovem, *infelizmente hoje o mais importante é a escolaridade, dependendo do que a pessoa procura, ela tem de fazer inglês, tem de estar na faculdade, tem de ter bastante curso pra conseguir.*

Outro grupo de jovens que credita mais importância aos estudos para o ingresso no mercado de trabalho é formado por meninas que estão desempregadas, a maioria casada ou com filhos, que ainda amamentam, que não conseguem trabalho, por também não terem o segundo grau completo.

Hoje é grau de escolaridade que estão exigindo (Verônica, 23 anos, casada, desempregada, está no primeiro ano do ensino médio).

É preciso pelo menos terminar o básico pra trabalhar, ter escolaridade (Aline, 18 anos, solteira, tem um filho, desempregada, fez até a oitava série).

Hoje pra trabalhar tem de ter experiência mas principalmente estudo (Thaiane, 17 anos, casada, tem um filho, está no segundo colegial, não está trabalhando).

Com a maternidade, o prosseguimento da escolarização fica dificultado. As garotas deixam de ir para a escola, quando engravidam. Duas delas que têm filho disseram-me que pararam de estudar porque estavam com vergonha de ir para a escola com “aquela barriga”. Não se sentiam bem. Agora que já tiveram o bebê pensam em voltar a estudar e esse desejo está relacionado à necessidade/vontade de começar a trabalhar. Nesses casos, elas ressaltam a importância de terminarem o segundo grau para conseguir um trabalho.

Dados da pesquisa do Seade de 1996, Vinte anos no ano 2000, revelam que 15,7% das jovens de 15-19 anos e 8,3% na faixa etária de 20-24 anos abandonaram a escola em razão da gravidez, representando a terceira causa mais citada para o abandono. A primeira razão está relacionada à necessidade de trabalhar, que não deixa de ser paradoxal, uma vez que as jovens, com nível de escolaridade mais baixo, terão menos chances de conseguir um emprego, pelo menos na situação de trabalho regular.

3.4. A conjugação do trabalho com a escola: significados diferentes

Dos anos oitenta para cá, tem havido uma democratização do acesso à escola⁹⁹, com significativa incorporação de uma população “cada vez mais pobre”. (Madeira: 1993). Se, anteriormente, o acesso à escola não era muito amplo, principalmente para as gerações de seus pais que não puderam frequentar anos de estudo, agora se torna facilitado, o que faz com que cresçam aspirações tanto da família quanto do jovem com relação à aquisição de diplomas que facilitem o projeto conjunto de melhoria de vida, em virtude das maiores possibilidades de ingresso em um trabalho regular.

De um modo geral, por razões diversas, os jovens acham importante a sua permanência na escola, tendo havido um aumento do número daqueles que se matriculam no ensino fundamental e chegam até o final desse curso¹⁰⁰, muitas vezes conjugando a escola com o trabalho.

Nesse aspecto, é necessário pensar a realidade do jovem, que conjuga escola e trabalho, como um processo em que o momento presente desfrutado não apaga as preocupações com o futuro em construção. Há movimentos que se negam ou se afirmam. A preocupação com o futuro faz com que estudem e trabalhem no presente; todavia, a juventude é uma fase bastante valorizada por estar relacionada à diversão. Portanto, é preciso aproveitar agora,

⁹⁹ A democratização vem sendo dada principalmente “pela expansão dos cursos noturnos (públicos e privados)”, ganhando acesso de contingentes cada vez mais desprivilegiados.

¹⁰⁰ A matrícula no curso fundamental praticamente se universalizou, com 97% da população de 7 a 14 anos frequentando a escola. Em 1998, 63% dos jovens terminaram os oito anos do ensino fundamental. Fonte: REVISTA VEJA. Ano 33, n.52 (27/12/2000), Castro, C.M. “A educação é o combustível do crescimento no Brasil” .p.199.

pois, como dizem, suas responsabilidades são menores que as dos adultos. Quando falam que é preciso aproveitar agora porque, como dizem alguns, “o adulto tem a obrigação de trabalhar e o jovem não”, não estão pensando na construção do futuro a partir do presente. Há, portanto, afirmação e negação, ao mesmo tempo, da importância de garantirem o futuro com o trabalho e a escola. Nesse sentido, não há uma trajetória linear e progressiva. A realidade é um processo contraditório. (Evelyn: 1988).

Os jovens trabalham e estudam. As duas coisas são importantes, mas não são vividas sem tensões e contradições. Não se trata de uma simples escolha entre trabalhar ou estudar, ou da opção por uma das duas atividades. Em ambas, por razões diversas, há momentos de libertação, de autonomia e crescimento pessoal e momentos de degradação, de desgosto, de desgaste físico e mental. As contradições se aguçam, especialmente para os jovens de baixa renda que ainda precisam contribuir com a família e, nesse sentido, não podem pensar em uma solução individual mas devem considerar todo o grupo.

Os jovens ainda vivenciam suas experiências de trabalho e escolar como um processo inacabado, em constituição, com vistas a maiores satisfações no futuro, o que significa que pensam em conseguir um trabalho melhor após a conclusão de um curso técnico, ou após a faculdade, talvez quando não forem mais tão jovens. Agora podem “aproveitar”, como dizem, pois as maiores responsabilidades estão a cargo dos adultos. Mas é preciso não esquecer do futuro e trabalhar e/ou¹⁰¹ estudar agora para também melhor ocupar o tempo.

Nas representações que fazem sobre a escola, há a disseminação de uma idéia corrente relacionada à sua importância. Avaliações imprecisas, “a escola é tudo”, mostram também a falta de clareza do próprio jovem com relação ao que, de fato, considera significativo na escola. As referências às matérias são também dispersas, *a gente aprende um monte de coisa*, diz um deles.

Na maior parte das vezes, a escola está relacionada ao trabalho, vista como instrumento que possibilita o acesso ao mercado, em virtude da conquista do diploma de segundo grau, que

¹⁰¹ Há jovens entrevistados que ainda não começaram a trabalhar e outros que estão na categoria dos inativos.

tantas vezes é exigido. Assim, não basta ter terminado o ensino fundamental para conseguir um emprego, nas condições de trabalho regular. *No meu caso, a escola não tem importância porque a oitava série é como se eu não tivesse nada, então não está tendo importância pra mim não*, diz Chiquinho, que tem 22 anos, está na oitava série e procura um emprego com registro em carteira. Para ele, a ausência do ensino médio em seu *currículo* é um fator limitador para a conquista de um bom emprego. Dessa forma, o ensino fundamental assume então um caráter negativo. *A oitava série é como se eu não tivesse nada*, diz. O que fica marcado é a ausência do diploma do segundo grau que limita a conquista de emprego. O ensino fundamental é a prova dessa ausência. É a presença denunciadora da ausência que o limita. Nesse sentido, ele é desvalorizado.

A relação instrumental com a escola e a importância do ensino médio nesse processo, aparecem nas falas dos jovens, em especial daqueles que estão desempregados e, principalmente dos casados, meninos e meninas. *Eu voltei a estudar porque tem de terminar, e é mais fácil pra procurar emprego*, diz Emerson, 20 anos, casado, que cursa o segundo ano do ensino médio. A escola tem uma importância claramente instrumental. Estudar é uma questão de necessidade. A ausência da escolarização tem sido sentida por esse jovem e está presente em suas representações enquanto necessidade de sobrevivência sua e de sua família. Não ter o segundo grau significa não poder se apresentar ao mercado de trabalho, especialmente para os trabalhos regulares que ele tanta procura.

Antes eu achava que a escola não tinha significado. Agora tem bastante. Estudo, pra tudo: pra você ter um bom emprego, pra você ser uma pessoa instruída, avalia Elizete, 21 anos, que fez até a oitava série, tem um filho e não está trabalhando. A jovem não gostava de ir para a escola, não gostava de estudar, mas, principalmente agora que tem um filho, sabe que quando começar a procurar um emprego vai encontrar dificuldades se não tiver terminado o segundo grau. Mesmo não gostando de estudar, a volta à escola, ainda um projeto, está amparada pela necessidade de trabalhar.

A família também cumpre importante papel no que se refere ao incentivo dado aos filhos para que estudem. Além de valorizar os estudos, os pais dos jovens, trabalhadores,

acompanham as novas exigências de maiores níveis para o acesso a diversos empregos colocadas pelo mercado de trabalho. Assim, tanto quanto possível, a família incentiva o jovem a permanecer na escola, principalmente até o término do segundo grau, e isto implica sacrifícios por parte de todo o grupo: *Os meus pais querem que eu termine o terceiro colegial primeiro antes de trabalhar*, diz Thaiane que tem 17 anos, é casada e está no segundo grau, não trabalha.

Thaiane tem um filho e mora com o marido na casa dos pais. A valorização dos estudos por parte da família, a importância atribuída à conclusão do segundo grau, faz com que todo o grupo seja mobilizado para poder suprir as necessidades de sobrevivência da família, incluindo os gastos com o bebê. Mas, logo a jovem vai precisar ajudar em casa. Thaiane gostaria de trabalhar apenas quando tivesse terminado o curso de veterinária, que deseja fazer. No entanto, assim que terminar o período dos quatro meses reservados à amamentação, vai precisar trabalhar, também por incentivo e necessidade de sobrevivência da família.

De uma forma geral, o ensino médio é valorizado por “qualificar” o jovem para o mercado. Colocá-lo em condições de competir pelas vagas oferecidas no mercado. Nesse aspecto, é menos o conteúdo das matérias do que o diploma de conclusão do curso que se relaciona ao trabalho. O que aprendem na escola não aparece enquanto pré-requisito para o bom desempenho de atividades no trabalho, e para grande parte dos jovens, tampouco faz sentido em si mesmo. Na maioria das vezes, o saber aprendido no primeiro e segundo graus não tem relação fundamental com o trabalho¹⁰². Apenas uma jovem fez referência ao curso de matemática aprendido na escola como sendo importante para o emprego de contabilidade que estava procurando.

Para os jovens, o conteúdo das matérias curriculares está ligado à sua utilidade: aprender a ler, escrever e fazer conta, dizem. As matérias, os saberes aprendidos na escola são

¹⁰² “Esses jovens que ligam escola e profissão sem referência ao saber têm uma relação mágica com a escola e a profissão. Além disso, sua relação cotidiana com a escola é particularmente frágil na medida em que aquilo que se tenta ensinar-lhes na escola não faz sentido em si mesmo mas somente para um futuro distante.”(Charlot : 1996: 56).

destacados, quando mostram possuir afinidade por determinada disciplina, quase sempre associada à figura do professor de que mais gostam, em função da clareza da aula, pelo fato de “explicar bem a matéria”, ser amigo dos alunos ou ser rígido.

A importância de aprender as matérias escolares e o significado desses conhecimentos para os jovens aparece de forma difusa e imprecisa. É como espaço de relações interpessoais, de encontros e amizades que a escola é positivamente valorizada. *A amizade assim você só pega na escola*, diz um jovem. Outro rapaz, ao falar que não gostava de sua escola relacionou o fato à falta de amigos - *eu não gosto da escola porque eu não fiz muitas amizades*. Na escola, os jovens estabelecem laços de amizade, compartilhando interesses e experiências comuns de vida, como a necessidade e/ou vontade de trabalhar, ou mesmo as vivências do trabalho, suas dificuldades e alegrias.

É importante ressaltar que a maior parte desses jovens estuda em colégios noturnos¹⁰³ e, quando chegam para a aula, muitas vezes já estão cansados depois de terem enfrentado um dia de trabalho. Outros, ainda que não trabalhem durante o dia, escolhem estudar à noite, alegando que terão mais tempo para procurar trabalho. Quando chegam à escola, logo procuram pelos amigos para conversar, distraíndo-se, paquerando, após um dia muitas vezes cansativo de trabalho ou de procura de emprego. *O que eu gosto de fazer na escola com certeza é o intervalo. Lá você escuta música, você dança, se diverte, se você está chateado com algum professor, você esquece. A música fica no pátio*, conta Mônica, 17 anos, casada, estudante do primeiro ano do ensino médio. Assim como ela, os outros jovens associam o intervalo como o melhor momento passado dentro da escola, pois é nesse momento que aproveitam para circular, tornando o local o “seu pedaço” (Magnani: 1998).

¹⁰³ Os alunos que trabalham ou que estão dispostos a trabalhar matriculam-se no ensino noturno. Este tem um papel decisivo no processo de democratização escolar, destacando-se os graus do antigo ginásio e o segundo grau. Em São Paulo, 60% dos alunos que freqüentam o antigo ginásio, em cursos noturnos, provêm de famílias com renda superior a dois salários mínimos, e quase 50% dos alunos são de famílias cuja renda é superior a cinco salários mínimos. Dessa forma, os alunos que trabalham e estudam não são de famílias extremamente pobres (Madeira:1993). Dos alunos do segundo grau noturno, em 1987, 70% eram de famílias cujas rendas eram superiores a cinco salários mínimos.

Nos intervalos entre uma aula e outra, nos horários de entrada e saída, os jovens recriam e re-significam o espaço e o tempo da escola, que, de aprendizado e convívio, passa a ser apenas um espaço e um tempo para os encontros e as amizades. Esse espaço de encontro (Marques: 1997) tem um significado diferente daquele estabelecido no ambiente familiar e no trabalho.

Mas a escola não é vista apenas como um espaço vazio que permite a entrada das pessoas e o seu encontro. A escola é valorizada também enquanto instituição pautada por regras, disciplina, que faz com que as pessoas aprendam a conviver umas com as outras, aprendendo a ser responsáveis pelos seus atos, respeitando-se mutuamente. Esse aprendizado e o seu significado é mais claramente exposto pelos jovens do que quando falam sobre o que aprendem dentro das salas de aula, nas aulas expositivas.

Você na escola já começa a aprender a ter responsabilidade, respeito (Isaque, 19 anos, solteiro, tem o segundo grau).

Na escola, a gente aprende a questão da disciplina. Uma criança tem de estar dentro da escola porque ela começa a ter disciplina (Denis, 17 anos, solteiro, tem o segundo grau).

Na escola você aprende basicamente a sobrevivência. Você vai ter um acesso diário a pessoas totalmente diferentes, convívio totalmente diferente do seu, que mora em outro bairro, tem outra dificuldade em casa, então você aprende basicamente a sobreviver (Cíntia, 19 anos, solteira, tem o segundo grau.)

A escola é importante porque te ensina a ser um cidadão crítico e também essa coisa de convivência com pessoas de várias classes sociais (Everton, 16 anos, solteiro, está no primeiro ano do ensino médio). Esse jovem mora em Carapicuíba, Cohab 5 e estuda na Escola de Aplicação da USP. A relação que estabelece com sua escola é diferente da estabelecida pela maioria dos jovens entrevistados.

Everton é vice presidente do grêmio estudantil, além de participar de outras atividades esportivas em sua escola. Para ele, a importância da escola está em sua capacidade de *preparar um cidadão crítico, que saiba expor suas idéias e não faça aquelas mínimas coisas de só receber ordens*. Rapaz bastante articulado, ao falar da escola traz o caráter de reflexividade do ato de aprender. Espontaneamente, mostra que, para ele, a escola carrega a função de auxiliar o indivíduo a pensar o mundo à sua volta, por meio das disciplinas curriculares, mas não somente. Também mediante um conjunto de fatores que fazem com que professores e alunos utilizem o espaço da escola da maneira mais adequada, no intuito de fazer crescer um aluno crítico, dentro da relação ensino-aprendizagem.

A visão desse jovem sobre a escola é marcada por uma postura mais crítica, facilitada pelas discussões que são mantidas em sala de aula, entre os professores e alunos, pela vivência escolar enriquecida por atividades extras, como palestras - *as pessoas vêm aqui dar palestra* - sua participação política na escola, isso somado ao seu interesse pessoal, enquanto aluno, de participar das atividades propostas.

Mas, para grande parte dos jovens, a realidade escolar, marcada pela falta de infraestrutura¹⁰⁴, falta de professores, de boa didática de ensino, de materiais escolares - *não tem livro na biblioteca e a quadra está toda estragada* - somadas à presença da violência,¹⁰⁵ nos portões das escolas e nas salas de aula - *tinha até caso de agressão na escola, crianças da tarde de até 12 anos agredindo professor à noite* - ameaça-os enquanto alunos, no sentido de afastá-los, tornando-os desinteressados pela escola, que vai perdendo o espaço de significação na vida dos jovens, fazendo com que estabeleçam uma relação com ela de intermitência constante ou de abandono (Sposito: 1994).

¹⁰⁴ Analisando a rede de primeiro e segundo graus, observa-se que o crescimento quantitativo não se fez acompanhar por um investimento na modernização e qualidade do ensino. Há ausência de manutenção dos prédios e equipamentos e falta de segurança dos mesmos. (Prefeitura de Carapicuíba, maio de 1996).

¹⁰⁵ As manifestações de violência contra a escola, depredações, pichações, ataques com bombas caseiras, também revelam um distanciamento desses jovens dessa instituição. Por meio desses atos, os jovens demonstram sua insatisfação, revelando o pouco sentido que a escola tem em sua vida. Madeira (1993:82) acredita que o conflito dos jovens com a escola, que passa a não conseguir retê-los, é resultado de um processo de “escolarização que reproduz (freqüentemente através de estigmatização) as desigualdades sociais”, resultando também nos elevados índices de repetência e, na maioria dos casos, na não realização das expectativas do aluno e da família da obtenção do diploma, além dessas manifestações de violência contra os prédios escolares.

As matéria curriculares do ensino médio, devido também à falta de preparo ou motivação de muitos professores, no que se refere à capacidade de despertar o interesse do aluno na relação ensino aprendizagem, acabam sendo consideradas como “detalhes” que aprendem, não relacionadas à sua vida. Como diz uma jovem, *a escola ensina os mínimos detalhes, ensinar um português, uma matemática, uma história, que a gente sozinha não vai ter interesse, não vai pegar em casa*. Ou, ainda, são alvos de muitas reclamações por parte dos entrevistados. Os jovens reclamam da didática e do desinteresse de alguns professores pelos alunos. *Não tem nenhum trabalho com os jovens aqui*, revela uma delas, que também reclama da violência nas escolas.

A violência nas escolas denuncia a ausência de disciplina, de solidariedade, de respeito mútuo no convívio com várias pessoas diferentes, fazendo com que o jovem deixe de desenvolver esse “aprendizado” e, na medida em que isso era uma das coisas que mais valorizavam, sua ausência contribui para distanciá-los da escola: *Aqui nenhuma escola presta porque só tem maloqueiro, fazem muita bagunça, não respeitam o professor, os professores vão dar aula com medo*, revela uma jovem.

A escola também é vista como sendo responsável por permitir um “aprendizado ruim” dos alunos - *Na escola você aprende as matérias, os estudos, que você não aprende em casa, se bem que na escola também está aprendendo a violência, que não deveria aprender*, critica uma jovem. A instituição escolar, sendo responsável pelos alunos, no período em que estão lá dentro, não conseguindo evitar as manifestações de violência, torna-se a responsável por ela existir, como se a estivesse ensinando. Como tudo que acontece dentro da escola é de responsabilidade dela, e como a função da escola é ensinar as matérias aos alunos, como diz a jovem, a violência estando dentro da escola, passa a ser também uma matéria de aprendizado.

Outros jovens demonstram sua insatisfação com a questão da indisciplina nas escolas. A responsabilidade agora parece cair sobre o aluno, em um primeiro momento. Nesse sentido,

o jovem que xinga o professor em sala de aula, não aprendeu a respeitar as pessoas, tarefa que deveria ter sido empreendida pelos seus pais, antes que ele fosse para a escola. Todavia, em um segundo momento, cabe à escola, segundo suas falas, a responsabilidade pelos outros alunos que estão presenciando o desrespeito e aprendendo a desrespeitar.

Como diz uma jovem, *tem coisa que você aprende na escola que também dá pra aprender na rua. Coisas como você aprender a conviver com pessoas diferentes, que você começa a aprender na escola. E coisas ruins, como pessoas que têm maus hábitos de ficar xingando o professor na escola* (Leila, 19 anos, solteira, tem o segundo grau, é auxiliar de compras em um hospital). O desrespeito é aprendido tanto na escola quanto na rua. Nessa representação, os dois espaços, rua e escola, são aproximados no que se refere à presença da desordem, da desestrutura, da violência. Os conteúdos do mundo da rua, do espaço público, invadem¹⁰⁶ a escola, que é um espaço visto como privado, no que se refere à proteção do indivíduo.

Hoje é difícil de falar da escola, diz outro jovem. O aluno falta meio ano e ainda passa. Traficante vai na porta da escola vender drogas. Tem traficante estudando lá. Então não tem muita coisa boa pra falar da escola. Eu também não gosto muito de ir pra escola por causa que é uma canseira. Eu falto sempre à primeira aula, porque começa às sete e eu saio às sete do serviço. (Fernando, 20 anos, solteiro, está no segundo ano do ensino médio, trabalha no setor de selagem de cartas do correio).

As drogas hoje surgem muito associadas à juventude, principalmente à juventude mais avançada na idade e menos ligada à adolescência. As drogas “continuam a ser um dos ‘pânicos morais’ ligados à juventude” (Pais: 1996).

Como desenvolve Buzzi (1997: 179), a população jovem sempre se caracterizou por ser mais propensa à transgressão em relação às normas legais da sociedade, mas tem aumentado nos últimos anos o distanciamento entre as gerações. Progressivamente, os

¹⁰⁶ Arendt (1981) trabalha com essa questão da invasão do mundo público no espaço privado, ameaçando a sua existência.

jovens estão se distanciando dos valores tradicionais. Isso é demonstrado também “nas atitudes e nos comportamentos quanto ao uso de substâncias psicotrópicas que estão se difundindo”, fazendo com que surjam novos modelos culturais.

Essa situação provoca, muitas vezes, o desinteresse do aluno pela escola. Isso reflete-se na constante intermitência, na evasão escolar¹⁰⁷ e na repetência¹⁰⁸. Outro fator que corrobora para essa situação está relacionado ao distanciamento das mensagens e propostas escolares em relação à realidade do aluno, de suas necessidades vitais, a falta de compreensão pelo aluno do conteúdo declarado do ensino ou sua reinterpretação e conseqüente descaracterização (Martins: 1972): *“Eu não sei o que só a escola ensina, eu acho que hoje em dia a vida ensina tudo, a não ser aqueles mínimos detalhes”* (Mônica, 17 anos, casada, está no primeiro ano do ensino médio).

Para os jovens, que vivenciam nas escolas experiências de precariedade de todo o tipo, não é tão claro estabelecer o que aprendem de fundamental, e qual a importância do estudo para sua vida. Por volta dos catorze anos, momento em que ainda não terminaram o ensino fundamental, grande parte dos jovens já é lançada ao mercado de trabalho e vê cada vez mais a importância de se escolarizarem para terem poder de barganha diante dos empregadores. Segundo seus depoimentos, parece ser essa a função fundamental da escola: prepará-los para o trabalho. No entanto, grande parte deles começa ou mesmo continua, depois de sair da adolescência, em empregos irregulares e mal remunerados, fazendo com que o esforço de estudar, de permanecer nas escolas, não traga sua contrapartida, o trabalho regular, que é o que todos desejam. Muitos deles, que trabalham de manhã e estudam à noite, não vendo o resultados de seus esforços, estabelecem uma relação de eterna intermitência com a escola.

Para os alunos que permanecem e se submetem a uma ação mais contínua do sistema escolar, a eficácia de sua socialização pela escola é muito reduzida, fora o fato do quase

¹⁰⁷ No município de Carapicuíba a evasão no primeiro e segundo graus, embora esteja diminuindo, ainda é alta, 9,01% e 21,77% respectivamente. (Prefeitura de Carapicuíba, dados registrados em 1994).

¹⁰⁸ Em Carapicuíba, os dados relativos à repetência dos alunos do primeiro e segundo graus, registraram uma queda, mas os índices ainda são considerados altos: 13,96% e 7,04% respectivamente.

insucesso que tem na transmissão do conhecimento para os setores mais carentes da população. (Sposito: 1994).

Dessa forma, a questão desenvolvida por Bourdieu (1999) com relação à importância da escola como formadora de hábitos deve ser questionada quando estamos nos referindo aos jovens pertencentes aos estratos mais baixos da população. Uma vez que esses indivíduos têm uma relação intermitente com a escola e, em muitos casos, pouca duração, essa instituição não é capaz de submetê-los à sua influência e a seus princípios.

Estar na escola, numa relação de constante intermitência, pode passar a ter mais significado quando esse ato se relaciona com o trabalho ou com a possibilidade de trabalho. "O valor da escola está muito mais relacionado ao trabalho e às possibilidades de ascensão ou de melhores níveis salariais que a mesma propicia." (Fausto :1982: 59), principalmente para a obtenção de um emprego fixo. Os jovens entrevistados desejam e sempre estão à procura de um trabalho fixo. A avaliação do trabalho temporário também não é feita sem uma interpretação ambígua, mostrando satisfação por estarem trabalhando e certa angústia causada pela insegurança de saberem que quando o trabalho acabar será necessário procurar outro. Todavia, a dificuldade de conseguir um trabalho fixo, devido também à sua situação de jovem, com pouca experiência e escolaridade, faz com que não se sintam constrangidos pelo exercício do trabalho temporário.

O importante é estarem trabalhando. A princípio, o jovem não carrega a obrigação de prover a família, ainda que o seu salário, muitas vezes, não seja tão irrisório para a sobrevivência do grupo. Acima de tudo, o trabalho, temporário ou fixo, traz-lhes o dinheiro para tornar possível uma certa autonomia e independência dos pais e o desenvolvimento da responsabilidade, vinculada ao seu amadurecimento como indivíduo.

Para quem tem emprego fixo, o trabalho é valorizado pela segurança, pela possibilidade de ascensão, de melhoria de cargo. Para quem está em um emprego temporário, o trabalho também é valorizado, mas como quebra-galho, pela possibilidade de aquisição de experiência, de ocupação "útil" do tempo, de maturidade, responsabilidade. O benefício

moral, relacionado à honestidade, dignidade, responsabilidade - *a pessoa pega responsabilidade trabalhando* - e à honra, que retiram da atividade trabalho, acompanham o cálculo econômico. "O valor do dinheiro é relativizado pelo valor moral do trabalho" (Sarti: 1996). *É como diz o ditado, o trabalho dignifica o homem. O homem é aquilo que ele faz, que ele produz. Se ele não produz nada ele não pode representar muita coisa também*, pondera Everton, de 25 anos, solteiro, técnico de saneamento.

Outro jovem mostra a relativização do dinheiro pela questão da dignidade, avaliando: *em primeiro lugar, eu acho que o trabalho dignifica a pessoa. Em segundo lugar, a pessoa precisa trabalhar pra sobreviver. Sem trabalho não sobrevive*. (Chiquinho, 22 anos, técnico de telecomunicações, jr)

O valor moral do trabalho persiste nas representações, tanto para aqueles que estão trabalhando em empregos fixos, quanto para os que estão contratados para o exercício de uma atividade realizada em tempo parcial, como é o caso de Chiquinho. Hoje, a forma tradicional do trabalho por tempo indeterminado convive com a nova, trabalho por tempo determinado. Essa convivência, no entanto, traz mudanças na forma como o trabalho é representado¹⁰⁹. "O contrato por tempo determinado provoca uma crise nas representações tradicionais do trabalho". Evelyn: (1998: 89). São questionados as práticas de sociabilidade do trabalho, desenvolvidas ao longo dos anos, bem como os princípios e valores que estão por traz das mesmas.

No caso dos jovens, o trabalho temporário é bastante freqüente e comum. Assim, os jovens não se sentem diminuídos por se ocuparem em trabalhos com esse perfil de contratação, apesar de almejam o trabalho por tempo indeterminado. As duas formas de trabalho estão relacionadas à dignidade em oposição à malandragem, ainda que, segundo eles, o trabalho

¹⁰⁹ Bouvier (1989) apud Evelyn (1998) desenvolve a idéia de que há diferença entre os indivíduos que possuem contrato de trabalho por tempo indeterminado e aqueles que estão trabalhando em empregos "pontuais, cíclicos ou sazonais". Essas distinções são expressas em suas representações sobre o trabalho. Para que possamos apreendê-las, é necessário privilegiarmos "as relações simbólicas, os rituais profissionais e o que chama de 'sociabilidades produtivas'"(p.87). Para apreensão dos rituais cotidianos relativos ao trabalho, é preciso buscar o que está escondido, "o não dito".

fixo seja preferível, na maior parte das vezes, fazendo com que muitos se matriculem nas escolas objetivando essa contratação.

Todavia, a conjugação das duas atividades não ocorre de forma tranqüila. Às vezes, o trabalho atrapalha os estudos, ou vice-versa. A escolha por um ou outro depende de um balanço feito pelo jovem, geralmente com a presença da família, do que se revela para ele como o mais importante no momento. De qualquer forma, o projeto de retomar os estudos ou de fazer um curso superior ou técnico em um outro momento é sempre elaborado pelos jovens que precisaram abandonar os estudos para se dedicarem ao trabalho.

Na medida do possível, o trabalho vai ser conjugado com os estudos e não ser colocado numa relação de exclusão. Com a experiência da exigência de qualificação colocada pelo mercado, há um esforço, dos jovens e de suas famílias, para que estudem, pelo menos até o segundo grau. Estudos realizados por Pais (1991) e dados do CNPD mostram a existência de um enorme esforço da família para manter os filhos estudando, aprendendo saberes e técnicas. Nos casos observados nesta pesquisa, não foi diferente. A família, em especial a mãe, incentiva o jovem a estudar. Trabalhar não significa abandonar os estudos, segundo os jovens entrevistados, que disseram que a família prefere vê-los na escola a ter de deixá-la em virtude do trabalho.

Para um grupo de jovens, os estudos são mais importantes do que o trabalho. A formação escolar é preocupação principal, tem um valor em si, além da vinculação com o trabalho. Mas é o trabalho que permite que esses jovens preservem sua condição de estudante. Nesse sentido, a relação é tensa e ambígua.

Para esses jovens, o trabalho é indispensável. É uma necessidade. É a possibilidade de realização de projetos profissionais futuros e a garantia de sobrevivência presente. Não há como pensar em abandonar o trabalho, muitos têm registro em carteira, também porque não está fácil conseguir um emprego hoje, dizem. Estão, portanto, vinculados ao trabalho pela necessidade, divorciada, muitas vezes, do interesse pelo trabalho em si. Como elabora Foracchi (1965), “quando o trabalho acentua o divórcio existente entre interesse e

necessidades, por não poder ser abandonado, é vinculador e cria um clima de tensão” (p. 47). Nesse caso, os jovens estão vinculados não estritamente ao trabalho, muitas vezes precário e insatisfatório, mas às condições mais amplas, à necessidade de estudar, de se manter e manter a família, que o convertem em uma necessidade.

Embora alguns jovens já tenham terminado o segundo grau, ainda continuam sendo estudantes em potencial, pois trabalhando e com o salário que recebem, têm pretensões de iniciar um curso superior. Alguns já prestaram vestibular e não tiveram sucesso. Desses, uns vão continuar tentando e outros vão fazer cursos técnicos em atividades que lhes tragam prazer, não necessariamente relacionadas ao trabalho que executam. Mesmo que agora só estejam trabalhando, o trabalho tem uma função clara de, em um futuro próximo, possibilitar a realização do sonho da universidade, da formação na profissão desejada.

Nesse caso, o trabalho faz sentido em si mesmo, sem vínculo principal, no momento, com a renda para custear os estudos, já que ainda não estão cursando uma faculdade. O salário também auxilia a família. Nesse sentido, o trabalho é atividade completa, segundo representações, tanto no que se refere à experiência, quanto ao aprendizado e desenvolvimento pessoal que a atividade proporciona.

O que diferencia estudantes em potencial, que trabalham com vistas à entrada em uma universidade, dos outros jovens estudantes que trabalham, é que os segundos não vivem a situação de trabalho na sua totalidade. Não se encontram totalmente tomados pelos efeitos do trabalho, pela situação no trabalho, porque a vivenciam como estudantes. Ora trabalham meio período e qualquer trabalho serve, o trabalho nesses casos sendo quase sempre irregular, ora trabalham no que gostam, ganhando melhor, mas ainda são estudantes trabalhando para poderem viver sua condição particular de estudantes.

Os outros jovens, estudantes em potencial, têm perspectivas de admissão e conclusão de um curso universitário. São jovens que, na maioria das vezes, têm o apoio familiar. Alguns trabalham também para auxiliar a sobrevivência da família, mas têm expectativas de

conseguir pagar uma faculdade, por meio do salário atual ou de um emprego melhor, como o trabalho autônomo.

Eu trabalho pra poder fazer a faculdade de artes cênicas. Com certeza você sabe que fora da USP é muito caro o curso e minha família não tem condições de estar pagando o curso. Com certeza estudar é mais importante pra ter um trabalho melhor. Eu gosto mais de estudar. (Izaque, 19 anos, solteiro, tem o segundo grau completo, é operador de triagem no correio).

O desejo de Izaque de fazer faculdade de Artes Cênicas, de trabalhar com esse intento, é aprovado pela família, também pelo fato de, ao arcar com suas despesas pessoais, estar contribuindo, mesmo que ajudando pouco em casa, pois se não trabalhasse elas seriam feitas pela família. Fazer o curso não significa abandonar o trabalho. O trabalho será indispensável para a realização do curso. Há também certa tranquilidade por parte de jovem e de sua família em virtude dele ser concursado, uma vez que há menores chances de ficar desempregado.

Em sua visão, o trabalho atual possibilita o seu trabalho futuro. Com o primeiro, ele tem uma relação instrumental, enquanto que o segundo significa a realização pessoal. No primeiro trabalho, seu emprego atual, está presente o possível, a realização do curso de artes cênicas. Nesse sentido, a realização de seu sonho está presente no emprego atual, que o viabiliza, mas realiza-se ainda enquanto sonho possível, na espera.

Eu acho o estudo mais importante pra você um dia ter um trabalho decente. O trabalho me atrapalha um pouco porque a gente não tem muito tempo pra estudar, apesar que eu gosto de estar fazendo as duas coisas. No meu trabalho eu pretendo ter algo melhor, fazer uma profissão lá pra depois, com um nível de emprego melhor, um salário de nível maior, eu poder fazer a faculdade de arquitetura ou comunicação. (Leila, 19 anos, tem o segundo grau completo, é auxiliar de compras em um hospital).

Para o jovem estudante que trabalha, o trabalho apresenta-se positivo em um primeiro momento, pois é fator de emancipação, na medida em que imprime maior autonomia ao comportamento dele em relação à família, desfazendo os vínculos de manutenção com esse grupo. (Foracchi: 1965). Passada essa etapa, estando o jovem na condição de estudante, a característica de emancipação trazida pelo trabalho passa a ser redefinida e reavaliada e os aspectos negativos são acentuados. O trabalho pode atrapalhar os estudos *porque a gente não tem muito tempo pra estudar*, principalmente quando a atividade de trabalho não está relacionada ao curso que o jovem está fazendo. Nesse aspecto, o trabalho é positivo para o jovem, pois é recurso de autonomia, mas é, por outro lado, fator de dependência para o estudante. (Foracchi: 1965).

Os jovens estudantes que trabalham para pagar seus estudos emancipam-se da dependência econômica da família, mas dependem da remuneração para poder estudar. A aprendizagem na escola e o emprego só podem ser parciais, tanto no que se refere à experiência obtida, quanto ao aproveitamento, num ou noutro setor, pois um é condição do outro, uma vez que ambos, em si mesmos, são parciais e incompletos. (idem). A experiência escolar da jovem é incompleta, na medida em que não pode ser vivida na sua integridade, pois há falta de tempo para a dedicação aos estudos. Essa experiência é que dá sentido ao futuro que deseja, segundo dois aspectos: melhorar de cargo onde trabalha e, com mais dinheiro, conseguir pagar a faculdade para poder trabalhar na profissão escolhida. É importante ressaltar que o seu emprego é tanto suporte para os seus sonhos, quanto para a sua sobrevivência e de seu pai, como foi verificado em outro capítulo deste trabalho.

Eu acho mais importante estudar. Eu prefiro estudar pra quando eu for trabalhar, que seja numa coisa que eu queira. Se não precisasse eu não trabalharia porque eu acho que eu desperdiço muito tempo trabalhando assim. Está certo que eu trabalho no que eu gosto, mas se eu não trabalhasse eu ia me aperfeiçoar muito mais no que eu gosto. Agora eu trabalho porque eu quero me aperfeiçoar também, porque eu já estou trabalhando na minha área e porque eu preciso pagar a minha faculdade senão eu não ia trabalhar não. Eu ia me aperfeiçoar mais, estudar mais. (José Willian, 19 anos, solteiro, faz arquitetura, trabalha com edificações).

Quando o trabalho se firma como pura necessidade, aparece como complemento e até obstáculo à realização pessoal, “*desperdiço muito tempo trabalhando assim*”, passando a ser representado com conotações mais negativas do que positivas. O estudante que trabalha, fragmenta-se na sua condição de estudante. (Foracchi: 1965). Precisa desempenhar o duplo papel, com pouco tempo para dedicar-se à sua posição de estudante, que é a que mais tem sentido para o jovem.

Todavia, o fato de Willian trabalhar em sua área faz com que o trabalho não atrapalhe o seu desenvolvimento como estudante. Para o jovem que trabalha para poder estudar, o trabalho que atrapalha os estudos, é atividade desintegradora, pois se dissocia das preocupações imediatas do estudante que precisa trabalhar para pagar os estudos e deixa de se dedicar ao aprendizado na escola no tempo em que está trabalhando. Mas, no caso de Willian, a experiência no e do trabalho tem sentido para o curso que realiza, pois são atividades relacionadas em seu conteúdo. O que ele aprende na faculdade pode auxiliá-lo no trabalho e vice-versa.

Em sua concepção, o trabalho aparece viabilizando os estudos duplamente: primeiro, pela possibilidade de, pela renda, poder pagar sua faculdade. Em um segundo momento, o conteúdo de seu trabalho não é estranho aos objetivos e às realidades de seu curso de arquitetura. Nesse sentido, o jovem pode aperfeiçoar-se nas duas atividades, pois aparecem interligadas e dizem respeito ao que o jovem gosta de fazer.

Gostar de determinado curso é um fator bastante importante para que os jovens sejam encorajados a empreender esforços no sentido de buscar a realização em uma profissão escolhida. Os jovens entrevistados não escolhem um curso universitário por pressão familiar, mas por vontade de realizá-lo, por acreditar que têm vocação para a profissão que escolheram ou por considerar determinado curso interessante.

Se eu tivesse condição de pagar um curso, diz outra jovem, ia preferir só estudar, mas como não tenho, no momento é melhor trabalhar. Eu estava querendo fazer faculdade,

psicologia, mas eu tentei passar na USP e não consegui. Aí eu estava pensando que se eu não conseguir fazer faculdade, eu vou querer fazer um curso técnico de enfermagem ou fotografia, que é uma área de que eu gosto.” (Aline, 21 anos, tem o segundo grau completo, solteira, operadora de telemarketing.)

O jovem que faz um curso universitário tem também um certo prestígio diante da família, dos amigos e da vizinhança, passando a se distinguir dos outros jovens trabalhadores. Uma distinção que não é apenas econômica - pelo fato de ter a possibilidade de ser melhor remunerado do que os que não estão cursando uma faculdade - , mas também simbólica, referindo-se à adoção de signos distintivos, os quais obedecem a uma lógica semelhante a da honra por conferir uma marca comum aos membros do grupo, distinguindo-os dos que são estranhos a ele, no caso, ser ou não profissional. A escola não é apenas o local onde aprendemos os saberes e as técnicas, mas é também “uma instituição que confere títulos” e aspirações (Bourdieu: 1968).

A aspiração e opção do jovem por determinado curso tem o apoio familiar também por ser quase sempre “um sonho” ou um projeto futuro, um pouco distante das possibilidades atuais e, dessa forma, a família acaba não interferindo na escolha, nas suas aspirações, apenas apoiando-o a continuar os estudos até o máximo que o filho puder alcançar, por valorizá-lo.

Mas as aspirações, muitas vezes, não se coadunam com as perspectivas. Quando isso acontece, é porque nelas se engendra o primeiro momento do projeto: a intenção. Sob esse aspecto, existe na intenção alguma coisa mais do que aspiração; há disposição incipiente, porém firme, para agir. (Foracchi: 1965). Às vezes, um (a) jovem deseja seguir uma profissão que, a princípio, está distante das possibilidades reais de concretização. A profissão escolhida é colocada como intenção firme com o propósito de que venha a ser realizada. É um projeto futuro, dentro das aspirações do indivíduo. Nesse projeto também está colocada, como segunda opção, a alternativa de um curso técnico, também escolhido segundo a preferência pessoal.

Estudar e trabalhar para pagar os estudos, além de auxiliar a família, visando uma universidade, um curso futuro, são ações que fazem mediação com a intenção. O que, para alguns jovens, pode ser vaga aspiração, para outros, é proposta firme de transformação da aspiração em prática, que ultrapassa ou tenta ultrapassar os obstáculos que se interpõem na realização do projeto, como a situação de classe, por meio da disposição da conjugação do trabalho com os estudos, com a finalidade definida em torno do curso escolhido.

Nesses casos, muitas vezes não há muitas expectativas com relação à satisfação no trabalho. Qualquer trabalho serve porque o importante é o futuro, a conquista de uma vaga na universidade. Importante destacar que, para essa atitude em relação ao trabalho, colaboram o exercício de atividades irregulares, envolvendo um conjunto de questões como o baixo salário e a precariedade das condições de trabalho, que acabam desmotivando o trabalhador.

Eu já trabalhei na pizzaria e vendendo jazigos. Eu não tive preferência não. Com o dinheiro eu gastava aqui dentro de casa e às vezes comprava alguma coisa pra mim também. O que eu quero mesmo é ser advogado. A escola pra mim é mais importante. Lá você está aprendendo e dá pra você fazer suas coisas, sua faculdade, e sem isso você não faz nada. Sem estudo você não consegue trabalho. (Veronilson, 18 anos, solteiro, está no segundo colegial, desempregado).

O trabalho que só visa a remuneração se fragmenta, qualquer trabalho é trabalho e é trocado dependendo da remuneração. São vários os empregos desconexos e parciais, da pizzaria ao trabalho com vendas de jazigos, os quais estão unidos unicamente pela remuneração que proporcionam. O trabalho possibilita os estudos, atividade mais importante, a carreira, ser advogado, além da conquista da independência, da autonomia parcial da família e de sua manutenção. Desligado de seu objetivo, o trabalho transforma-se na atividade alienada de seu próprio sentido, na ação sem intenção. (Foracchi: 1965).

Esse jovem, experimentando a precariedade das condições de trabalho, a partir de suas experiências, desenvolve uma relação instrumental com o mesmo, visualizando apenas a

renda auferida, qualquer trabalho, porque não está em jogo o seu conteúdo, mas o dinheiro conseguido para auxiliar a família e propiciar os seus gastos pessoais. O estudo é mais importante porque viabiliza seu sonho, ser advogado, e permite-lhe conseguir um emprego, já que *sem estudo você não consegue trabalho*, leia-se bom trabalho.

Eu acho mais importante estudar, diz outro jovem. *Se eu pudesse escolher, queria estudar, porque atualmente a melhor coisa é você estudar bastante pra depois ter um negócio legal pra você. Mas como a situação atual exige que você trabalhe, então, não tem jeito. Mas eu pretendo fazer faculdade de letras. Eu tentei passar este ano na FUVEST, só que não deu. O ano que vem eu vou prestar de novo.* (Denis, 17 anos, solteiro, tem o segundo grau, assistente administrativo).

Dênis sonha com um trabalho autônomo: *eu pretendo ter um trabalho que eu desenvolva, dependendo de conseguir fazer a faculdade de letras, aí fazendo a faculdade pretendo desenvolver um trabalho próprio. Hoje em dia, ainda mais os patrões estão muito exigentes, e a gente percebe que eles não estão tendo mais aquele respeito pelos funcionários e isso desgosta a gente. A gente sai pra trabalhar e eles não têm nenhum respeito pela gente e é isso que desgosta o funcionário.*

Mesmo para os jovens que trabalham mas têm maior preocupação com os estudos, com sua formação escolar, em especial para os jovens que no momento não estão estudando, a situação de trabalho não é tão parcial ou superficial como nos pode parecer à primeira vista, pois grande parte do tempo eles precisam trabalhar, estando no emprego mais do que meio período e vivenciando cotidianamente também, como os outros funcionários, todas as contradições e situações opressoras no local de trabalho.

O desejo de Denis de conseguir desenvolver um negócio próprio está vinculado à idéia da negação do trabalho assalariado por este ter como contrapartida a figura do patrão. Nesse caso, o patrão representa, além da restrição à liberdade, a subjugação do funcionário. Denis traz para a discussão o problema dos maus tratos no local de trabalho. O desrespeito com os trabalhadores jovens. As mazelas do trabalho, já discutida em outro capítulo.

Por conta de sua insatisfação no trabalho assalariado, em virtude de sua relação com seu empregador, a possibilidade de auto-realização é remetida ao trabalho autônomo. Nesse caso, não se trata de uma rejeição ao trabalho, mas de uma reivindicação por um trabalho que não lhe retire o direito ao respeito enquanto indivíduo, enquanto trabalhador. O trabalho autônomo representa a garantia desse respeito, negada no trabalho assalariado. Neste, a relação social empregador-empregado aparece como sendo desequilibrada, na medida em que *os patrões estão exigindo muito*, mas não estão, em contrapartida, cumprindo parte do que parece dever estar no acordo, ou seja, respeitando o trabalhador, o que faz com que o jovem desgoste desse trabalho. Ao mesmo tempo, como precisa trabalhar, não pode se dedicar totalmente aos estudos para depois conseguir ter um *negócio legal*. Apesar do seu trabalho lhe proporcionar a sobrevivência, *a situação atual exige que você trabalhe*, lhe impede de viver plenamente sua situação de estudante, sendo necessário planejar a conjugação das duas atividades.

Somente os estudantes¹¹⁰ totalmente mantidos pelos pais, sem a preocupação com o sustento, podem desfrutar de forma completa a sua condição de estudante, sentido-se livres, ao contrário do jovem que precisa trabalhar para auxiliar a família na garantia de seu sustento. Nesse pequeno grupo estão jovens que estudam e ainda não trabalham, mas para a maioria, o trabalho já está em seus planos. São estudantes na faixa dos 16 aos 17 anos. A importância do trabalho para os jovens estudantes está ligada à convivência com pessoas diferentes, ao retorno financeiro e ao aprendizado que uma atividade pode lhes proporcionar. Os estudos, no momento, são mais importantes, estando ligados a um projeto de formação do indivíduo. Nessas representações, *o trabalho que você precisa pra estar se sustentando*, cede espaço para um projeto de realização pessoal por meio da formação universitária, *muita gente trabalha pra sustentar o intelecto, pra continuar estudando*, diz um jovem que pretende percorrer este caminho.

¹¹⁰ Ser estudante é uma condição especial que pressupõe o preparo gradativo para o futuro profissional. É uma condição social voltada para o futuro (Foracchi: 1965).

Esse jovem é um dos poucos que tem a possibilidade de vivenciar plenamente sua juventude, dedicando-se à escola, sem a necessidade de trabalhar (Pais: 1996), por enquanto, o que favorece sua participação nas atividades extra-curriculares, como a militância no grêmio da escola. Outros jovens que apenas estudam, acalentam o sonho da universidade, pretendendo trabalhar quando ingressarem no curso escolhido, para poderem custeá-lo, como planeja Shirley, de 16 anos, que está no segundo ano do ensino médio: *eu quero fazer uma faculdade de dermatologista, eu acho, e trabalhar pra pagar minha faculdade.*

O segundo caso de conjugação da escola com o trabalho, diz respeito a um outro grupo de jovens, trabalhadores que estudam, e compreendem a maioria dos entrevistados. Nesse grupo estão jovens que preferem o trabalho aos estudos e, na maioria das vezes, não terminaram o ensino médio, estudando para conseguir, com o diploma, um trabalho, se estão desempregados, ou um emprego melhor do que o que possuem. Para alguns, a escola é mais cansativa e desinteressante do que o trabalho.

O trabalhador que estuda não tem sua vida totalmente definida em termos de trabalho, porque também é estudante. A escola, os estudos, ocupam um espaço em suas vidas, ainda que seja vinculada à realização no próprio trabalho. Estudam à noite e trabalham de manhã. O que os motiva nessa dupla jornada é o projeto que elaboram de construção de uma carreira, de profissionalização, de crescimento no próprio trabalho, *crescer na empresa, de generalista à supervisora*, relatam Luiz Henrique, 19 anos, auxiliar administrativo, e Lílian, 20 anos, operadora de telemarketing. Sempre visualizam um *trabalho melhor*, conseguido mediante os cursos, e a experiência adquirida. São sempre projetos futuros, em construção.

O significado do trabalho está vinculado à expectativa de ganhar dinheiro, de ascender socialmente. O sentido do trabalho tem uma orientação determinada e identificada com a realidade presente: necessidade de ganhar dinheiro, também visando o futuro, com melhoria de cargo e salário. Nesse caso, o jovem está vinculado mais concretamente ao trabalho que o estudante que trabalha para pagar os estudos, na medida em que pensa em

crescer no trabalho em que está e vivencia, na sua totalidade, sua situação de trabalhador, segundo as representações que elabora.

A expectativa é permanecer na empresa, ganhar melhor, aperfeiçoar-se com cursos técnicos diretamente relacionados com a sua atividade, aprendendo sempre e dominando o trabalho que realiza. O trabalho aparece aqui como fator de auto-realização e o jovem identifica-se com o sistema de valores e regras de competição, socialmente legitimadas pela ordem capitalista, padrões de êxito pessoal e profissional que levam ao constante aperfeiçoamento.

O jovem vincula-se fortemente ao trabalho, que faz sentido claro em sua vida, e às oportunidades de ascensão que propicia. Não é colocada a opção entre fazer um curso ou trabalhar, principalmente quando o jovem já está no ensino médio. Tão logo termine o curso médio, irá procurar se realizar como trabalhador, fazendo cursos que lhe tragam mais preparo para o trabalho, que é valorizado em si mesmo.

Se o curso universitário, a carreira como estudante, não é seu objetivo principal, é a finalidade para o trabalho, o jovem escolhe cursos profissionalizantes, vistos como meios rápidos e eficientes para a melhora de sua situação profissional atual ou futura.

O jovem que prioriza o trabalho, valorizando sua atividade, vai deixando de se comportar como estudante e cada vez mais se assume como trabalhador, competente, conhecedor de sua tarefa, que poucos sabem realizar. Nesse sentido, busca o aperfeiçoamento e o faz por meio de diversos cursos, incluindo os profissionalizantes.

Os jovens que trabalham visando pagar uma faculdade, também procuram subir de cargo no emprego em que estão, uma vez que aos melhores cargos são reservados os melhores salários, o que é bom para poderem pagar os estudos e ajudar mais a família. O que os diferencia é a forma como representam o trabalho, o significado do trabalho em suas vidas: uns colocam a ênfase na própria atividade; outros privilegiam os estudos, o trabalho sendo o apêndice que possibilita a manutenção da condição de estudante. De forma diferente o

estudo é fundamental para ambos. Também o trabalho é importante para os dois grupos de jovens: o dinheiro é essencial nas duas situações, ainda que não com o mesmo fim.

A questão do gênero aparece no caso dos jovens casados. As jovens casadas geralmente têm filho e casaram-se por essa razão. No período da amamentação, elas não trabalham e são sustentadas pela família, pais, e pelo marido, se tiverem. Elas tanto são estudantes que trabalham como trabalhadoras que estudam, dependendo do que tem mais significado para elas, apesar de revelarem grande preocupação com o futuro do filho e, por isso, pensarem em trabalhar logo.

Para os jovens casados do sexo masculino, há menos possibilidades de escolhas. A necessidade de trabalhar para sustentar a mulher faz com que, quando estão empregados, sejam priorizados o trabalho e o projeto de construção de uma carreira. Os estudos, no momento, não são tão importantes ou são menos importantes do que o trabalho. A idéia de fazer um curso superior ou técnico, quando existe, é plano para o futuro, sem previsão e sem relação com uma intenção, um propósito firme que pretenda logo ser concretizado.

Para a maioria dos jovens trabalhadores, trabalho e escola são igualmente importantes; para alguns, os estudos destacam-se mais. Nenhum deles acredita ser mais importante o trabalho. Todavia, o reconhecimento da importância da atividade escolar não se refere à preferência pela mesma. A maioria dos jovens, trabalhadores que estudam, gosta mais de trabalhar. O trabalho faz mais sentido para eles. A escola, ao contrário, não os atrai, a não ser pelo fato de lá estarem os amigos e de reconhecerem que muitos trabalhos estão exigindo graus mais altos de escolaridade. *Escola pra mim é importante só pra levar no meu curriculum um pouco mais de estudo, mas eu prefiro mesmo é trabalhar*, revela Aline, 18 anos, que está desempregada.

Trabalho e escola, às vezes, aparecem tão ligados que fica difícil apreender o significado que cada atividade tem na vida de determinados jovens que trabalham e também estudam. Érica prefere trabalhar a estudar, apesar de não gostar de seu trabalho atual, mas visar, sobretudo, sua independência. Os estudos só têm sentido se estiverem atrelados ao trabalho

e, até um certo momento. Ela não quer fazer faculdade ou curso profissionalizante; antes, prefere conseguir um emprego de que goste e em que fique um bom tempo: um trabalho fixo.

Há casos em que as atividades se confundem ainda mais: uma existe por causa da outra. Investigando com mais cuidado, é possível perceber, a partir das manifestações, qual atividade faz mais sentido e por qual razão:

Eu acho importante tanto trabalhar quanto estudar, mas eu prefiro trabalhar. O trabalho, pra mim, está sendo importante porque com ele estou conseguindo pagar a minha faculdade. A faculdade é essencial pra eu conseguir um emprego. Se não estivesse estudando, eu já não estaria mais lá no meu trabalho, justamente porque teve mudança com a entrada de um grupo estrangeiro, mas não afetou em nada, não mandou ninguém embora, só aumentou o nosso salário. Agora eles exigem que a gente esteja fazendo faculdade ou já tenha. (Patrícia, 23 anos, solteira, faz faculdade de administração na FITO¹¹¹, Osasco, é caixa do Banco Real).

Patrícia trabalha para pagar a faculdade, mas prefere trabalhar, e faz faculdade para poder conseguir um emprego e ser mantida no serviço em que está. Quando perguntada se gostava de trabalhar, respondeu: *tenho de trabalhar*. Trabalho e estudo, nesse caso, são atividades parciais e incompletas, uma depende da outra. Para a jovem, o trabalho não atrapalha os estudos, *um ajuda o outro*, pondera. O sentido de uma atividade é dado pela existência da outra. Todavia, estudo e trabalho confundem-se no que se refere à importância que têm na vida dessa jovem. O trabalho é a atividade que prefere, menos porque goste mais, do que porque necessite, principalmente agora que pretende se casar e também precise pagar a faculdade. Já a faculdade *é essencial hoje em dia*, para ela ter maiores garantias de ficar em seu emprego e conquistar melhores cargos: *está pra sair uma promoção e vou ver no que dá e tocar pra frente*, conclui.

¹¹¹ Paga 310 reais de mensalidade.

Aqueles que saíram da escola pensam em voltar. Os que terminaram o segundo grau pensam em fazer cursos de aperfeiçoamento: computação, inglês ou curso técnico para estarem mais para o mercado de trabalho. Assim como o estudante que trabalha, esses jovens também enfrentam a dupla jornada, não sem dificuldades e tensões.

Everton, 25 anos, solteiro, já fez curso técnico em mecânica - *proveitei que eu estava trabalhando na metalurgia*. Depois que foi demitido e passou no concurso da SABESP, matriculou-se em um curso técnico, em química, *porque o pessoal do trabalho exigiu*. *Infelizmente tem de conciliar as duas coisas, trabalho e estudo*. Everton é um caso de trabalhador que, como sofre muita pressão em seu emprego e vive problemas de relacionamento com seus subordinados, prefere os momentos em que está em seu curso. O emprego na SABESP não é o trabalho de seus sonhos, *mas a gente aprende a gostar*.

Alguns fatores concorrem para que o jovem “aprenda a gostar” do trabalho, tais como: estabilidade no emprego, tempo de serviço, salário, possibilidade de melhoria de cargo dentro do serviço que, quando não tornam o trabalho mais agradável, dificultam a saída do jovem que o executa. Ele continua em seu emprego porque, além do serviço lhe proporcionar retorno financeiro, permitindo que se qualifique mais com curso técnico, não destrói as perspectivas futuras com relação a melhores trabalhos. A situação é vista e aceita como sendo transitória, fazendo com que persistam expectativas de encontrar um emprego que lhe traga mais realizações.

Everton pretende aperfeiçoar-se e procurar outro trabalho: *eu pretendo me qualificar e, se aparecer uma oportunidade melhor, sair. Mas enquanto não me qualificar eu preciso me remunerar pra estar me qualificando*. A qualificação¹¹² está diretamente relacionada à possibilidade de, mais preparado, conseguir um emprego melhor que, provavelmente, exigirá do candidato uma formação também mais elevada. A presença da qualificação possibilita melhores salários. Todavia, para poder se qualificar, o jovem precisa ter dinheiro, que será destinado aos cursos que pretende realizar. Essa situação, dialética e

¹¹² Como desenvolve Evelyn (1988), a qualificação para o trabalho inclui o saber técnico (teórico e prático), o aprendizado da forma, como, num determinado momento, a sociedade está organizando um tipo específico de trabalho. A formação profissional envolve também a adequação do indivíduo à atividade a ser realizada.

tensa, é vivida por muitos jovens. A busca pela qualificação é intensa. A sua falta é sentida, vista como empecilho à ascensão aos melhores empregos. Mas sua presença nunca parece ser suficiente para consegui-los. É necessário sempre estar se qualificando. Mas toda atividade exige um certo grau de qualificação (Arendt: 1981).

Esse termo acaba sendo usado indiscriminadamente, sem que haja muita clareza em sua definição, mesmo porque é difícil precisá-lo diante das transformações que vêm ocorrendo na esfera do trabalho, fazendo com até mesmo o conceito de profissão seja alvo de discussões (Corrachano: 2001). Para os jovens, essas questões são apreendidas de forma tensa, pois, na intenção de conseguirem bons empregos, mobilizam-se, conforme podem, para “estarem se qualificando”, fazendo cursos de computação, inglês, aumentando o nível de escolaridade, conjugando trabalho com escola, sem ter a certeza de que estão preparados ou de que estão se preparando da melhor forma para o que pretendem. Quando empregados, muitos precisam voltar a estudar, para permanecerem no seu trabalho (Souza Martins: 2000).

O trabalhador que estuda, apesar das dificuldades que encontra no enfrentamento da dupla jornada, na maior parte das vezes, não se sente fragmentado na condição de trabalhador, mas cada vez mais completo, mais próximo da profissionalização, da qualificação, do aperfeiçoamento. O trabalho faz com que o curso e a escola tenham importância. O estudo é redefinido, levando em conta o maior interesse que o trabalho representa. O trabalho está mais próximo desses jovens, tem mais significado¹¹³ para suas vidas, pelo retorno que traz: financeiro e pessoal. Todavia, dificilmente abandonam a escola. O que não significa que haja uma integração harmônica entre trabalho e escola. Quando uma atividade passa a atrapalhar a outra, com frequência, “impõe-se uma cisão, com caráter de opção, pois as qualidades do estudo e do trabalho não têm uma medida comum de avaliação” (Foracchi: 1965; 52). A decisão por uma ou outra atividade não exclui a possibilidade de nova conjugação. A situação de abandono, principalmente da escola, quando há necessidade de trabalhar, é vista como transitória, também pela família dos jovens.

¹¹³ É difícil gostar daquilo que não tem significado, daquilo que é estranho. O trabalho vivido dentro de um contexto conhecido aparece como bom, mesmo sabendo de suas limitações e defeitos. (Evelyn: 1988).

Conclusões

Para a análise das representações dos jovens sobre o trabalho, é necessário considerarmos o tempo e o espaço. Passado, presente e futuro estão relacionados enquanto experiência, vivência e elaboração de projetos, singularmente re-significados pelos indivíduos. A conjuntura demarca os limites do possível, mas não limita os sonhos, que são construídos no presente com vistas a serem concretizados mais adiante, num futuro promissor. Uma das características da juventude analisada, refere-se à aposta no futuro, pleno de possibilidades.

Quanto ao presente, ser jovem pode significar aproveitar a vida, valorizando-se o momento atual, uma vez que estejam livres de maiores responsabilidades, especialmente com o seu grupo familiar. Outros jovens, da mesma idade, podem não ter a mesma impressão do tempo presente, em virtude, principalmente, dos compromissos assumidos.

Assim, a re-significação do tempo também refere-se à concepção de juventude. Para os jovens casados, os solteiros, que precisam auxiliar a família para a sobrevivência de todo o grupo e as gestantes ou com filho(s), ser jovem deixa de significar despreocupar-se com a vida e aproveitá-la, divertindo-se. Não com a mesma intensidade, os jovens nessa situação comportam-se mais como adultos, pois a maternidade/paternidade e o exercício do trabalho para auxiliar a família na sua sobrevivência, fornece-lhes esse novo *status*. Todavia, ainda se reconhecem como jovens, mas percebem distinções ao se compararem com amigos que são solteiros ou que não precisam auxiliar em casa.

Outras distinções percebidas, referem-se à concepção de juventude. Ao mesmo tempo em que o período juvenil é valorizado, relacionado ao momento de diversão, “à melhor época da vida”, com referência ao ânimo, à disposição e à facilidade para aprender e se adaptar às diferentes situações, casados e solteiros unem-se em coro para dizer que a juventude de hoje está desinteressada pelo trabalho e pela escola. Os jovens estão descrentes com relação ao conteúdo da juventude. Assim, sua representação está marcada pela ausência dos elementos que a princípio a caracterizavam.

Apreendida de forma homogênea, a juventude é considerada enquanto falta, no que se refere a atributos valorizados, quais sejam: a responsabilidade, o respeito e a humanidade. Estes últimos relacionados à violência, que invade as escolas e as ruas.

Segundo algumas impressões, a juventude, com a recusa do trabalho e/ou da escola, estaria voltada para o exercício de atividades ilícitas, incluindo as drogas, devido à falta de orientação dos pais, de diálogo e respeito pelos mesmos. O universo familiar é uma esfera muito importante para os jovens, enquanto referência de apoio, proteção e orientação para a vida.

A família tem grande relevância enquanto grupo de apoio para os jovens, sendo a esfera da vida mais valorizada por eles. É o ponto de apoio nas horas difíceis: na perda do emprego, no auxílio à maternidade/paternidade, motivo pelo qual muitos jovens ainda moram com sua família. Concorre para isso não apenas o fato de não terem como se manterem sozinhos, mas também a preocupação com a mãe. A figura da mãe é central nas representações sobre a família. Para os jovens, sua ausência é sempre lembrança dolorida, no caso de falecimento. Quando se trata de separação dos pais, há sempre o desejo da reconciliação, a vontade de ter de volta a figura da mãe como a chefe da casa, combinada com figura do pai, o chefe da família.

Outro lamento refere-se à falta de tempo para ficar com a família. O trabalho define os tempos da vida: o tempo das outras esferas. Todavia, o tempo que não é liberado para estar com os familiares é reconhecido como tempo tomado pelo trabalho, representado como excessivo, que desequilibra a própria vida e os outros tempos que precisam ser vividos.

Um desses tempos refere-se ao lazer, definido e determinado pelo tempo do não trabalho. A importância do lazer, segundo representações, está ligada à necessidade, não apenas de descanso e distração, conseguidos com a presença de familiares e amigos, como também de recuperação das forças para a adaptação ao trabalho, à sua rotina. Não é, portanto, um descanso que impõe um espaço temporal não relacionado ao trabalho, no sentido de negá-

lo, mas é um tempo de recuperação para o trabalho, afirmando-o, segundo o propósito de que as forças físicas, mentais e psicológicas, necessárias à rotina, possam ser recobradas.

Enquanto momento de diversão, o lazer é idealizado, segundo representações referentes aos espaços socialmente reconhecidos como universos da juventude: cinema, parques, shows. Ainda que não sejam desfrutados com frequência, permanecem importantes enquanto espaços de reconhecimento social, de pertencimento ao mundo jovem.

A possibilidade de desfrutar desses espaços, que são pagos, está condicionada ao exercício do trabalho. Os jovens não questionam a necessidade do ser humano trabalhar. Para eles, há sentido em exercer uma atividade que é a única forma legítima de acesso a uma vida decente, longe da marginalidade, principalmente em um meio sujeito às formas de violência, como é o caso de Carapicuíba. Nesse local, especificamente, as pessoas são divididas em trabalhadores e marginais, estes últimos correspondendo aos traficantes e usuários que não trabalham nem estudam.

A marginalidade denota irresponsabilidade, não é forma legítima de conseguir o que se deseja. É necessário, portanto, evitar a ociosidade. Os jovens se preocupam em não ficar “parados” uma vez que, em sua análise, pela idade, já deveriam estar trabalhando, mesmo quando os pais os mantêm. Muitos falam em ter qualquer trabalho, em não escolherem muito, em função, por um lado, da dificuldade de conseguirem um emprego, principalmente para os jovens que já têm filho ou passam pela experiência do desemprego prolongado. Por outro lado, porque o importante é o salário no final do mês, o dinheiro “limpo” que possibilita autonomia e independência parciais.

Ainda que o trabalho seja considerado importante para todos os jovens entrevistados, a aparente homogeneidade esconde uma diversidade de expectativas com relação a essa atividade. As representações desenvolvidas sobre o trabalho estão relacionadas a fatores conjunturais, como a situação de desemprego, às experiências profissionais, à situação profissional do chefe provedor, se empregado ou desempregado, ao estado civil do jovem, casado ou solteiro, à relação com a escola e aos projetos futuros.

O tempo presente é muitas vezes marcado por experiências de precariedade no trabalho, principalmente no que se refere às relações empregador-empregado. Queixas de desrespeito, relacionadas à falta de cumprimento pelo patrão de algumas determinações que estão no direito do trabalhador, além da questão do assédio, por exemplo, são traduzidas, nos depoimentos, pela negação do trabalho assalariado e a conseqüente idealização do trabalho autônomo, vinculado à idéia de liberdade. Esta relaciona-se ao caráter de auto-realização.

Nesse sentido, existe sempre presente uma dimensão expressiva, de realização pessoal por meio do trabalho, ainda que enquanto projeto futuro. Esse projeto diz respeito à profissionalização por meio de um curso universitário ou técnico para o qual acreditam ter aptidão e, neste sentido, está relacionado à realização do sonho de exercer a profissão desejada. Ao lado de projetos dessa espécie, há expectativas de conseguir empregos ou cargos melhores do que os atuais, não por meio de um curso universitário ou técnico, embora não menos investidas do desejo de realização pessoal. Todas essas construções são elaboradas no presente, influenciadas pela experiência profissional do passado e com o intuito de serem realizadas no futuro.

No entanto, essas elaborações não são feitas sem tensões e descompassos com o tempo interior, subjetivo. O tempo cronológico é re-significado pelo tempo interior, estando também na dependência de fatores conjunturais. Assim, o desemprego do chefe provedor e/ou a gravidez inesperada fazem com que ocorra uma reorganização interna, no plano dos significados, no sentido de ser necessário dar uma resposta à situação exigida. É preciso uma readaptação e, muitas vezes, uma suspensão dos planos elaborados, com base no tempo cronológico, significando também uma reorganização interna. Se, antes, o jovem podia organizar os projetos a serem concretizados no futuro, com vistas à satisfação individual, é no coletivo que precisa pensar agora. Trabalhar para auxiliar a família, sua sobrevivência, em virtude do desemprego do chefe provedor ou em razão do casamento, principalmente pelo filho. As duas situações são permeadas pelo peso da responsabilidade, expressa em suas falas.

A conjugação do trabalho com a escola, realizada principalmente por jovens que auxiliam a família, indica-lhes também a exigência da responsabilidade com o grupo familiar. Ao mesmo tempo, revela seu pertencimento ao universo jovem. Segundo sua percepção, a dupla jornada, trabalho e escola, é uma iniciativa empreendida principalmente por jovens. Fatores como disposição, energia, facilidade de adaptação estão relacionadas a esses indivíduos, sendo também reflexos de uma concepção generalizada nos dias de hoje, fomentada pelos meios de comunicação e estando relacionada a uma espécie de “juvenilização”, que implica a valorização da juventude, apesar do pessimismo, em alguns aspectos, em relação à mesma.

De qualquer forma, é a conjugação do trabalho com a escola que propicia aos indivíduos jovens a ocupação “útil” do tempo, permitindo-lhes dizer que, diferente dos adultos, na falta de um emprego, têm como se ocupar. A atividade esportiva também tem essa finalidade. Assim, consideram mais dramático o desemprego para os adultos, em virtude de sua maior responsabilidade com a família que deve sustentar e, portanto, a idéia de trabalhar está ligada à obrigação. Também, e não menos importante, está a questão da “desocupação” do tempo do adulto e da ausência de uma atividade de substituição ao trabalho para esse indivíduo “acostumado” a trabalhar.

Todavia, se a opinião com relação ao trabalho e ao desemprego do adulto parece ser quase um consenso, não podemos dizer o mesmo quanto ao desemprego dos jovens. As mulheres jovens casadas e/ou com filho, em virtude da necessidade de trabalhar e da dificuldade de conseguir um emprego em função de sua gravidez, aliado ao fato de terem deixado de estudar por causa dessa gravidez, vivenciam com mais dramaticidade a situação de desemprego, aproximando-as dos adultos. Da mesma maneira, os jovens casados e alguns daqueles que precisam auxiliar a família não fazem diferença entre a dificuldade da sua situação de desemprego e a dos adultos.

Para todos os jovens, a primeira referência quanto à importância do trabalho na vida das pessoas está relacionada à manutenção da vida, à sobrevivência. Ao lado do salário, é

importante haver um bom ambiente e boas relações interpessoais. Nesse sentido, o espaço do trabalho é humanizado e as relações sociais empregador-empregado são diluídas por elementos ligados à afetividade, um bom chefe, “um cara legal”, que trate bem o funcionário. A ausência dessas condições, pode levar o jovem a abandonar o seu emprego, principalmente se ele trabalha apenas para adquirir objetos pessoais e para poder sair com os amigos. Assim, para começarem a trabalhar, o fundamental é o dinheiro, que possibilita a autonomia e também a responsabilidade de sua utilização no auxílio à família. Isto dá sentido ao trabalho, ao fato de sair de casa, encarar rigidez de horários e, muitas vezes, realizar atividades desgastantes. Para permanecerem no trabalho, o fundamental são as amizades e o bom relacionamento com a chefia, principalmente para as mulheres.

Interessante notar a importância do aprendizado no trabalho, para os jovens do sexo masculino. Esse fator pode estar relacionado às representações tradicionais sobre a divisão de papéis dentro de casa, cabendo ao homem, em uma situação ideal, prover sua família, sendo responsável por ela. Nesse sentido, o trabalho deve ser aprendido pelos jovens homens, que serão os futuros provedores em seus lares. O trabalho, para o sexo masculino, liga-se, portanto, à idéia de obrigação, devendo ser aprendido o quanto antes.

Na escola, jovens homens e mulheres, também aprendem. Todavia, o conteúdo das matérias aparecem de forma vaga e imprecisa, enquanto significativas para os jovens, para sua vida. Por outro lado, a convivência entre as pessoas, o coleguismo, a solidariedade ganham espaço e são reconhecidas como “matérias” também aprendidas na escola. Ao mesmo tempo, a presença da violência nas salas de aula e corredores dos colégios também é referida como sendo algo que aprendem e de que, certamente, não gostam, o que faz com que se distanciem da escola: no plano dos significados, enquanto espaço de importância que podia preencher em sua vida, ou ainda, na ação efetiva, que significa abandonar os estudos ou estabelecer com a escola uma relação de eterna intermitência.

A presença dos amigos, das relações interpessoais, que tornam o espaço da escola agradável, quando invadida pela violência, conjugada com a falta de interesse dos professores, de material escolar, de infra-estrutura, amenizam a difícil tarefa da conjugação

com o trabalho. Pela maior parte dos jovens, essa conjugação é feita segundo uma relação instrumental. A necessidade de maiores níveis escolares para o ingresso em vários empregos e para a manutenção do já existente, faz com que muitos jovens se matriculem nos cursos noturnos, no intuito de apresentarem-se mais aptos, mais “qualificados”, o que significa um empenho difícil para terminar o ensino médio para a maioria e, para alguns outros, o ingresso nos cursos técnicos e na universidade.

Outro grupo de jovens tem uma relação menos instrumental com a escola, ainda que a relacione com o trabalho. São jovens que também conjugam sua atividade escolar com o seu emprego. Todavia, o intuito é ingressar em uma universidade, visando uma realização pessoal conseguida por meio de uma profissão liberal que lhes traga, ou não, benefícios financeiros imediatos. Assim, para eles, o emprego atual contém o possível, a realização do sonho futuro, por meio do seu financiamento. Ao mesmo tempo, a carreira escolhida, a profissão liberal, pode não ser representada enquanto emprego, mas enquanto uma atividade capaz de proporcionar a realização do indivíduo, ainda que o mesmo precise continuar trabalhando para manter sua vida e seu sonho.

O trabalho e o estudo são importantes para os jovens, mas não são representados da mesma forma e tampouco ocupam o mesmo espaço em sua vida, enquanto significação. De qualquer modo, não se trata, simplesmente, de escolherem entre uma ou outra atividade. Por razões diversas, ambas trazem, nas dimensões do tempo exterior e subjetivo, momentos de libertação, encantamento e desencantamento.

No que se refere ao espaço, ele é o mesmo: de moradia e de lazer, de violência e de amizades. Os jovens da pesquisa têm em comum viverem em um mesmo local e terem a necessidade de trabalharem em outro. Todavia, a representação de sua vivência é singular, mas ainda assim, apontam-nos algumas pistas com relação à importância do trabalho e sua relação com as outras esferas, também vivida por outros jovens.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO. H.W. "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil" in Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, anped, 1997, n5 e 6. p25-37
- _____ Cenas juvenis. punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo. Editora Página Aberta Ltda. 1994
- ALVIM.R. "O trabalho infanto-juvenil em discussão" in terceirização. Diversidade e negociação no mundo do trabalho. São Paulo, HUCITEC, 1994
- ANTUNES. R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho São Paulo, Cortez, 1995.
- ARENDT. H. A condição Humana. São Paulo. Editora Forense-Universitária, 1981.
- ARIAS. A. R. "Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década" in Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. vol.2. Brasília: CNDP, 1998. p519-545
- ÁRIÈS. P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978
- BAJOIT.A & FRANSSEN.A. "O trabalho: busca de sentido" in Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. anped. 1997 n5 e 6 p 76-96
- BERNARDES.R. Trabalho: a centralidade de uma categoria analítica. São Paulo em Perspectiva, 8(1), jan-mar de 1994. p.33-41.
- BILAC. E. D; Famílias de Trabalhadores: Estratégias de Sobrevivência. São Paulo, Símbolo, 1978.
- BOCK.S.D. "A inserção do jovem no mercado de trabalho". In Abramo et ali (org) Juventude em Debate. São Paulo. Cortez, 2000. p.11-17.
- BOTH.E. Família e Rede Social. Rio de Janeiro, Alves Editora, 1976
- BOURDIEU. P. Escritos de Educação. Petrópolis, Vozes, 1999. cap III e cap IV.
- _____ & PASSERON. J-C. "O tempo e o espaço no mundo estudantil" in Sociologia da Juventude, vol 4, Britto. S (org), Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- BOUVIER. P. Le travail au quotidien. Paris, PUF, 1989.

- BRANDÃO.C.R. Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil. Campinas. Editora da Unicamp. 1993.
- BRUSCHINI. C. Mulher, casa e família. cotidiano nas camadas médias paulistanas. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 1990
- BUZZI.C. Transgressão, desvio e droga. In Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped. 1997. p.167-180
- CHARLOT.B. Relações com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 97. maio de 1996. p.47-63
- CLOT.Y. (s/d). Jeunesse, travail, société- voies et enjeux d'une mutation (mimeo). p.3-12.
- COLBARI, A. Ética do Trabalho. São Paulo: Letras & Letras, 1995.
- CORROCHANO.M.C. Jovens olhares sobre o trabalho. Um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação-USP. 2001
- CUNHA.S. Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens. Campinas. Tese de doutorado. Unicamp. 1992
- DIEESE. A reestruturação produtiva no comércio São Paulo. Dieese. Estudos setoriais 1999.
- _____ Dieese conclui a primeira pesquisa de orçamentos familiares após o Plano Real Boletim Dieese. São Paulo, 1996, n 185- Agosto.
- _____ Relatório metodológico. Pesquisa de emprego e desemprego-PED. São Paulo. Seade/Dieese. 1995.
- EVELYN. S.S. A Produção da Vida: Estudo do Papel e Lugar do trabalho na Vida Contemporânea. São Paulo. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia (FFLCH-USP). 1998.
- _____ Cadê a festa? Estudos das migrações temporárias de um grupo de trabalhadores rurais do sertão da Bahia. São Paulo. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia (FFLCH-USP), 1988.
- FAUSTO, A. M. Q. N. Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho. Petrópolis, Editora Vozes, 1982
- FORACCHI. M. M. A participação social dos excluídos. São Paulo. HUCITEC, 1982.

_____ "O conflito de gerações" in A Juventude na Sociedade Moderna; São Paulo, Pioneira, 1972, p19-33

_____ O estudante e a transformação da sociedade no Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

GOMES. J.V. "Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego" in Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. anped. 1997, n 5 e 6 p 53-63.

GORZ. A. Adeus ao proletariado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1982

GOUVEIA. A.J. "O trabalho do menor- necessidade transfigurada em virtude". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 44, fev, p 55-62, 1983.

GUIMARÃES.A.S. et ali. Imagens e identidades do trabalho. São Paulo. HUCITEC. 1995.

HAGUETTE.T.M.F. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis, Editora Vozes. 1987.

HARVEY. D. "Acumulação flexível- transformação sólida ou reparo temporário" in A condição pós- moderna- uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo, Editores Loyola. s/d. p 177-184.1992.

HIRATA.H & HUMPHREY.J. "Estruturas familiares e sistema produtivo: famílias em crise". In Dossiê Modos de vida, Tempo Social. Vol 4 (1-2), Revista de Sociologia da USP, São Paulo. 1994. P.11-131.

HABERMAS, J. A nova Intransparência. Novos Estudos Cebrap, n.18, 1987

HOBSBAWN.E.J. A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

IANNI.O "O mundo do trabalho" São Paulo em Perspectiva, 8(1) jan-mar de 1995. p 2-12.

ITANIA. "O trabalho, sua invisibilidade e seu estudo: algumas considerações a partir do trabalho nos serviços de transporte". Tempo Social. Vol 8 (1). Revista de Sociologia da USP. 1994. p.161-193.

KEIL. E.T, RIDDELL D.S e GREEN. S.R "Problemas de uma Sociologia da Juventude Operária" in Brito, S (Org) Sociologia da Juventude II.; Rio de Janeiro, Zahar, 1968. p 89 - 115.

LASCH.C. Refúgio num Mundo sem Coração. A Família: Santuário ou Instituição Situada? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

- LEFEBVRE. H. La présence et l'absence-Contribution à la théorie des représentations, Castermann, Belgique, 1980.
- LEITE.M.P. "Inovações tecnológicas e relações de trabalho. A experiência brasileira à luz do quadro internacional" in Castro.N.A (org). A máquina e o equilibrista- Inovações na indústria automobilística brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- LETELIER.M.E. Escolaridade e inserção no mercado de trabalho. Caderno de pesquisa, n.107, julho de 1999, p 133-148.
- LEWIS.O Antropologia de la pobreza, Fondo de Cultura Económica, México, 1961.
- MADEIRA. F.R. "Recado dos jovens: mais qualificação" in Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. vol2. Brasília: CNDP, 1998. p427-499.
- _____ Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas. São Paulo. São Paulo em Perspectiva, Fundação SEADE, vol.7. n.1. 1993. P. 70-83.
- MAGNANI.J.G.C. Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, HUCITEC, 1998.
- MANNHEIM, K. "O Problema da Juventude na Sociedade Moderna" in Brito, S (org); Sociologia da juventude I; Rio de Janeiro, Zahar, 1968, p 69-95
- MARQUES.M. S. "Escola Noturna e Jovens" in Juventude e Contemporaneidade Revista Brasileira de Educação. Anped.1997.n5 e 6.
- MARTINS.J.S. (org). "As representações e o possível" in Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo, HUCITEC, 1996. P.87-97.
- _____ A chegada do estranho. São Paulo. HUCITEC, 1993.
- _____ Capitalismo e tradicionalismo in "A valorização da escola e do trabalho no meio rural." São Paulo, Editora Pioneira. 1975. p. 83-102
- MARX.K. "Manuscritos econômicos filosóficos". In coleção Os pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1987. p. 165-214.
- _____ O capital. vol1. São Paulo, Nova Cultural, 1985
- _____ Formações econômicas pré-capitalistas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975
- MATTOSO.J.E.L. Trabalho sob fogo cruzado. São Paulo em Perspectiva, 8 (1), jan-mar de 1994. p. 13-21.
- MELUCCIA "Juventude, tempo e movimentos sociais." in Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação Anped. 1997. p.5-15

- MILLS.W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro.Zahar. 1969.
- MONTALI, L Família e Trabalho na Conjuntura Recessiva. São Paulo: tese de doutorado, departamento de Sociologia (FFLCH), 1995.
- _____ “Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida” in Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 15. n. 42. fev. 2000. p.41-75.
- NASSER. A.C. Sair para o mundo- trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos. São Paulo: tese de doutorado, departamento de sociologia (FFLCH), 1996
- OFFE.C. “Trabalho, categoria chave da sociologia?” Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1989.
- PAIS, J. M Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea Lisboa, 1998.
- _____ Jovens em mudança. Actas do congresso internacional growing up between centre and periphery. Lisboa, 2-4 maio de 1996.
- _____ "Emprego Juvenil e Mudança Social: Velhas Teses, novos modos de vida". Análise Social, 1991. P 945-988.
- _____ "A Construção Sociológica da Juventude". Análise Social, 1990. p 139-165
- PALÁCIOS. J. “O que é adolescência.” In Coil.C et al.(org) Desenvolvimento psicológico e educação.Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. p.263-272
- PANFICHI.A. "Los pobres de las ciudades latinoamericanas: balance y perspectivas teoricas" in Revista de sociología. Lima, Peru, Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 1994. Vol8
- PARK.R.E. "The Sociological Methods of Willian Graham Sumner, and of Willian.I. Thomas and Florian Znaniecki in Society: Collective Bahavior News and Opinion, Sociolgy and Modern Society United States of America, The Free Press, 1955. p. 243-267.
- PEREIRA.L. Trabalho e desenvolvimento no Brasil. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1965.
- POCHMANN.M. A inserção ocupacional dos jovens nas economias avançadas. Workshoops Emprego e desenvolvimento tecnológico. agosto de 1998. São Paulo. Dieese/Cesit/ CNPq.
- ROSA. M.I. Trabalho, Subjetividade e Poder. São Paulo, Letras& Letras, 1994.

- ROSENMAYR.L; "A Situação Sócio-Econômica da Juventude de Hoje" in BRITO, S (org); Sociologia da juventude I; Rio de Janeiro, Zahar, 1968, p 133-177
- SABOIA, A.L. "A situação Educacional dos Jovens" in Jovens Acontecendo nas Trilhas das Políticas Públicas vol2. Brasília, CNPD,1998
- SARTI, C. A. A Família como Espelho: Um Estudo Sobre a Moral dos Pobres. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.
- SEADE. Vinte anos no ano 2000. Estudos sociodemográficos sobre a juventude paulista. São Paulo.Seade. 1998.
- SOBRINHO.G.X. "Base técnica e força de trabalho: parâmetros analíticos e desafios presentes" in Força de trabalho e capacitação tecnológica em um segmento recente da indústria . Brasília, SESI, 1995. p.21-54.
- SOUZA MARTINS. "A juventude no contexto da reestruturação produtiva" in Abramo et alli (org) Juventude em debate. São Paulo, Cortez, 2000. p.17-40.
- _____ "O Jovem no Mercado de Trabalho" in Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. anped.1997. n5 e 6. p 96-110.
- SPOSITO.M.P. "Estudos sobre juventude em educação." in Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped. 1997. n 5 e 6. p 37-53.
- _____ "A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade". in Tempo Social. Vol 5 (1-2). Revista de Sociologia da USP. 1994. p. 161-178
- TELLES.V.S. "A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo". In Dossiê Modos de vida. Tempo Social. Vol.4 (1-2). Revista de Sociologia da USP. 1994.p 53-93.
- VELHO, G . "Família e Subjetividade" in ALMEIDA, A. M.(org.) Pensando a Família no Brasil - da Colônia à Modernidade. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1987
- _____ Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro, Zahar. 1986.
- _____ "Observando o familiar" in Nunes. E. O (org). A aventura Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar. 1978. p.36-46.
- VILAR.D & GASPAR A.M. "Traços redondos – A gravidez em mães adolescentes" in PAIS.M. (org). Traços e riscos de vida. Lisboa. Ambar. 1999.
- WEBER.M. Economia e sociedade. Brasília. Editora UnB. 1991.

_____ A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira Editora, 1983.

_____ Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

ZALUAR.A. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985.

Jornal:

Jornal Da USP- Especial Trabalho- Trabalhando por um País mais Justo. 10 a 17 de maio 1999- Coordenadoria de Comunicação Social

Revista VEJA ano 33.n.52. 27. dez de 2000.

